



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

EVELYN DE SOUZA MAYER

**O DISCURSO ANTICIENTÍFICO BRASILEIRO NO
ECOSSISTEMA *TWITTER* DURANTE A
PANDEMIA DE COVID-19:
REFLEXÕES À LUZ DA ANÁLISE DE DISCURSO**

Londrina
2025

EVELYN DE SOUZA MAYER

**O DISCURSO ANTICIENTÍFICO BRASILEIRO NO
ECOSSISTEMA *TWITTER* DURANTE A
PANDEMIA DE COVID-19:
REFLEXÕES À LUZ DA ANÁLISE DE DISCURSO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual de Londrina - UEL, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Doutora em Estudos da Linguagem.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Isabel Cristina Cordeiro.

Londrina
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

M468o MAYER, EVELYN DE SOUZA.
O DISCURSO ANTICIENTÍFICO BRASILEIRO NO ECOSISTEMA TWITTER DURANTE A PANDEMIA DE COVID19: : REFLEXÕES À LUZ DA ANÁLISE DE DISCURSO. / EVELYN DE SOUZA MAYER. - Londrina, 2025.
167 f. : il.

Orientador: ISABEL CRISTINA CORDEIRO.
Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2025.
Inclui bibliografia.

1. ANÁLISE DE DISCURSO - Tese. 2. REDES SOCIAIS - Tese. 3. PANDEMIA - Tese. 4. EXTREMA DIREITA - Tese. I. CORDEIRO, ISABEL CRISTINA. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 8

EVELYN DE SOUZA MAYER

**O DISCURSO ANTICIENTÍFICO BRASILEIRO NO ECOSISTEMA
TWITTER DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19:
REFLEXÕES À LUZ DA ANÁLISE DE DISCURSO.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Estadual de
Londrina - UEL, como requisito parcial para a
obtenção do título de Doutora em Estudos da
Linguagem.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Isabel Cristina
Cordeiro
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Rosemeri P. Baltazar Machado.
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Lolyane C. Guerreiro de Oliveira
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Givan José Ferreira dos Santos
Universidade Tecnológica Federal do Paraná –
UTFPR

Prof. Dr. Hertz Wendel de Camargo
Universidade Federal do Paraná – UFPR

Londrina, 28 de fevereiro de 2025.

AGRADECIMENTOS

Em meu mestrado, dissertei sobre o Discurso Conservador no *Facebook*, pois entendo que o trabalho de pós-graduação é autobiográfico. E, no meu caso, era. Eu, por muitos anos, me assujeitei a grupos extremistas de direita em páginas sociais sem nem me dar conta de que eram extremistas de direita. Como fui criada em berço católico e sentia a necessidade de corresponder a essa ideologia, mergulhei em águas mais profundas desse universo, por longos dez anos, desde o *Orkut* até o *Facebook*. Sentei à mesa com olavistas, escrevi para páginas católicas difundindo teorias conspiratórias de todo tipo, tentei ser a mulher bela, recatada e do lar que aquele viés ideológico cobrava de mim. No entanto, em 2014, após perceber que já havia uma movimentação para que Jair Messias Bolsonaro fosse presidente do país, passei a questionar tudo o que acreditava até então. Com o fim do meu casamento no mesmo ano, depois de nove anos de união e um filho amado, decidi me divorciar de tudo – marido, fé católica, ideologia de direita – e pus-me a refletir sobre quem era o posicionamento discursivo Evelyn. E dessa reflexão nasceu minha dissertação.

Animada em seguir estudando a Análise de Discurso de linha francesa e a extrema-direita, decidi fazer o doutorado, afinando o olhar para uma das vertentes dessa ideologia: o anticientificismo. Fazia sentido a mim estudá-la, pois uma das justificativas dessa corrente é a construção de uma nação elitizada e o saber científico – conforme entendem – faz parte dessa elitização. Utilizei o recorte pandêmico como linha do tempo e iniciei minha pesquisa. Mal poderia saber que o processo me resignificaria, mas também me entristeceria. Tive depressão ao longo da jornada, algo muito comum em estudantes de pós-graduação, afastei-me muitas vezes da pesquisa e concluí que havia escolhido um tema muito duro, porém necessário de se olhar. É que a pandemia, de fato, nos entristeceu. Não foram apenas as perdas eternas de entes queridos, mas as simbólicas doerem igualmente. A humanidade foi posta à prova. Foi doloroso entender que estávamos sós em nosso país, desassistidos por um governo que jurou ser pró-vida; não enxergar mais os ritos democráticos e humanísticos de vários lugares era afrontoso. Não foram dias fáceis e as marcas daquele período, cheias de significações, seguem em nós. Encerrar esta pesquisa é, sem dúvida, um ato de sobrevivência. De resistência!

E eu jamais poderia terminá-la sem o apoio e orientação de minha orientadora, Isabel Cristina Cordeiro. Obrigada por cada sorriso, puxão de orelha, meme. Foi muito

bom tê-la por perto nesses quatro anos. Eu queria ter sido melhor, juro! Mas o que mais acalenta meu coração é saber que você sempre acreditou em mim. Vou guardá-la com muito carinho! Obrigada também à minha sempre co-orientadora, Rosemeri Passos Baltazar Machado, por acreditar em mim desde os meus tempos de fanatismo. Se não fosse você, eu não teria chegado até aqui. Muitíssimo obrigada.

Também preciso agradecer à minha mãe, por ter sido a primeira mulher da família a ter um diploma universitário. Mãe, você abriu caminhos, ressignificou trajetórias, mostrou que o saber era de direito das mulheres. Eu a amo demais! Obrigada aos meus irmãos, Viviane e Tiago, por acreditarem que era possível. Obrigada ao meu filho, Bernardo, por ser, existir, estar comigo e em mim. Foi ao me recordar de você, filho, que recobrei as forças para seguir com essa pesquisa, afinal, o que me motiva à maternidade é sempre pensar: “que mundo vou deixar para o meu filho?”. É a partir deste questionamento que sigo fazendo tudo para deixar um mundo melhor para você. Porque eu o amo. Muito!

Obrigada a todos os professores da pós-graduação, a todos os amigos e colegas de curso, também àqueles que se mantiveram meus amigos ao longo da minha existência, mesmo quando eu ainda acreditava cegamente em todo tipo de conspiração. A todos os meus sobrinhos, familiares e colegas de profissão, meu muito obrigada. Gratidão também ao *stand-up*, arte da qual passei a fazer parte desde o fim do meu mestrado e que, se não fosse por ele, eu não teria conseguido olhar o belo de todo esse desafio. Aos colegas dessa profissão, obrigada.

Se há algo ainda a dizer é que não podemos perder a esperança. E isso implica em não nos culparmos por desanimarmos no meio do caminho. Devemos nos lembrar de que somos humanos, de que não estamos sós, de que muitos seguem batalhando pelo alvorecer da verdade e agradecer ao universo por isso. Enquanto houver humanidade, haverá Análise de Discurso, haverá ciência, haverá persistência, haverá amor.

O posicionamento discursivo Evelyn que encerra essa pesquisa, realizada em meio a tantas mudanças – de pessoa, de estado, de vida, de profissão e de alguém que alcança um título cuja porcentagem em nosso país é de apenas 0.2% da população, segundo a CAPES (2024) –, compreende que precisamos seguir sendo resistência, mesmo que cansados! Há um futuro à nossa espera.

Dedico esta tese aos sobreviventes das fake news durante a pandemia de coronavírus em 2020 e em memória dos que a elas sucumbiram.

RESUMO

MAYER, Evelyn de Souza. **O discurso anticientífico brasileiro no ecossistema *Twitter* durante a pandemia de covid-19**: reflexões à luz da análise de discurso. 2025. 167 f. Tese (Pós-Graduação em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2025.

O trabalho apresenta a análise realizada a respeito do discurso anticientífico brasileiro na mídia social ecossistema *Twitter*, a partir da Análise de Discurso (de linha francesa), averiguando as condições de produção (CPs), a formação discursiva (FD) e a formação ideológica (FI), durante ao ano de 2020, ano 1 da pandemia de coronavírus. Realizou-se uma pesquisa de cunho bibliográfico acerca do discurso anticientífico na *web*, bem como sobre *fake news*, teorias conspiratórias e redes sociais, por meio de um levantamento teórico acompanhado de análise de corpus. Os corpora foram selecionados a partir de uma linha do tempo, desde a descoberta da disseminação do vírus até a exigência da vacinação. As imagens selecionadas são postagens realizadas em páginas da rede analisada que se posicionam à direita e que apoiaram discursos e posicionamento de Jair Messias Bolsonaro, presidente à época. Foram cinco postagens selecionadas de diferentes páginas, e os temas das publicações abordavam sobre *lockdown*, comunismo chinês, kit-covid, obrigatoriedade vacinal e uso de máscaras. Ao final da análise, observou-se que o discurso anticientífico presente no ecossistema *Twitter* é interpelado por referências conspiratórias norte-americanas (como o *QAnon*), é reacionário e constitui uma identidade de direita bolsonarista, assemelhando-se ao que se vê nos Estados Unidos, com a direita trumpista. Discursos contrários à ciência, às orientações de organizações renomadas de saúde e posicionamentos favoráveis a moções autoritárias também foram percebidos. Todas as reflexões levantadas ao longo do trabalho fomentaram o interesse em refletir como a extrema-direita age nas redes, bem como animou a planejar novas estratégias progressistas, de combate à infodemia, a fim de que se resgate o interesse na sociedade em verificar informações disseminadas na *web*, caminhando para cada vez mais longe de um mundo em que as teorias de conspiração infiram no comportamento de uma sociedade frente a uma pandemia.

Palavras-chave: Discurso Anticientífico; Condições de Produção; Formação discursiva; Formação ideológica.

ABSTRACT

MAYER, Evelyn de Souza. **The Brazilian anti-scientific discourse on Twitter's ecosystem during the COVID-19 pandemic:** reflections in light of discourse analysis. 2025. 167 p. Thesis (PhD in Language Studies) – Center of Letters and Human Sciences, State University of Londrina, Londrina, 2025.

The work presents the analysis performed regarding the Brazilian anti-scientific discourse on the social media Twitter, based on Discourse Analysis (French theory), investigating the production conditions (PCs), the discursive formation (DF) and the ideological formation (IF), during 2020, year 1 of the coronavirus pandemic. A bibliographical research was executed on anti-scientific discourse on the Internet, as well as on fake news, conspiracy theories and social networks, through a theoretical survey accompanied by corpus analysis. The corpora were selected based on a timeline, from the discovery of the virus spread to the requirement for vaccination. The selected images are posts made on pages of the analyzed network that presented themselves as right-wing and supported both speeches and positioning of Jair Messias Bolsonaro, president at the time. There were five posts selected from different pages, and the themes of the posts covered lockdown, Chinese communism, the covid kit, mandatory vaccination and the use of masks. At the end of the analysis, it was observed that, despite there being discursive heterogeneity in right-wing ideology on the Brazilian internet, the anti-scientific discourse present on Twitter is incited by North American conspiratorial references, such as QAnon, it is reactionary, and constitutes an identity of Bolsonarist right, resembling what we see in the United States, with the Trumpist right. Speeches against science, guidelines of renowned health organizations and positions in favor of authoritarian motions were also noticed. All the reflections raised throughout the work fostered interest in thinking about how the extreme right acts on the networks, as well as encouraging the planning of new progressive strategies to combat the infodemic, in order to revive society's interest in verifying disseminated information on the web, moving further and further away from a world in which conspiracy theories influence the behavior of a society in the face of a pandemic.

Key-words: Anti-Scientific Discourse; Production Conditions; Discursive formation; Ideological formation.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Página Patriota Voltou.....	40
Imagem 2 – Publicação da Direita Brasil.....	45
Imagem 3 – Publicação da Tradutor de Direita.....	55
Imagem 4 – Publicação da Página TransVacina.....	60
Imagem 5 – Publicação de Toki Cheung.....	61
Imagem 6 – Recorte das charges das páginas Tradutor de Direita e Toki Cheung, respectivamente.....	62
Imagem 7 – Recorte das charges das páginas Tradutor de Direita e Toki Cheung, respectivamente.....	63
Imagem 8 – Publicação no <i>Facebook</i> da Revista Arco.....	69
Imagem 9 – Recorte da postagem com <i>hashtags</i> de Toki Cheung.....	71
Imagem 10 – Recorte da postagem com <i>hashtags</i> de Toki Cheung.....	72
Imagem 11 – Página de busca do <i>Google</i>	75
Imagem 12 – Bio página Direita do Brasil.....	82
Imagem 13 – Publicação da página Direita do Brasil.....	84
Imagem 14 – Publicação da Prefeitura de Granja-CE.....	86
Imagem 15 – Manual Governo Federal.....	87
Imagem 16 – Publicações Agência Lupa e Observatório da Extrema Direita.....	91
Imagem 17 – Publicações Agência Lupa e Observatório da Extrema Direita.....	91
Imagem 18 – Postagem página Senso Incomum.....	101
Imagem 19 – Bio Página Senso Incomum.....	102
Imagem 20 – Template <i>site</i> Senso Incomum.....	105
Imagem 21 – Bio página Aliados Brasil.....	116
Imagem 22 – <i>Linktr.ee</i> página Aliados Brasil.....	119
Imagem 23 – Resposta Aliados Brasil a um <i>post</i>	123

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAD	Análise Automática do Discurso
AD	Análise de Discurso
ARENA	Aliança Renovadora Nacional
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CFM	Conselho Federal de Medicina
CIA	Central Intelligence Agency
CP	Condição de Produção
CPI	Comissão Parlamentar de Inquérito
EPI	Equipamento de Proteção Individual
FBI	Federal Bureau of Investigation
FD	Formação Discursiva
FI	Formação Ideológica
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
IA	Inteligência Artificial
MAV	Militância em Ambientes Virtuais
MBL	Movimento Brasil Livre
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONG	Organização Não Governamental
OPAS	Organização Pan-Americana da Saúde
PCC	Partido Comunista Chinês
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PL	Partido Liberal
PT	Partido dos Trabalhadores
SARS	Síndrome Respiratória Aguda Grave
SECOM	Secretaria de Comunicação Social
STF	Supremo Tribunal Federal
TSE	Tribunal Superior Eleitoral

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	BREVE PANORAMA DA ANÁLISE DE DISCURSO.....	22
2.1	MECANISMOS DE ANÁLISE EM ANÁLISE DE DISCURSO.....	24
3	SUJEITO E IDEOLOGIA.....	26
4	EXTREMA-DIREITA NO BRASIL E NO MUNDO.....	31
5	ECOSSISTEMA <i>TWITTER</i> : O QUE É?.....	38
6	DA TEORIA À PRÁTICA: ANÁLISE DOS TUÍTES	44
6.1	ANÁLISE 1 – DIREITA BRASIL.....	45
6.2	ANÁLISE 2 – TRADUTOR DE DIREITA.....	55
6.3	ANÁLISE 3 – DIREITA DO BRASIL.....	82
6.4	ANÁLISE 4 – SENSO INCOMUM.....	101
6.5	ANÁLISE 5 – ALIADOS DO BRASIL.....	116
	CONSIDERAÇÕES.....	133
	REFERÊNCIAS.....	145

1 INTRODUÇÃO

A ciência e a vida cotidiana não podem e não devem ser separadas.
Rosalind Franklin

Podemos verificar, nas primeiras décadas do século XXI, um fato: o anticientificismo nas redes sociais. No entanto, durante a pandemia de covid-19, as narrativas anticientíficas ganharam ainda mais credibilidade por diferentes grupos, em especial, na *internet*. Segundo Mello (2020, p. 229-230),

se tem uma coisa que a pandemia do coronavírus provou é que não, a gente não se informa “uns com os outros”, e não adianta simplesmente “ter a *internet*”. O mundo está combatendo não apenas uma epidemia, mas também uma “infodemia¹”, como disse Tedros Adhanom, diretor da Organização Mundial da Saúde (OMS). [...] A infodemia também representa um risco à saúde pública [...].

A ciência, é fato, sempre foi objeto de discussão; suas considerações nem sempre foram aceitas. Um passeio pela história nos lembrará Copérnico perseguido pela Igreja ao provar que a Terra não é o centro do Universo; Galileu Galilei ‘arrependeu-se’ de ter defendido a teoria de que a Terra gira em torno do Sol; Giordano Bruno foi queimado na fogueira da Inquisição por sustentar a hipótese de vida em outros planetas; Ignaz Semmelweis, médico húngaro, foi morto em um sanatório no início do século XIX por argumentar a respeito da morte de parturientes devido à falta de higiene dos médicos; Nikolai Vavilov, botânico respeitado, morreu de fome na Sibéria nos anos 1940, na União Soviética, por perseguição política às suas teorias; a prisão e o exílio de Paulo Freire, educador brasileiro citado em todo o mundo, durante a ditadura cívico-militar no Brasil em meados do século XX, como também a perseguição a, pelo menos, 471 cientistas brasileiros, nesse mesmo período.²

Apesar de a acossa à ciência estar na história no século atual, ela se torna

¹ Segundo a OMS, *infodemia* é um excesso de informações sobre determinado assunto que torna difícil apurar sua veracidade por não ser possível consultar a fonte. Tais notícias são disseminadas de forma exponencial e em momentos cruciais, como foi no caso da pandemia. Fonte: Organização Pan-Americana da Saúde. *Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19*. IRIS, 2020. Disponível em: <https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf>. Acesso em: 20 out. 2024.

² Todos os exemplos citados neste parágrafo são conhecidos em todo o mundo e são facilmente encontrados em obras referentes aos temas, trabalhos acadêmicos diversos e páginas de busca na *internet*.

peculiar por estar envolvida em um outro meio: as redes sociais, ambiente cuja definição do que seja verdade ou não já independe de metodologia científica, e sim ao que, nas mídias, é definido por verdadeiro. Mesmo com evidências, na era atual, os discursos veiculados em páginas de mídias sociais se sobrepõem aos fatos.

É pontual que a *web* transformou as formas de interlocução e interação, atravessando os sujeitos com novas formas discursivas. Assim, os embates que hoje ocorrem não levam à morte física dos cientistas, como historicamente nos é mostrado, mas ao esmagamento moral, à destruição da reputação em postagens de mídias diversas, ao linchamento virtual. Ou, como definiu Calligaris (2017), “a modernidade é a era em que a nossa existência social depende do olhar dos outros: somos quem conseguimos fazer com que os outros acreditem que somos. O berço não nos define, o apreço ou o desprezo dos outros, sim”. O retorno de Donald Trump ao poder³ e a retirada dos Estados Unidos da OMS já nas primeiras horas de seu mandato (Ventura, 2025), bem como nenhum apoio às pandemias, mostram que o presente e o futuro da ciência são incertos e sombrios.

Para Artaxo (2019), os governos que se posicionam contra cientistas nesse início de século agem movidos por interesses econômicos, políticos e religiosos, e o Brasil mostra-se um campo fértil para esse tipo de posicionamento ideológico. Segundo estudo do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, apenas 12% da população acreditam em cientista, enquanto 15% creem em líderes religiosos quando buscam por fontes confiáveis (Exame, 2019). Em um país cujas Formações Discursivas (FDs) advêm da religião, e considerando toda a trajetória educacional e científica do Brasil, é compreensível que parte dos brasileiros creia mais em líderes religiosos do que em cientistas. No entanto, esse mesmo estudo mostrou que 42% da população enxergam malefícios na ciência, número que, em 2015, era de 19%.

Se considerarmos a trajetória histórica e discursiva de 2015 até 2020, veremos que o número de *fake news* ligado a temas diversos pode ter, de certa forma, influenciado na desmoralização da ciência, levando a mais desconfiança na atuação do cientista. Segundo Ferreira (2023), uma pesquisa realizada por Ana Paula Dias

³ Em 6 de novembro de 2024, Donald Trump foi novamente eleito presidente dos Estados Unidos, sendo o primeiro presidente norte-americano eleito condenado por pagamentos ilegais para comprar o silêncio de uma atriz pornô e por tentar anular ilegalmente as eleições presidenciais de 2020, nas quais foi derrotado (Agência Brasil, 2025; BBC, 2025).

(pela Latam Chequea-Coronavirus) mostrou que, no Brasil, os que produziram inverdades durante a pandemia usaram dos aspectos culturais, como saberes populares, religião e hábitos alimentares para trazer veracidade às *fake news*, impactando vários grupos vulneráveis, em especial, os povos indígenas, também os pastores evangélicos, vindo a ser um dos profissionais que mais faleceram de covid-19 em 2020, segundo relatou Dias e Ferreira (2023). Já dados da pesquisa *Welcome Global Monitor 2018* mostraram que 35% dos brasileiros não acreditam na ciência, e 1 em cada 4 afirma que não há nada que a ciência possa contribuir para a melhoria da nação (O Globo, 2019). Segundo a *ONG Oxfam Brasil*, 28% dos brasileiros colocam a religiosidade acima de todas as outras questões (Exame, 2019). Em coluna para o *UOL*, Sakamoto (2020) comenta que pesquisa apresentada pelo *Datafolha* mostrou que 9% dos brasileiros não acreditam e/ou não tomarão⁴ a vacina contra o coronavírus; destes, 7% são terraplanistas.

Na história, entretanto, posicionamentos anticientíficos não foram de apenas uma linha ideológica, já que, para Bunge (2014), apesar de não haver uma simetria entre esquerda e direita, quando se trata da crença no campo científico, a ciência, que outrora assustava apenas o conservadorismo, também intimida, em alguns aspectos, o progressismo. Após realizar uma pesquisa com pessoas de várias correntes ideológicas, a *Ohio State University* (2015) concluiu que o negacionismo científico está tanto na direita, que rejeita mudanças climáticas e o evolucionismo, quanto na esquerda, que desconfia da ciência quando se trata de energia nuclear e estimulação hidráulica. Assim como Bunge (2014), a pesquisa afirma que, apesar de haver anticientificismo nessas ideologias, não se pode considerar que exista uma simetria, pois os progressistas mostraram-se mais propensos à reflexão que os conservadores quando um tema científico se revela contrário às perspectivas ideológicas que acreditam.

Com o avanço das redes sociais, também se disseminaram largamente teorias conspiratórias. Para Nicolas (2016, p. 263), “embora seja agradável pensar o contrário para se tranquilizar, estamos todos inclinados, em graus diversos, a raciocinar na base de explicações do tipo conspiracionistas.” Logo, a conspiração faz parte da realidade humana. Segundo Lobo (Estadão, 2024), pesquisadores compreendem que as redes sociais impulsionaram e popularizaram teorias conspiratórias de forma inédita, e

⁴ O verbo está no futuro, pois faz referência ao momento em que a pesquisa foi realizada.

também concordam que, além do espalharem-se com uma velocidade nunca antes vista, tais teorias têm prejudicado a noção do ser humano do real, prejudicando a vida em sociedade. E isto pôde ser visto durante a pandemia de covid-19, momento histórico em que milhares de teorias conspiratórias quanto ao surgimento, motivação ideológica e tratamentos do coronavírus foram disseminadas. Em entrevista à BBC News Mundo, em 2020, Stephan Lewandowsky, professor de psicologia cognitiva da Universidade de Bristol, no Reino Unido, e especialista em desinformação, afirmou que “qualquer situação assustadora em que as pessoas sintam que estão perdendo o controle de suas vidas tornará algumas delas suscetíveis a teorias conspiratórias.” Ou seja, todos somos passíveis de acreditar (talvez até creiamos!) em uma teoria conspiratória.

Assim, a questão desta tese não é justificar ou ajuizar valores quanto ao crer em uma teoria conspiratória, e sim entender, por meio da Análise de Discurso (doravante, AD), como esses discursos são construídos a cada enunciado postado nas redes e aqui analisados nos corpora, afinal, conforme Bruzzone (2021, p.12), “o fenômeno não é apenas brasileiro”.

Apesar de sabermos que o anticientificismo está sendo discutido em redes sociais de todo o mundo, usamos o adjetivo ‘brasileiro’ para enfatizar que analisaremos páginas brasileiras, a fim de descobrirmos e compreendermos como é a FD brasileira nas redes, e observarmos como esses discursos acontecem nas mídias, afinal, conforme pesquisa realizada pela Faculdade São Leopoldo Mandic, em Campinas (Galileu, 2019), 16,5% dos brasileiros afirmaram não confiar em vacinas, o que nos faz levantar a hipótese se os discursos anticientíficos nas redes sociais podem ser os responsáveis por gerar tal desconfiança.

Como não se pode, segundo a AD, desvencilhar o homem da história e da ideologia, compreender o discurso anticientífico no Brasil atual é considerar como esse discurso cliva os sujeitos e se insere na história através das redes a ponto de influenciar não apenas a realidade virtual, mas – sobretudo – a real. É entender como as *fake news*, durante a pandemia de coronavírus, ganharam espaço e credibilidade, pois, conforme Pasinato (2020), o público acreditou nelas e as disseminou indiscriminadamente.

Orlandi (2009) afirma que o discurso é uma mediação constituída de formulações determinadas por duas perspectivas: o dizível e a relação estabelecida com o interdiscurso. Portanto, analisar o discurso científico durante a pandemia do

coronavírus em 2020 é considerar as transformações pelas quais nossa sociedade vem passando, especialmente por influência do avanço tecnológico e como as redes sociais facilitaram a divulgação de teorias conspiratórias, criando realidades paralelas. Para isso, será preciso, durante o processo de análise, considerar os aspectos sócio-históricos e ideológicos que constituem esses discursos. Será necessário ler nas entrelinhas, entender as possibilidades de sentidos, enxergar o dito e o não dito – mas que dito está – e, como se separasse o joio do trigo, observar o que é discurso científico, o que é conspiratório, entre outros.

Segundo Paveau (apud Glük, 2024), é necessário considerar o ecossistema onde o texto está inserido – no caso em análise desta tese, o ecossistema *Twitter* – para fazer uma análise daquilo que chama de tecnodiscurso, ou seja, um discurso que se faz no meio tecnológico cujos enunciadores digitais são heterogêneos e assumem diversos posicionamentos discursivos, mesmo dentro do espectro ideológico que aqui analisaremos, no caso, o de extrema-direita. Conforme a tese de Eduardo Glük (2024), os estudos recentes em torno do discurso da *web* compreendem que a *internet* não é mais o lugar onde os discursos são depositados, mas sim um ecossistema que potencializou as interações entre os usuários. Logo, as redes passaram de um suporte para uma relação mútua entre tecnologia e usuários, vide os avanços cada vez mais surpreendentes que conseguimos ver diariamente com o uso da Inteligência Artificial, por exemplo. Por isso, nesta tese, o uso da palavra ecossistema está atrelado ao sentido de ‘lugar de interação entre o sujeito e a máquina’, interação que não é unilateral, mas bilateral: a máquina interage com o sujeito, o sujeito interage com a máquina, e nessa interação há condições de produção, formações ideológicas e discursivas, há discurso e produções de sentido.

Escolhemos as postagens do ecossistema *Twitter*⁵ para análise porque percebemos que, nesta rede, o discurso anticientífico é passível de credulidade e mais facilmente espalhado, mesmo que imbuído de conspiração (e talvez por isso seja crível a muitos). Em entrevista ao *El País* (2019), Susana Martínez-Conde, diretora do laboratório de Neurociência Integrada da Universidade Estadual de Nova York, afirma que esse fenômeno “nasce da desconfiança em relação ao conhecimento

⁵ Apesar de essa rede social ter mudado de nome em 24 de julho de 2023, após a compra da plataforma pelo bilionário Elon Musk, passando a se chamar *X*, no Brasil, ainda é comum que os usuários se refiram a esse ecossistema pelo seu nome anterior. Portanto, por uma questão de identificação à rede, manteremos nesta tese o nome *Twitter*.

especializado e de uma maneira errada de entender o ceticismo”.

Orlandi (2009) afirma que o sujeito fala de um lugar que o constitui, levando-o a dizer aquilo a que foi constituído. E isso ocorre porque o sujeito é clivado ideologicamente, e a noção ideológica de que compreende a AD considera a linguagem, meio pelo qual nos comunicamos, como quem nos faz sujeitos na história. Compreender tal noção em AD nos leva a entender como os sujeitos são constituídos, bem como seus discursos, levando-nos a defender a importância desta tese, que está em analisar os discursos anticientíficos em páginas brasileiras nas redes sociais no momento histórico, compreendendo as Condições de Produção (CPs), as Formações Discursivas (FDs) e as Formações Ideológicas (FIs), a fim de entender porque, nessa era de avanços tecnológicos, cada vez mais discursos anticientíficos sobre a covid-19 ganham espaço, sendo considerados e propagados como verdades incontestáveis, mesmo após elucidados no campo científico; é uma proposta reflexiva sobre a temática pela perspectiva da AD⁶, que poderá colaborar acerca da compreensão dos fatos ocorridos durante esse momento no presente e no futuro.

Também porque entendemos que estamos vivendo em uma era de pós-verdade, época em que, segundo Sasaki (2019), os fatos objetivos têm menos estímulo sobre as crenças e apelos emocionais. *Fake news* são grandes propulsoras dessa pós-verdade, pois, conforme Pasinato (2020, p. 71), “o público é quem garante “vida” às *fake news*, haja vista que exerce papel preponderante para que um texto fabricado diante de informações inverídicas ganhe notoriedade e passe a circular na *internet*”.

Outra razão que nos leva a pesquisar esse tema é o notório crescimento da extrema-direita no mundo. Segundo Barnabé *et al.* (2023), é espantosa a ascensão de pensamentos e discursos antidemocráticos no globo, defendendo ideias contra minorias e favoráveis à consolidação de um Estado forte, e que ganharam força a partir dos anos 2000. Afirma ainda, apoiado em Widefeldt (*apud.* Barnabé *et al.*, 2023), que vivemos no momento atual uma quarta onda do extremismo de direita, que não é marcado por violências físicas, mas por discursos polarizantes, populistas, moralistas, tudo com o objetivo de gerar o caos numa sociedade democrática. No Brasil, não tem sido diferente. Segundo Bruzzone (2023, p. 13), “não existe atividade humana que não tenha sido alterada pelas novas tecnologias [...]”, mas a ascensão do populismo

⁶ Essa afirmativa é feita no momento em que a tese ainda era um projeto proposto durante a pandemia de covid-19, precisamente em setembro de 2020.

bolsonarista tornou a sociedade brasileira polarizada, logo, menos crítica, autoritária e sem apreço à democracia. Então, nesta tese, nos referiremos, várias vezes, ao extremismo de direita, à direita bolsonarista e à extrema-direita como sinônimos.

O objetivo geral que norteia esta tese está em analisar os discursos anticientíficos disseminados no ecossistema *Twitter*, tendo, como corpus, postagens de páginas brasileiras, de viés ideológico de extrema-direita e, como embasamento teórico, a Análise de Discurso de linha francesa, a fim de compreender como são construídos e disseminados – tais discursos – nas redes sociais, entendendo os atravessamentos discursivos e ideológicos em suas condições de produção. Os objetivos específicos se baseiam em realizar pesquisas bibliográficas sobre anticientificismo, *fake news* e extremismo de direita; compreender, em uma linha do tempo, como os discursos anticientíficos sobre a covid-19 foram construídos e disseminados nas redes durante a pandemia, especificamente, ao longo do ano de 2020; analisar postagens de páginas do ecossistema *Twitter* a partir da linha do tempo traçada, considerando sempre, para cada tema levantado nesta linha do tempo, uma página favorável ao discurso anticientífico, com o intuito de compreendê-lo em sua condição de produção; verificar como tais discursos são formados, quais ideologias os atravessam, em que contexto sócio-histórico se constituem, bem como entender o processo de ressignificação na/pela história; compreender como a formação discursiva brasileira relacionada ao uso das mídias sociais influencia na noção de verdade a respeito dos discursos anticientíficos, bem como em sua disseminação; refletir como os discursos anticientíficos na *internet* brasileira colaboram com a constituição de sujeito no contexto brasileiro, em especial, durante a pandemia de covid-19 no ano de 2020.

A fim de atingirmos os objetivos elencados, revisamos, ao longo da tese, bibliografias a respeito da teoria que utilizaremos (AD) e a presença do discurso anticientífico disseminado nas redes sociais, bem como averiguamos estudos referentes ao universo digital, principalmente os que compreendem esse tema à luz da AD. Também pesquisamos páginas no ecossistema *Twitter* cujas postagens remetiam à nossa proposta de análise. Decidimos por postagens, pois o ecossistema *Twitter* é uma rede cujas publicações são curtas e rápidas e, por essa razão, muito compartilhadas, viralizando – algumas delas – em outras mídias sociais. Decidimos também que trabalharíamos apenas com postagens anticientíficas, trazendo postagens que as desmentissem quando a análise exigisse, a fim de que a leitura

desta tese não ficasse tão extensa, já que traçamos uma linha do tempo da covid no Brasil (da descoberta do vírus em janeiro aos desdobramentos que ocorreram até dezembro de 2020) e as postagens que a cada período fez referência.

Nosso trabalho consistiu igualmente em verificar os recursos linguísticos (imagens, cores, textos, feições, entre outros) presentes nas postagens, pois, de acordo com Brandão (2012, p. 11), “a linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento; a linguagem enquanto discurso é interação, um modo de produção social [...]”.

Essa pesquisa é uma oportunidade de avaliar como a disseminação de *fake news* afeta nosso cotidiano, nossa visão de mundo, bem como entender sobre grupos que, de modo ordenado e estimulados por discursos conspiratórios, perseguem – nas redes e fora delas – os que se dedicam, diariamente, a descobertas científicas importantes para a sociedade. Entendemos que essa tese servirá como uma retomada à importância da reflexão além do absolutismo, pois é através da reflexão que nos propomos a analisar, pensar, questionar, já que a dúvida, o não saber, são motivadores para o cientificismo, para a criticidade.

2 BREVE PANORAMA DA ANÁLISE DE DISCURSO

*Compreender as coisas que nos rodeiam é a
melhor preparação para compreender o que há mais além.*
Hipátia

Segundo Mazière (2007), a Análise de Discurso surgiu na França entre os anos de 1960-1970 e leva em conta a análise dos sentidos e dos efeitos de um enunciado, já que não o separa de suas estruturas linguísticas, condições de produção, históricas, políticas, ou de suas interações subjetivas. Dois grandes lançamentos marcam a inauguração da AD em 1969: a publicação de Michel Pêcheux de *Análise Automática do Discurso* (AAD) e o lançamento da revista *Langages*, organizada por Jean Dubois (Guerra, 2009). Esse campo passou por várias ressignificações, conforme Charaudeau (2012); a linguística foi renovando seus estudos filológicos e gramaticais com hipóteses novas sobre o funcionamento da linguagem e novas formas de análises dos sistemas linguísticos, passando por problematização por dezenas de disciplinas, como a psicolinguística, a pragmática, a etnometodologia, e assim por diante.

Logo, para Charaudeau (2012, p. 13), “a análise de discurso não nasceu de um ato fundador, mas como resultado da convergência progressiva de movimentos como pressupostos extremamente diferentes, surgidos nos anos 1960 na Europa e nos Estados Unidos”. Para Guerra (2009), a AD passou a se impor como uma reação ao estruturalismo reinante que, de certa forma, “sufocava o surgimento do sujeito, noção central no quadro teórico do discurso” (Guerra, 2009, p. 5).

O fato é que a AD passou a considerar o momento político por que passava os anos 1960 e trouxe esse período para as reflexões em torno da linguagem, validando as condições de produção do enunciado, e não apenas as questões gramaticais dele, mas do que está externo a ele. O que há no enunciado que remete ao momento histórico do seu surgimento? Quais construções culturais, políticas e ideológicas estão presentes no(s) discurso(s) que constitui(em) tal enunciado? Logo, para a AD, não há como analisar um enunciado sem considerar todas as condições de produção que levaram à sua construção.

Em sua primeira fase, a AD se estabelece como disciplina e os processos discursivos, segundo Pêcheux (2012), são gerados por máquinas discursivas específicas, não se mantendo – tal conceito – na segunda fase, em que a noção de Formação Discursiva, elaborada por Michael Foucault, começa a ser considerada,

abandonando de vez a noção de discurso estabilizado. O conceito de Interdiscursividade passa a ganhar voz na terceira fase da AD, e a Psicanálise também começa a construir essa disciplina. Atualmente, no Brasil, consideramos estar na quarta fase da AD, vista como um “resumo” do que compreendeu Pêcheux sobre a AD e seu percurso. Os pontos revisitados são: propostas metodológicas, visão de sujeito, fundamento filosófico e interdisciplinas (Lacerda Filho, 2012, p. 18).

Por sermos sujeitos históricos e ideológicos, a AD – segundo Orlandi (2004) – ocupa um lugar de necessidade teórica em que trabalha com o opaco, porque vê nessa opacidade o intervir político e ideológico, que é o fato de funcionamento da linguagem; afinal, a língua precisa estar inscrita na história para significar. E é dessa inscrição que surge a necessidade do interpretar.

Explica Orlandi (2014) que o Brasil vivia, no mesmo período em que nascia a AD, um formalismo e funcionalismo na Linguística. O estruturalismo imperava e havia um interesse à crítica ao sistema nos anos 1970, momento em que a AD começa a ser vista em terras brasileiras. Segundo Orlandi (2014, p. 38),

A Análise de Discurso, que se desenvolve no Brasil, com seus deslocamentos, tem seu objeto próprio, o discurso, e é capaz de praticar uma teoria não subjetiva ao sujeito, em que o sentido resulta de processos de significação que não se prendem à literalidade, mas derivam da inscrição de palavras e expressões em formações discursivas que são o reflexo de formações ideológicas. Considera-se que há uma relação constitutiva entre o texto e a situação, suas condições de produção, que incluem também o sujeito. Sai-se do positivismo da estrutura e instala-se em uma posição materialista, a que privilegia a ideia de processo, e de articulação entre estrutura e acontecimento. Em que ganha corpo a noção de funcionamento, de movimento, de práxis teórica.

Com a AD, entre outros campos de estudo que surgiam à época, os estudos científicos em torno da linguagem começam a considerar a reflexão quanto aos sentidos, à noção de sujeito, e há a separação entre texto e discurso, pois passa-se a entender o texto como a materialização de um discurso. A AD colabora, assim, na compreensão de que a interpretação textual não é passiva; não se vê mais o que o autor “quis dizer”, e sim o que os discursos materializados dizem, quais suas condições de produção, suas formações discursivas e ideológicas, e como compreendê-los no espaço/tempo.

2.1 MECANISMOS DE ANÁLISE EM AD

*A palavra não é apenas um conjunto de sinais gráficos.
Nela há sangue, suor e lágrimas.*
Fernanda Montenegro

É necessário compreendermos como a AD funciona, afinal, esta disciplina passou a compreender o discurso em sua materialização. Não se olha mais o autor como o detentor do discurso ou com a intenção dele. Para a AD, o que interessa é a produção, os efeitos de sentido que o discurso, dito ou não explicitamente, causa.

A AD possui um tripé que forma esta disciplina e colabora com o processo de análise: a linguística, a psicanálise e o materialismo histórico. A língua/linguagem importa no processo de análise, pois “toda forma de língua constitui sentido e modela o sentido por conta de suas próprias particularidades” (Mazière, 2007, p. 16).

É também importante saber que o analista de discurso jamais é neutro, pois não se compreende nesta disciplina a existência da neutralidade, posto que somos produtos discursivos, atravessados ideologicamente e clivados historicamente. O analista assume, portanto, uma posição quanto ao sujeito, quanto à língua (Mazière, 2007), quanto ao que analisa, e deverá considerar igualmente que a noção de interpretação em AD está filiada a noções outras, já que não é possível haver sentido sem interpretação – interpretação que passa por um caminho de incompletude, haja vista existir essa incompletude na relação linguagem/pensamento/mundo (Orlandi, 2004).

Conforme Charaudeau (2012, p. 114), “a noção de condições de produção do discurso substituiu a noção muito vaga de “circunstâncias” nas quais um discurso é produzido, para explicitar que se trata de estudar nesse contexto o que *condiciona* o discurso”. Prossegue Charaudeau (2012): em 1969, Pêcheux vai modificar o conceito de Jakobson, substituindo os dois polos de destinador e do destinatário por relações de lugares, que são representações imaginárias que locutor e interlocutor atribuem um ao outro a depender da estrutura das formações sociais, bem como das relações de classes, posto que a AD é precisamente uma disciplina que se baseia no materialismo histórico.

Para Brandão (2012, p. 46), “o discurso é uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza, isto é, é um dos aspectos materiais da “existência material” das ideologias”. Dito isto, não é possível analisar um discurso

sem considerar a Formação Ideológica (FI). Por FI entende-se um “conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem “individuais” nem “universais”, mas se relacionam mais ou menos diretamente a *posições de classe* em conflito umas com as outras” (Medeiros, 2009, p. 2). Quanto à Formação Discursiva (FD), afirma Brandão (2012, p. 48): “são as formações discursivas que, em uma formação ideológica específica e levando em conta uma relação de classe, determinam “o que pode e deve ser dito” a partir de uma posição dada e uma conjuntura dada”, pois “os discursos são governados por formações ideológicas” (Brandão, 2012, p. 47).

Certos disso, compreendemos em AD que a FD funcionará de duas formas: pela paráfrase – em que há o retomar, a reformulação de um dizer – e o pré-construído – o remeter ao que já fora dito, construído anteriormente. Portanto, “analisar o discurso é descrever os “sistemas de dispersão” dos enunciados que o compõem através das suas “regras de formação” (Brandão, 2012, p. 51). Ou seja, em AD, a FD é uma lei, posto que o discurso sempre será heterogêneo, polifônico e ideológico.

Em Orlandi (2013), entendemos que a análise de um discurso é uma passagem da superfície discursiva (texto/discurso) para o objeto do discurso (a FD), considerando neste processo discursivo a FI, e a partir de então observar o simbólico, o pré-construído (memória discursiva), entendendo o texto como um discurso materializado.

Ao considerar o sócio-histórico, a AD se debruça na observação dos efeitos de sentido, principalmente na opacidade que o discurso e a palavra podem produzir, opacidade que, em Orlandi (2004, p. 20), tem a “intervenção do político, do ideológico, ou seja, o fato mesmo do funcionamento da linguagem”. É por esse motivo que, apoiados em Maingueneau (2015), compreendemos os sentidos em um discurso como deslizantes, opacos, porque não estão encerrados: há sempre um novo efeito de sentido a depender da condição de produção, do momento histórico, das FD e FI por que passarem.

Contudo, não se pode considerar toda a produção de efeitos de sentido de um discurso materializado sem compreender igualmente como a AD considera sujeito e ideologia. E é sobre isso que veremos no próximo capítulo.

SUJEITO E IDEOLOGIA

A minha liberdade não deve captar o ser, mas desvendá-lo.
Simone de Beauvoir

Refletiremos, neste capítulo, quanto ao sujeito em AD, especialmente o sujeito virtual, que interage com os *corpora* que utilizaremos nas análises. Orlandi (2012, p. 99) afirma que “a análise de discurso é a forma de conhecimento que realiza em seu objeto – o discurso – a conjunção desses três modos de “opacidade”: a do sujeito, a da língua e da história”. É que, em AD, a noção de homem para a de sujeito é deslocada heurísticamente, reconfigurada na AD a partir de três correntes que a estruturam: psicanálise, marxismo e linguística. O marxismo mostra a não transparência histórica; a psicanálise, a não transparência do sujeito; e a linguística, a não transparência da língua (Orlandi, 2012).

Ferdinand de Saussure (1859-1913) era filósofo e linguista, considerado o pai da Linguística, visto que suas contribuições neste campo foram fundamentais para torná-la uma ciência, além de ter colaborado com outros campos do saber, como a Antropologia, a Semiologia e a AD (Narzetti, 2017). Os conceitos de língua e fala de Saussure⁷ passaram a ser considerados importantes para a AD quanto à produção do objeto teórico *discurso*, pois a AD parte do princípio de que o discurso não é universal, como é o caso da língua, e nem a fala é singular, como teorizou Saussure, mas sim uma luta ideológica de classes, conforme Narzetti (2017). Portanto, para a AD, o uso da língua se faz necessário no discurso, mas seu uso não é neutro, e sim ideológico. Assim, a importância de Saussure para a AD está em considerar que seus ensinamentos contribuíram enormemente para os estudos do discurso, mesmo havendo discordâncias entre Pêcheux e Saussure, pois Pêcheux compreendeu que “a existência da Linguística como ciência da língua é uma condição *sine qua non* para a existência da teoria e da análise de discurso” (Narzetti, 2017, p. 1098), pois sua contribuição para o conceito de língua é extremamente significativo para os estudos da linguagem.

Conforme Amaral (2024), Pêcheux entendia a AD como um espaço incerto em que a língua e a história podiam se defrontar e se enfrentar de maneira mútua.

⁷ Esses conceitos estão presentes na obra-prima de Saussure, *Curso de Linguística Geral*, e que servem de base para todo e qualquer estudo nesse campo científico.

Certamente, esse pensamento de Pêcheux se deve ao momento histórico em que vivia, já que a França dos anos 1960 passava por grandes mudanças, especialmente porque se reconstruía enquanto nação após a Segunda Guerra Mundial, também porque os intelectuais franceses eram influenciados, neste período, pelo marxismo (Amaral, 2024). Logo, essa reconstrução passava também pelo caminho da identidade enquanto nação. Portanto, o marxismo era necessário para pensar a Análise de Discurso de forma materialista, e não apenas de modo subjetivo.

A influência da psicanálise se acentuará principalmente na terceira fase da AD, em que discussões em torno da noção de sujeito serão norteadoras, bem como a reformulação do conceito de língua (Santos, 2012). A psicanálise, especialmente a lacaniana, colaborou com a AD na construção da concepção da designação de sujeito, sujeito este que não fala nem se manifesta sempre como deseja, mas é assujeitado a inúmeros fatos que são manifestados de modo inconsciente, sendo então descentrado, cindido e clivado. Logo, para a AD, este sujeito está na linguagem (Santos, 2012).

Conforme Mazière (2007),

O sujeito em AD é um “lugar de sujeito” em uma abordagem dessubjetivada. De fato, ele não pode ser apreendido, a não ser no interior de cada uma das buscas do analista, em função de seu desígnio interpretativo e de sua posição quanto à língua.

Ou seja, para a AD, o sujeito não é exatamente uma pessoa, mas um posicionamento discursivo, que pode refletir-se em uma pessoa. Tanto é que, em AD, discute-se a questão do *ethos*, que é a “personificação do discurso” que se mostra no ato enunciativo; seus atributos nem sempre correspondem aos atributos reais do locutor, mas há uma identidade que se constrói desse locutor por meio do discurso (Maingueneau, 2008). É por essa razão que em AD não se trabalha com a intenção do sujeito, pois ele é um posicionamento discursivo que se constitui por suas formações discursivas; é clivado pela ideologias que moldam os discursos que o formam.

O sujeito só o é porque é interpelado pela ideologia. Ou “o sujeito é desde sempre um indivíduo interpelado em sujeito” (Brandão, 2012, p. 79) e “este submete-se à língua significando e significando-se pelo simbólico na história” (Orlandi, 2012, p. 100). É a “ideologia que “recruta” sujeitos entre os indivíduos” (Pêcheux, 2014, p. 144) e designa, por meio do que Pêcheux chamou de “hábito”, o que é um sujeito. Um

exemplo disso nesta tese é a noção de sujeito virtual. Há, em nossa CP atual, uma noção do que seja esse sujeito: ele é antenado ao que está em destaque na *internet*, interage com outros sujeitos virtuais em diversas redes, constrói-se sujeito virtual em uma interação com outro semelhante, e faz tudo isso interpelado ideologicamente. Assim, sabemos “quem é” o sujeito virtual através da FD que o compõe. No entanto, “o que sustenta a formulação dos dizeres no digital é a sua circulação” (Dias, 2018, p. 33). Ou seja, não é um sujeito físico, e sim um posicionamento discursivo-ideológico, em uma FD virtual – no caso aqui estudado.

Interpelado pela ideologia, esse sujeito também é um efeito de linguagem marcado por vozes heterogêneas, sendo – no discurso – polifônico, não sendo, portanto, uma unidade – ilusão essa, segundo Brandão (2012), necessária em AD, porque é construtora do sujeito. Porém o sujeito é disperso, não centralizado, pois ocupa diferentes posições enunciativas. É por isso que, em AD, não há a preocupação com o autor, porque é o autor um agrupamento discursivo, ou seja, uma polifonia discursiva constituída pela formação discursiva do autor. E é por essa razão que, nesta tese, não focaremos em autores de postagens, e sim nos discursos que constituem os enunciados das postagens na *web*.

Se o sujeito é interpelado ideologicamente, cabe-nos abordar sobre a ideologia. Segundo Marcondes Filho (1985), a palavra “ideologia” será usada mais amplamente por Karl Marx, porque, para Marx, havia uma luta de classes que não ocorria apenas no plano físico, mas também no campo das ideias. Por classes, devemos entender o que nos explicou Chauí (2008, p. 52):

[...] as classes sociais não são coisas nem ideias, mas são relações sociais determinadas pelo modo como os homens, na produção de suas condições materiais de existência, se dividem no trabalho, instauram formas determinadas de propriedade, reproduzem e legitimam aquela divisão e aquelas formas por meio das instituições sociais e políticas, representam para si mesmos o significado dessas instituições através de sistemas determinados de ideias que exprimem e escondem o significado real de suas relações. As classes sociais são o *fazer-se classe* de indivíduos em suas atividades econômicas, políticas e culturais.

Se existem, então, classes sociais, há uma reprodução da força de trabalho. Para Althusser (1985), tal reprodução não exige apenas uma condição física ou qualitativa, e sim uma reprodução de submissão às regras estabelecidas que reproduz uma submissão a uma ideologia dominante. Quanto a essa submissão, a AD entende

que “é pela interpretação que o sujeito se submete à ideologia” (Orlandi, 2012, p. 22); posto ser a ideologia uma representação dos fatos de forma simbólica, “[...] pertence sempre a um grande grupo de pessoas. Nunca a um sujeito separadamente” (Marcondes Filho, 1985, p. 20). E é por esta razão que a AD não pode compreender o sujeito sem desvinculá-lo da ideia de ser – o sujeito – um discurso: porque ele é feito de suas FDs e FIs, e se assujeita àquilo que interpreta a partir do que diz Orlandi (2012) ser o dispositivo ideológico: a memória discursiva, o interdiscurso.

Em havendo essa memória discursiva, há também o equívoco. Segundo Orlandi (2012), a ideologia funcionará pelo equívoco, estruturando-se sob o modo da contradição. É por essa razão que, para a AD, não se pode pensar em um sujeito individualizado, posto que esse sujeito também é simbólico, afetado ideologicamente, histórico. Por ser histórico, ele também se posiciona sujeito na *internet*. A cenografia digital em que o sujeito se posiciona – conforme Maingueneau (2015) – é formada pela interação de três componentes: iconotextual, procedural e arquitetural. O iconotextual tem a ver com o *site* mostrar um conjunto de imagens na tela; o procedural é ser cada *site* uma rede de instrumentos ao usuário, e o arquitetural remete à concepção de que o *site* é uma rede de páginas adicionada. Nesta cenografia, o sujeito virtual desliza, desaparece (Dias, 2018) mediante a máquina, e isso ocorre porque o sujeito é – conforme Dias (2018) – afetado tecnologicamente. Há, então, na era atual, uma simbiose entre o sujeito e a máquina, o sujeito e o virtual. Conforme Narciso (2015), essa simbiose ocorre porque os sujeitos na *web* instituem a rede e por ela são determinados, pois

[...] tratamos aqui não de usuários de interação com a interface, mas de sujeitos que procuram se associar ou fugir de determinados discursos ao operacionalizar esta interface. Isso eles só podem fazer se considerarem que há sempre um humano do outro lado que é um sujeito histórico (Melo, 2015, p.12).

Interpelado ideologicamente e constituído virtualmente, nosso desafio nesta tese é compreender como os discursos anticientíficos, conspiracionistas e extremistas clivam esses sujeitos que se posicionam nas redes, em especial, no ano de 2020. Por meio dos enunciados que aqui serão analisados, poderemos observar como, em meio a uma pandemia global, há uma construção de realidade paralela que se coloca contrária à ciência e, em detrimento, à própria vida. Entender o porquê dessa realidade pede que compreendamos como a extrema-direita – corrente ideológica que mais se

fez presente em *fake news* durante esse período – fortaleceu seus discursos nas redes brasileiras. Por isso, no próximo capítulo, abordaremos brevemente sobre a extrema-direita no Brasil e no mundo, a fim de que consigamos, nas análises, aferir o que nos propomos nos objetivos elencados dessa tese.

4 A EXTREMA-DIREITA NO BRASIL E NO MUNDO

*Quem inventou a fome são os que comem.
Maria Carolina de Jesus*

Em 2007, Bauman alertava que vivíamos uma era de tempos líquidos, em que a sociedade já não é mais uma estrutura, e sim uma rede de conexões e desconexões permanentes. De fato, o ambiente virtual colaborou enormemente com o acesso a inúmeros materiais, nas mais diferentes línguas; facilitou nossa entrada a museus que talvez jamais iríamos por razões outras; disseminou todo tipo de conhecimento democraticamente. A questão é que pensávamos que o avanço virtual nos faria mais conscientes e críticos; o que não contávamos é que nos contentaríamos com o que nos mostrassem em um vídeo de trinta segundos em qualquer rede e tomaríamos o conteúdo como verdade sem ao menos nos indagar, buscar por fontes, entre outros. Logo, a necessidade de confirmação acerca de qualquer assunto passou a não importar: agora, se algo corresponde ao que acreditamos, nos damos por satisfeitos. Peter Wason (2022) foi o primeiro a nomear esta prática como “Viés da confirmação”, uma tendência própria do ser humano de buscar por informações que confirmem o que creem, ignorando tudo o que se posicionar em contrário.

Conforme Orlandi (2012), o texto é heterogêneo, porque é atravessado por diferentes FDs, é afetado por inúmeros posicionamentos dos sujeitos e clivado ideológica e politicamente. Em uma CP como a pandemia, a negação aos fatos por meio de um viés de confirmação pode ser, como pontuou Charaudeau (2022), uma negação coletiva. O ponto é que esta negação também pode estar atrelada ao medo, que é “um estado de sofrimento devido ao fato de se estar antecipando um perigo, de um acontecimento do qual se será supostamente vítima” (Charaudeau, 2022, p. 110). E são nessas CPs que o discurso populista encontra fôlego, pois demoniza pessoas/países, transformando-os em inimigo e os culpando do ocorrido (no caso desta tese, a pandemia). Para Charaudeau (2022, p. 114),

É, portanto, em um discurso de *vitimização* que o populista se engaja, jogando com o tema do medo, em seus diversos aspectos, em particular identitários e de seguridade, que cisam a criar frustrações e a orientar a violência que poderia advir contra supostos inimigos e culpados.

Apesar de o medo ter sido um fator durante a pandemia, as teorias conspiratórias extrapolaram o limite da sobrevivência. Como em uma escala fordista⁸, milhares de informações bombardearam nossos celulares, de modo que era quase impossível ter tempo hábil para verificar a veracidade de cada uma delas. Segundo Velasco e Rocha (2022), uma pesquisa da Avaaz, de maio de 2020, comprovou que 9 em cada 10 entrevistados receberam mensagens falsas durante a pandemia; destes, 70% acreditaram nelas. E isso é compreensível, porque “enunciar não é apenas ativar as normas de uma instituição de fala prévia; é construir sobre essa base uma encenação singular da enunciação: uma cenografia” (Maingueneau, 2015, p. 122). Portanto, ao receber mensagens inverídicas em uma construção que se assemelha a um gênero informativo, por exemplo, considerando a velocidade com que essas mensagens chegavam, levando em conta a CP em que se vivia, levando em conta que vivemos em uma sociedade de classes regida pelo capitalismo, e naquele momento havia uma preocupação honesta quanto ao sobreviver – não apenas vencendo um vírus invisível, mas conseguir manter o rendimento mensal em uma nova forma de vida –, enfim, todos esses fatores colaboraram para que 70% das pessoas acreditassem nas *fake news*.

Em nossa pesquisa para montar o *corpus* de análise da tese, fomos percebendo que um grande número de enunciados postados no ecossistema *Twitter* durante a pandemia fazia referência a teorias conspiratórias quanto à realidade vivida naquele período, e os *posts*⁹ vinham de páginas cujos posicionamentos eram de extrema-direita. Então decidimos nos debruçar sobre essa realidade para entender, pela perspectiva da AD, o que clivava e cindia tais discursos naquela rede.

Conforme Gentile (2018), os estudos quanto à ideologia e organização política de direita no mundo ficaram à margem dos estudos acadêmicos, muito porque vistos como um “apêndice” do fascismo; após a Segunda Guerra, a direita foi considerada por muitos pesquisadores como um lugar não produtor de ideologia, mesmo que representantes desse posicionamento se manifestassem de forma ativa. E isso é compreensível, pois a AD começará na França nas décadas de 1960-1970. Porém,

⁸ Escala fordista é um modelo de produção em massa cujos trabalhadores tornam-se especializados em uma produção em linha, algo muito comum no sistema capitalista, em que as produções se tornam cada vez mais rápidas. No caso desta tese, essa expressão reforça que as teorias conspiratórias durante a pandemia foram produzidas de forma muito rápida e disseminadas velozmente.

⁹ Explicaremos brevemente no capítulo destinado ao ecossistema *Twitter* (p. 35) sobre este gênero textual e discursivo.

em 1952, conforme Mazière (2007), Z.S Harris já considerava a análise de discursos em textos diversos de um modo diferente da linguística descritiva. Mas só anos mais tarde, com a escola francesa, é que se passou a considerar as FDs e FIs nas análises.

Entre os anos 1970 e 1980, novos movimentos de direita passaram a surgir, redefinindo uma “ideologia de direita”, capaz de “despertar os sentimentos mais profundos das massas, visando ganhar um consenso de caráter fideísta” (Gentile, 2018, p. 94), afastando-se assim do fascismo e tornando-se uma produtora autônoma e ideológica. Com a queda do muro de Berlim, a direita se reinventou, trabalhando temas como o populismo “antipolítico”, a crise da representação tradicional e a imigração (Gentile, 2018). Como “o discurso é uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza” (Brandão, 2012, p. 46), é compreensível que essa construção ideológica ocorresse, posto que todo posicionamento discursivo tem em si uma corrente de ideias, e o extremismo de direita é um posicionamento moldado e cindido por vozes heterogêneas.

As raízes da direita brasileira estão no autoritarismo, liberalismo e conservadorismo, conforme Gentile (2018). Observando a história do Brasil, desde a sua ‘descoberta’ (?) até os dias atuais, percebemos que a FD brasileira é erigida em um discurso judaico-cristão cristalizado que nos cindiu enquanto nação, ou uma representação discursiva do Aparelho Ideológico de Estado, como definiu Althusser (1985): um estado-nação que repreende e oprime, porque sua FD e FI assim o constituem. Sobre isso, importa também nos compreender enquanto cidadãos brasileiros que fomos colonizados por europeus. Define Orlandi (2008, p. 25):

Nem índios, nem europeus, somos produzidos por uma fala que não tem um lugar, mas muitos. E “muitos” aqui é igual a “nenhum”. Desse lugar vazio fazemos falar as outras vozes que nos dão uma identidade. As vozes que nos definem. Europeu falando de índio produz brasilidade. Nós, falando do que os europeus dizem de suas descobertas, falamos o discurso da nossa origem. Fazemos falar os outros. O brasileiro se cria pelo fato de fazer falarem os outros.

A sociedade pós-colonial brasileira moldou-se – no que definiu Alfredo Bosi, segundo Gentile (2018) – em um conceito de “conservador de um complexo de liberdade”, marcado por um liberalismo que soube caminhar lado ao lado com a escravidão. Mas as configurações ideológicas e políticas de direita só vão se firmar entre a Proclamação da República e a Revolução de 1930, nascendo três vertentes

dela durante a Era Vargas, em 1920: nacional-autoritarismo cientificista, direita católica e direita fascista. Ou seja, as CPs do Brasil neste período histórico são marcadas por FDs autoritárias; ideologicamente, a política brasileira é clivada pela desumanização do sujeito pela escravização e, mesmo após a abolição da escravidão e de todos os avanços democráticos, civis e científicos, o país ainda caminhava em uma CP de autoritarismo.

As décadas de 1950 e 1960 são marcadas pela defesa de um estado autoritário, tendo no ideal do militar-político a sua forma (Gentile, 2018). Com o início da Ditadura Militar em 1964, nas eleições de 1974, surpreendentemente, o MDB (Movimento Democrático Brasileiro) elegeu senadores em 16 estados brasileiros, vencendo o ARENA (Aliança Renovadora Nacional), partido criado por militares com o intuito de mantê-los no poder (Teixeira, 2024). Nos anos 1980, o povo brasileiro foi às ruas exigir a volta das eleições para presidente, tendo na pessoa de Ulysses Guimarães o rosto da luta pela democracia. Com o fim da Ditadura Militar, em 1985, a nova constituição de 1988 estabeleceu a democracia pelo voto em terras brasileiras (Roedel, 2010). Conforme Maglia (2020), durante os anos 1990 a 2018, o sistema partidário brasileiro registrou 18 novos partidos de direita e apenas 7 de esquerda.

Percebemos, assim, que a cenografia político-brasileira é marcada por uma FD autoritária. Independentemente da CP em que esteja o país, haverá naquele período histórico um posicionamento discursivo contrário à democracia, favorável ao autoritarismo e revestido da fé judaico-cristã, características muito presentes na extrema-direita atual. Conforme Brandão (2012, p. 31), “a ideologia escamoteia o modo de ser do mundo”. Assim, a política do Brasil é ideologicamente clivada e cindida, em sua história, por uma ideologia de direita, o que torna compreensível “o sucesso dos populismos conspiratórios de extrema direita do século XXI só pode ser entendido se atribuirmos a devida importância à dimensão mágica de seu discurso” (Demuru, 2024, p. 25): esse discurso de direita brasileira não é clivado apenas pelo positivismo cientificista, ou ainda pelo militarismo, mas também pelo discurso religioso, que colabora com uma visão de mundo fantasiosa e conspiratória.

Atualmente, após todas as transformações passadas no Brasil, desde o início dos anos 2000 até hoje, notamos que a extrema-direita avança também no mundo. Itália, Hungria e Polônia já têm no poder políticos deste posicionamento. Suécia, Finlândia, Grécia, França, Holanda, Portugal e Alemanha percebem o avanço cada vez maior desse viés político (Vieira, 2024). Donald Trump governou os EUA, perdeu

a reeleição, mas está, no exato momento da escrita desta tese¹⁰, concorrendo às eleições presidenciais novamente, contra Kamala Harris. Jair Bolsonaro, que governou o Brasil entre os anos de 2018 a 2022, foi um representante tão forte desse extremismo que é comum falar da “direita bolsonarista” em artigos acadêmicos, postagens na *internet* ou em uma conversa de roda de amigos. E isso porque o *ethos* deste grupo é muito demarcado: são intolerantes, religiosos, pró-família heteronormativa e branca, pró-ricos, contrários às recomendações científicas de todo tipo, conspiracionistas, fanáticos.

Para Rocha (2023, p. 17), “[...] o avanço transnacional da extrema-direita depende diretamente da relativa incapacidade do campo progressista de entender o alcance radical das mutações provocadas pelo universo digital no mundo da política”. De fato, por mais que as alas progressistas tenham lutado bravamente pela manutenção da verdade, a extrema-direita ainda tem mais alcance nas redes, não apenas porque conseguem falar mais facilmente e sem rebuscamento, e sim porque há financiamentos para que as *fake news* circulem mais rapidamente nas redes. Uma pesquisa publicada em maio de 2024 mostrou que, ao menos, 55 sites que veicularam desinformação receberam fomentos, fossem de meios publicitários, como o *Google AdSense*¹¹, fossem por assinaturas (Santos Junior e Nichols, 2024).

Durante as eleições presidenciais de 2018, o Intercept e o Manual do Usuário (2019) pesquisaram mais de 17 mil *rankings*¹² “Em Alta” no *YouTube*, coletados e organizados pela empresa de análise de dados Novelo, e perceberam que os algoritmos entregaram vídeos com potenciais de viralização e, entre eles, estavam canais com conteúdos inverídicos. A pesquisa concluiu que, de cada dez canais que explodiram no *ranking* durante as eleições presidenciais brasileiras de 2018, cinco eram de extrema-direita, especialmente o canal Folha Política, que notoriamente disseminou notícias inverídicas no período analisado, segundo os pesquisadores (Ghedin, 2019). Os algoritmos trabalham com informações que depositamos nas redes – ou seja, eles agem no presente com informações passadas. Segundo pesquisa realizada em parceria com o Brasil, a Suíça e os Estados Unidos (Instituto Humanitas Unisinos, 2020), os algoritmos do *YouTube* favorecem vídeos de

¹⁰ Outubro de 2024.

¹¹ Serviço publicitário da empresa *Google*.

¹² *Ranking* no *YouTube* é uma lista de vídeos que estão em alta, ou seja, são os mais vistos. E são mais vistos porque tem interação do público, seja curtindo, comentando e/ou compartilhando.

radicalização, e a maioria deles é de extrema-direita. Isso nos mostra que há uma FD e uma FI próprias dos algoritmos, e que são vozes heterogêneas, pois alimentados pelo ser humano. Conforme Hashiguti e Fagundes (2022, p. 8), “as linhas de código de um algoritmo são formas de enunciar e produzir sentido que materializam não apenas soluções tecnológicas, mas os valores e orientações pessoais e/ou empresariais do sujeito-programador”.

É fato que, no Brasil, o governo Bolsonaro trouxe não apenas o terror durante a pandemia, mas solidificou ideias e conceitos que não pareciam preocupantes antes dele. No entanto, é certo que a direita bolsonarista não nasceu com Bolsonaro, mas foi constituída por décadas, especialmente na pessoa de Olavo de Carvalho, que divulgou teorias conspiratórias de todo tipo antes mesmo do advento da *internet* e, com a chegada dela, fundamentou seu discurso contra o “comunismo”, ideologia vista – segundo ele – no Partido dos Trabalhadores, ganhando cada vez mais seguidores, ao propor a construção de “uma “elite cultural e espiritual” no Brasil, conforme Prado (2021). Além de divulgar seus conteúdos em páginas de redes sociais, *sites* e *blogs*, Carvalho também criou um curso de filosofia, curso “vitalício¹³” e com educação integrada de outras áreas, como religião, ciências humanas, artes, comunicação, entre outros (Prado, 2021).

Para Lynch e Cassimiro (2022), a forma de governo de Bolsonaro não foi normal, porque as instituições políticas brasileiras não estavam igualmente normais. Movido pelo reacionarismo, era necessário romper com o passado para criar o novo, que seria construído a partir de uma utopia regressiva, compreendendo o progressismo como um inimigo. Durante o governo Bolsonaro, vimos membros da política, do judiciário e de tantos outros setores, cujo dever é a manutenção da democracia, posicionarem-se favoráveis a extremismos de direita. Olavo de Carvalho não só foi mentor intelectual de Bolsonaro e seus filhos, como também se posicionou favorável à eleição dele. Em sua página oficial no *Facebook*, Carvalho elencou oito situações que cairiam com a vitória de Bolsonaro nas eleições de 2018: todas eram teorias conspiratórias, como comunismo, poder paralelo em universidades e o financiamento do Foro de São Paulo. A postagem teve mais de 75 mil compartilhamentos só no *Facebook*.

É verdade, no entanto, que a direita nunca esteve ausente da política brasileira,

¹³ Usamos essa expressão porque o curso não tinha previsão de encerramento.

como vimos anteriormente. Afirma Miguel (2018) que a presença sempre foi tão significativa que até mesmo Lula, quando em seus oito anos de governo, dialogou com esta ala ideológica de forma a evitar confrontos. Contudo, durante os anos petistas, dois fenômenos paralelos surgiram: “o PSDB entendeu que seu caminho era liderar a direita, e a direita entendeu que havia espaço para radicalizar seu discurso” (Miguel, 2018, p. 19). Isso quer dizer que as CPs daquele momento histórico eram condizentes para essa guinada ao extremismo, chegando ao que vimos durante a pandemia. Também é possível porque o sujeito (enquanto posicionamento discursivo) só o é pela história, porque retoma o já dito pelo trabalho da memória. Logo, o Brasil segue em um retomar do autoritarismo há séculos em sua história, com sentidos renovados a cada momento histórico. Ainda conforme Miguel (2018), no Brasil atual, o que se vê é uma confluência de diversos grupos motivados a encarar um inimigo comum, incluindo alguns desses o libertarianismo, o fundamentalismo religioso e o anticomunismo.

O que se pode notar, conforme Demuru (2024), é que a “ultradireita” (formada pela extrema-direita e direita alternativa) valeu-se do populismo conspiracionista e ganhou ainda mais espaço nas primeiras duas décadas do século XXI. No Brasil, segundo Bruzzone (2021), a polarização vivida pelo país foi gestada por décadas, de maneira progressiva e intencionada, alicerçada na dicotomia de “bem” e “mal”, chegando a gerar em nosso país “uma direita extrema e autoritária, com conteúdos fascistas [...]” (Bruzzone, 2021, p. 91). Ainda segundo Bruzzone (2021), não foi apenas o progressismo quem perdeu com o avanço do que chama de ciberpopulismo de direita; também a direita tradicional e democrática. Considera a possibilidade de que a mensagem de extrema-direita se adapta melhor ao populismo digital, pois simplifica problemas complexos, explora a noção de valores da sociedade com mais precisão, vale-se da ética e da moral como bases de sua ideologia, defende a bandeira do patriotismo de forma cega e sabe personalizar as mensagens de valores sociais em um bom *marketing* político digital.

Esse breve percurso histórico sobre a direita no Brasil importa para que consigamos refletir sobre o anticientificismo presente no ecossistema *Twitter* brasileiro. O que essa linha do tempo revela é que o Brasil também é constituído por esse discurso, facilitando sua adesão pelos usuários na rede, porque eles são igualmente clivados e cindidos por esse discurso. O extremismo de direita não é apenas nacional: ele é individual.

5 ECOSSISTEMA TWITTER: o que é?

O ontem acabou.
Dercy Gonçalves

As redes sociais vieram para ficar. É inimaginável viver em um mundo sem elas. Seja para divulgar trabalhos autônomos, conhecer pessoas novas ou disseminar pensamentos científicos, a era pós-moderna tem sua história traçada e percorrida também nesses espaços cibernéticos em que o sujeito se assujeita a aspectos que fazem relação ao sócio-histórico e às condições de produção (CPs) que o constituem e o moldam.

Nas redes, os indivíduos passaram a vivenciar uma nova maneira de ser e de se posicionar através do discurso, posto que a interação nesses ambientes colabora com essa prática, cria – a postagem e o indivíduo que a lê – uma conexão, ganha – a página da postagem – seguidores e, a partir daí, surgem milhares de “líderes” sobre determinado assunto – surgimento que é imperativo nesse espaço, vide o crescimento nos números de *coaches*, representantes juvenis e afins – que ganham cada vez mais espaço e voz no cotidiano das pessoas por meio do universo digital. Com o enviesamento ideológico, ficamos presos a bolhas de ideias sempre semelhantes, nunca discordantes, e paramos assim de ouvir os argumentos contraditórios, impondo deste modo as ideias pela força – e não pela razão – e considerando que a ideologia só afeta os outros (Bruzzone, 2021).

Para Dias (2018, p. 44),

O que significa pensar a tecnologia em sua condição de produção? Significa “devolvê-la à história” ou “considerá-la em sua historicidade” procurando compreender seus efeitos. Parece que temos invertido essa situação, ao considerar a história um produto de tecnologia e não a tecnologia um produto histórico. Tudo isso deriva do sentido de transparência da tecnologia. E dele o sentido do desaparecimento do sujeito mediante a máquina.

Assim, a tecnologia, dentro da sócio-historicidade, foi sendo construída por atravessamentos ideológicos, dentro das CPs que as clivaram. Afinal, para a AD, tudo é discurso: a forma como cortamos nosso cabelo, a maneira como decidimos vender uma roupa, a estratégia que adotamos para determinadas redes. Isso nos fica claro quando vimos Mark Zuckerberg, dono da Meta – que abrange redes sociais

importantes, como *Facebook* e *WhatsApp* – decidir pelo fim do programa de checagem de informações das redes que gerencia alegando “censura” (Lacerda, 2025). Logo, a tecnologia (todo tipo de tecnologia, não apenas a digital) é fruto da história, portanto atravessada por aspectos ideológicos que clivam os sujeitos que dela se valem.

O ecossistema *Twitter*, rede social escolhida para a realização desse trabalho, não é diferente. Criado em março de 2006 por Kack Dorsey, tinha por objetivo proporcionar um espaço virtual para a divulgação de mensagens curtas pelo celular. Conforme Kleina (2016), assim como o ecossistema *Facebook*, o ecossistema *Twitter* utiliza algoritmos, que são, segundo Melo (2015), uma sequência de regras cuja função é entregar aos usuários das redes os conteúdos que eles mesmos depositam. Ou seja, são os algoritmos que escolhem o que o usuário verá a partir das informações que o próprio usuário dá à rede (o que ele curte, quanto tempo ele se atém a uma postagem, o que costuma compartilhar, entre outros), de forma que o internauta não perceba que está imerso em uma bolha homogênea ideologicamente.

Os algoritmos dessa rede são chamados de “algoritmos de recomendação” e têm por objetivo descobrir os conteúdos que são interessantes a cada usuário para recomendá-los, conforme Zanette (2023). Esses algoritmos também consideram o que outros perfis fazem para gerar interação entre os usuários. Na lista que o algoritmo cria para cada perfil, há recomendações de contas que o usuário possa se interessar e seguir, tuítes que pode querer pelo assunto e outras ações. O algoritmo, segundo Zanette (2023), cria essa lista baseado no que o usuário costuma fazer na rede. Logo, se o usuário tem o hábito de ler receitas, o algoritmo vai oferecer diversas páginas e postagens relacionadas ao assunto para que o internauta acesse e interaja. Alguns pensadores entendem que a forma como o algoritmo nos sugere conteúdos é uma ação manipuladora, uma “oportunidade de completar a extensa fusão entre homem e máquina, redirecionando a trajetória da evolução humana” (Foer, 2018, p.12). E conclui:

As empresas de tecnologia [...] criaram um mundo onde estamos o tempo inteiro distraídos e sendo vigiados. Por terem acumulado muitos dados, construíram um retrato da nossa mente, que usam para guiar de forma invisível o comportamento das massas (e cada vez mais o comportamento individual), com o intuito de promover seus interesses financeiros. [...] Todos já viramos um pouco ciborgues (Foer, 2018, p. 17).

Além dos algoritmos, é necessário compreender como esse espaço midiático funciona. Segundo Curvelo (2024), o objetivo principal dessa rede é a conexão entre pessoas. Para isso, o internauta se inscreve na rede e passa a utilizar a página. Postagem (ou *post*), conforme Neves (2019), é definida como palavras que indicam uma publicação na rede social, podendo ser uma foto, frase, vídeo ou qualquer outro gênero. Na rede, o usuário pode fazer postagens, seguir pessoas, ler conteúdos de seu interesse, “retuitar” (compartilhar) tuítes de que goste/concorde/discorde e curtir o que lhe interessar. As postagens podem conter textos escritos, mas há igualmente a opção de postagem de imagens, vídeos, *gifs*¹⁴, entre outros.

Na imagem abaixo, podemos observar um perfil de extrema-direita no ecossistema *Twitter* e como é o designer da rede social. À esquerda, vemos barras que dão a opção para o usuário utilizar. Ao clicar em “página inicial”, ele irá para a sua *timeline* (linha do tempo) e verá notificações de páginas que siga ou ainda de assuntos que lhe interesse de outras páginas que ainda não siga, mas que o algoritmo, por entender que o usuário se interessa pelo tema, passa a oferecer. Também poderá ver postagens patrocinadas, prática muito usual nas redes, com o intuito de atingir ainda mais perfis, em uma estratégia de *marketing*. Há também o botão “explorar”, em que o internauta consegue ver quais são os assuntos em alta e ainda fazer uma pesquisa específica que desejar. O botão “notificações” avisa interações que podem ter ocorrido com o perfil do usuário ou ainda o avisa de ações realizadas por quem ele siga.

Imagem 1: Página Patriota Voltou



Fonte: *Twitter*

¹⁴ GIF (*Graphics Interchange Format*) é uma imagem que pode ser usada de modo estático ou animada, muito comum em memes nas redes sociais.

O botão “mensagens” possibilita enviar mensagens privadas a quem desejar, caso não haja o interesse de conversar com ela via tuíte, pois a leitura da interação estará visível a todos na rede. O *Grok* é uma opção de criar imagens via Inteligência Artificial, e o botão “perfil” leva o usuário à sua própria página. Já do lado direito, o internauta verá sugestões de páginas para que curta – geralmente de acordo com a página que ele possa ter pesquisado, ou ainda sugeridas pelo algoritmo conforme o caminho que o usuário faz nas redes – e também sugestões de assuntos que estejam em alta, ou seja, são os mais tuitados no momento em que acessa a rede.

Também observamos que, na bio, a página que aqui serve de exemplo inseriu uma foto que a identifica – no caso, o ex-presidente Jair Bolsonaro – e uma foto de capa, que é como uma imagem em que se pode divulgar conteúdos, endereços de outras redes, ou apenas postar uma imagem de interesse próprio, além de um espaço para descrever-se brevemente. No caso dessa página, a bandeira do Brasil é colocada, aludindo ao que se propõe a página – ser patriota. Como essa página é de extrema-direita, há na bio uma observação de que essa página faz referência a uma outra, que foi “censurada”. Ao adentrar a página, é possível ver que ela está retida por uma demanda legal.

Conforme Santaella (2010, p. 64), “o Brasil é um dos principais responsáveis pelo crescimento do *Twitter* internacionalmente”, e define esta rede como “uma verdadeira ágora digital global: universidade, clube de entretenimento, “termômetro” social e político, instrumento de resistência civil, palco cultural, arena de conversações contínuas” (Santaella, 2010, p. 66). Ou seja, o ecossistema *Twitter* está totalmente integrado à realidade do sujeito, e os discursos nele estão a todo instante atravessando os usuários e clivando-os com diferentes vieses ideológicos.

Para Rossetto *et al.* (2013), o ecossistema *Twitter* é uma rede que ressoa temas e discussões políticas, porque o usuário obtém informações de seu interesse de forma rápida, preenchendo um anseio sobre determinado tema, e é uma ferramenta de negócios, sobretudo a quem trabalhe com política, pois, nos últimos anos, essa rede social se tornou um terreno fértil para os políticos de todos os espectros, especialmente de extrema-direita. As ideias conservadoras, reacionárias e de extrema-direita não estão presentes apenas na política: também se fazem presentes nas redes sociais, e o ecossistema *Twitter* é um lugar em que essas ideologias se perpetuam e ganham cada vez mais espaço.

Em pesquisa para compreender acerca do descrédito ao sistema eleitoral brasileiro, Miranda e Penteado (2024) observaram as narrativas em disputa na rede aqui em análise durante as eleições de 2022 e como influenciadores digitais colaboraram no alcance ainda maior dos conteúdos compartilhados. Os resultados mostraram que, durante o período analisado, tuítes de extrema-direita dominaram a *web*. Quando avaliados os tuítes compartilhados, 64% eram em apoio a Bolsonaro, candidato à reeleição à época. Narrativas carregadas de teorias conspiratórias comuns entre a extrema-direita brasileira, como o Supremo Tribunal Federal (STF) e o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) “inimigos da nação” e outros artifícios populistas se fizeram presentes em inúmeros tuítes. Isso mostra que a materialização do discurso conspiratório – próprio na extrema-direita – ocorreu de forma sistêmica e organizada.

É, também, relevante escolher o ecossistema *Twitter*, pois os presidentes Donald Trump e Jair Bolsonaro, por exemplo, utilizaram esse veículo não apenas de modo pessoal, mas oficial em seus governos; é a forma que encontraram para falar com o seu eleitorado e toda a nação. Para Gemelli (2019), “essa comunicação [por políticos] que se estabelece através das redes possui a intencionalidade de contar uma versão própria dos fatos [...]”. Segundo Valente e Silva (2019, p. 12),

A democratização do acesso à informação proporcionado pelas novas tecnologias, como os *mass media* e mais recentemente a rede mundial de computadores, permite novas formas de organização social, bem como novas possibilidades de manifestação e participação política. É inevitável que a tecnologia opere um determinado impacto nas sociedades humanas, que variam quanto à temporalidade, tendências e padrões culturais. A comunicação sempre teve um papel essencial no cenário político.

Assim, analisar postagens do ecossistema *Twitter*, longe de parecer algo banal, é compreender o sistema de comunicação atual, os discursos nele disseminados e suas imbricações; entender o que é feito nessa rede é perceber – ou tentar – como o discurso científico vem sendo posto em xeque por grupos de extrema-direita que, entre outras coisas, divulga *fake news* em um momento tão grave quanto a pandemia. Tal consideração tem transformado a realidade; prova disso é que mais de 600 cidades de diferentes países organizaram, em 2017, uma manifestação nas ruas em prol da ciência, após discursos anticientíficos proferidos por Donald Trump no ecossistema *Twitter* (Folha de São Paulo, 2017). Para Artaxo (2019), a política do

mercado é a mais interessada em desacreditar o discurso científico; não à toa, é bem comum ver grandes indústrias financiando campanhas políticas no mundo. Segundo a UOL (2022), por exemplo, a Coco Bambu, o Shopping Barra Word e a Mormaii foram algumas das marcas que apoiaram um golpe de Jair Messias Bolsonaro, caso perdesse as eleições presidenciais. Muitos desses apoios golpistas foram feitos no ecossistema *Twitter*.

Urge à academia entender como essa rede opera, como os algoritmos trabalham e, sobretudo, como a extrema-direita brasileira trabalha com a desinformação, construindo uma realidade paralela e disseminando inverdades, prejudicando – direta ou indiretamente – milhares de pessoas.

6 DA TEORIA À PRÁTICA: ANÁLISE DOS TUÍTES

Nada é tão bom quanto parece à primeira vista.
George Eliot

Os próximos capítulos serão destinados às análises dos corpora. Para esta tese, separamos cinco postagens de páginas com vieses de extrema-direita, direita bolsonarista, direita trumpista e direita conspiracionista, a saber: questionamentos à declaração da OMS no início da pandemia; conjectura de criação do vírus pela China; promulgação de medicamentos ineficazes como tratamentos contra a covid; contrariedade à vacinação e condenação ao uso obrigatório das máscaras. A última análise está em andamento e estará pronta para a defesa.

Apesar de o discurso da responsabilidade social assumir “um caráter proeminente na ciência da informação em relação a outras áreas das ciências sociais” (Miglioli e Souza, 2015, p. 52), e de haver hoje uma “recente proliferação digital de guias de etiqueta e regras de interação social especializados no ecossistema *Twitter*” (Santaella e Lemos, 2010, p. 114), percebemos que as postagens durante o ano 1 da pandemia de coronavírus analisadas foram marcadas por notícias falsas de todo tipo e em diferentes tempos, conforme novas etapas se apresentavam durante o período de pesquisa. Segundo Rosa *et al.* (2023, p. 11), após revisão das postagens nas redes, tanto no Brasil quanto em países latino-americanos, houve majoritariamente a disseminação de *fake news* não intencional durante os três primeiros anos da pandemia, diferentemente de países da União Europeia, cuja divulgação de inverdades foi proposital e de circulação farta nas redes sociais.

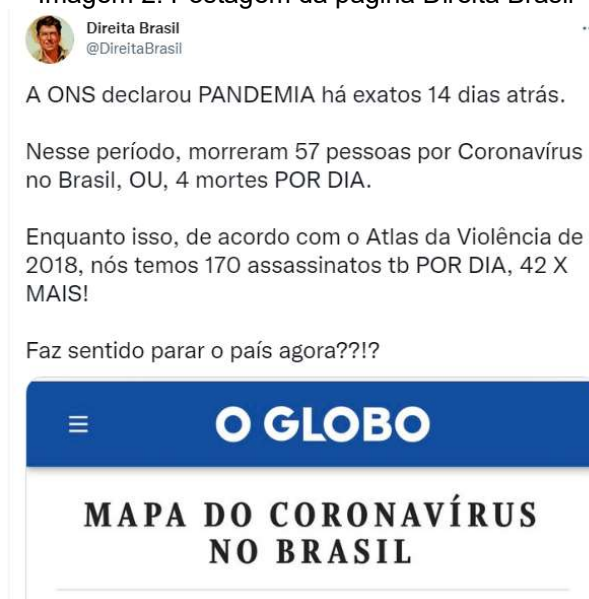
As análises seguiram a metodologia proposta a partir dos objetivos elencados: a análise dos discursos anticientíficos disseminados nesse ecossistema tendo, como corpus, postagens de páginas brasileiras e, como embasamento teórico, a AD, de linha francesa, a fim de compreender como são construídos e disseminados – tais discursos – nas redes sociais, entendendo os atravessamentos discursivos e ideológicos em suas condições de produção.

6.1 ANÁLISE 1 – DIREITA BRASIL

A ciência progride quando as observações nos forçam a mudar as nossas ideias preconcebidas.
Vera Rubin

Como já afirmamos, o objetivo desta pesquisa é analisar postagens feitas no ecossistema *Twitter*, pois esta rede tem sido um meio de disseminação de *fake news* e discursos anticientíficos, apesar de publicações deste tipo violarem as regras da página, conforme Fávero *et al.* (2021). Segundo Ribeiro e Silva (2022), este espaço não produz conhecimento, apenas oportuniza aos usuários que o disseminem, em especial, políticos, como foi o caso de Donald Trump, ex-presidente dos EUA, que transformou seu perfil em plataforma oficial da presidência, falando com a população norte-americana por ali, produzindo todo tipo de conhecimento sem se importar com a veracidade. Essa atitude transformou Trump em alguém mais popular que Jesus na rede, segundo Pradella (2022), já que os seguidores do ex-presidente, sobretudo os cristãos, passaram a se identificar como ‘trumpistas’. Logo, analisar postagens desse ecossistema contribui para compreender por que chegamos a uma realidade negacionista e desacreditada da ciência, especialmente, ao longo da pandemia de covid-19. A seguir, a primeira análise.

Imagem 2: Postagem da página Direita Brasil



Fonte: *Twitter*

Como pontuado anteriormente nesta pesquisa, o ecossistema *Twitter* é uma rede social criada em 2006 pela empresa *Obvious*, e é caracterizado por ser um *microblog* onde os usuários podem produzir textos de, no máximo, 280 caracteres, além da possibilidade de inserir imagens e vídeos nas publicações. Conforme Rossetto *et. al.* (2013), a literatura atual a respeito deste espaço virtual suscita o debate acerca de como os políticos utilizam a página para ferramenta de campanha. Entretanto, consideramos que os debates políticos ali produzidos não se atêm apenas a partir dos políticos constituídos na sociedade (aqueles em quem votamos), mas no sujeito político – que, conforme Kant (1997), entende-se como o sujeito autônomo capaz de se guiar por sua própria racionalidade. Portanto, para analisar o discurso proferido no campo digital, além de se observar as CPs, as FDs e as FIs que constituem o sujeito do discurso, deve-se, conforme Dias (2018, p. 44), “compreender a materialidade discursiva da tecnologia digital ou, no caso, melhor dizendo, do discurso digital e suas condições de produção”, afinal, discursar contra/a favor da ciência durante uma pandemia é, igualmente, um ato político.

É preciso que fique claro, no entanto, que o político em AD não se refere apenas à esfera institucional ou às práticas de governo, mas é compreendido como um lugar em que emergem articulações de poder e processos de significação que estruturam o espaço social. Nessa perspectiva, o político é constitutivo do discurso, pois envolve o embate de diferentes vozes e posições ideológicas na luta pelo controle de sentidos. É no político que se evidenciam os conflitos entre o dito e o não dito, as exclusões e inclusões discursivas, marcando os sujeitos e os sentidos por uma historicidade que é, ao mesmo tempo, contingente e estruturante. Assim, o político em AD está relacionado à forma como os sentidos são disputados e instituídos, configurando relações de poder nos níveis discursivo e social.

Conforme Prado (2021), a chegada do *Twitter* ao Brasil em 2008 fez com que muitos usuários migrassem para esta nova rede, a fim de continuarem suas postagens em oposição ao PT (Partido dos Trabalhadores), que já acontecia em outra rede social, o *Orkut*. Assim, páginas e páginas surgiram com conteúdos conservadores e reacionários até os anticientíficos e de notícias falsas.

A página Direita Brasil está nessa rede desde junho de 2011, com mais de 74 mil seguidores. Define-se como “Conservador, a favor da vida, da família, dos valores tradicionais da civilização ocidental”; ordena na biografia – “Chega de esquerdismo!” – e apresenta o endereço da página também em outra rede. Não conseguimos saber

quem é o autor desse espaço virtual, pois esta rede social, segundo Ross *et. al.* (2017), não obriga os usuários a fornecerem um nome real – como é o caso desta postagem, que não diz seu nome civil – colaborando, assim, com o anonimato que influencia o comportamento dos usuários, bem como o que produzem/disseminam na *internet*.

Na foto de perfil, observamos a presença do ator e ex-presidente dos Estados Unidos, nos anos 1981 a 1989, Ronald Reagan (1911-2004). Conhecido pelo seu governo neoliberal e de combate ao comunismo, Reagan nasceu em Tampico, Illinois, em 6 de fevereiro de 1911, vindo a graduar-se em 1932 em Sociologia e Economia pela *Eureka College*, universidade que mantém ligação com os Discípulos de Cristo, grupo religioso ao qual sua mãe pertencia. Alistou-se no exército americano em 1937 como recruta, servindo até 1945, ocupando vários postos neste período, mas nenhum deles em campo de batalha, graças à miopia. Colaborou em produções audiovisuais do exército norte-americano durante a guerra, já que, no ato de sua convocação, era o ator mais bem-sucedido de *Hollywood*.

Reagan casou-se duas vezes e teve quatro filhos. Ingressou no Partido Republicano em 1962; em 1965, ganhou como governador da Califórnia, cargo que ocupou por oito anos. Após, venceu com números expressivos para presidente, vindo a ser o 40º a gerenciar o país. Sofreu uma tentativa de assassinato em 1981 e ficou marcado como o presidente que mais prejudicou programas sociais em benefício aos pobres, diminuiu as regulações do Estado na economia e nas relações de trabalho e reduziu os impostos de grandes empresas. Na Era Reagan, os trabalhadores dedicavam mais horas ao serviço e ganhavam bem menos. Aliado às retóricas anticomunista e conservadora, Reagan vetou o avanço de ideias progressistas, apoiou o desenvolvimento de guerrilhas contra grupos de esquerda e deu suporte ao ditador do Iraque, Saddam Hussein, na guerra entre Iraque e Irã, durante os anos 1980 a 1988. Nos anos 1990, passou a conviver com o Alzheimer, doença que o deteriorou até sua morte por pneumonia, em 2004, aos 93 anos (Brasil Escola, 2023).

Para Barthes (1990), as imagens são sistemas de signos que carregam mensagens visuais. Pereira (2013) afirma que o ser humano, por necessidade, organiza imagens, sons, cores, cheiros, entre outros elementos linguísticos a fim de comunicar-se; logo, o uso do formato visual tem a intenção de informar algo ao interlocutor. Contudo, para a AD, valer-se de uma imagem não tem somente a transmissão da informação, mas discursa com o interlocutor acerca de um *ethos* que

representa os valores que – no caso desta análise, a postagem – aquela imagem representa. Portanto, a escolha da figura do ator e ex-presidente conservador em um perfil de direita é uma prática discursiva e está intrinsicamente ligada a dimensões ideológicas, pois o fato de associar-se à imagem de Reagan tal perfil reforça uma visão de mundo específica, alinhada a valores como liberalismo econômico, nacionalismo e conservadorismo social. Trata-se, assim, de uma prática discursiva que projeta ideologias e legitimam um determinado modo de pensar e agir politicamente, enquanto excluem ou deslegitimam outros. O uso da figura de Reagan, portanto, é ideológico, posto que coloca uma ideia em um contexto de disputas simbólicas e políticas.

Conforme Orlandi (2012, p. 100), “o discurso materializa a ideologia, constituindo-se no lugar teórico em que se pode observar a relação da língua com a ideologia”. O uso dessa imagem, no perfil de uma página de direita que discursa contra uma notícia em um momento pandêmico, é uma projeção discursiva do que seja o sujeito homem conservador frente à história que vivencia/constrói no período em que realiza a postagem; é um dizer de como este homem deve enfrentar a pandemia a qual vivencia. Conforme Alves (2019), para ser conservador, é preciso ser homem – e não moleque –, pois há de se opor a pragmatismos midiáticos, teorias academicistas e multidões de científicas que intentam teorizar o conservadorismo e impor ideias progressistas. Para Brandão (2012, p. 59),

[...] a noção de história é fundamental, pois, porque marcado espacial e temporalmente, o sujeito é essencialmente histórico. E porque sua fala é produzida a partir de um determinado lugar e de um determinado tempo, à concepção de um sujeito histórico articula-se outra noção fundamental: a de um sujeito ideológico. Sua fala é um recorte de representações de um tempo histórico e de um espaço social. Dessa forma, como ser projetado num espaço e num tempo orientado socialmente, o sujeito situa seu discurso em relação aos discursos dos outros. Outro que envolve não só o seu destinatário para quem planeja, ajusta a sua fala (nível intradiscursivo), mas que também envolve outros discursos historicamente já constituídos e que emergem na sua fala (nível interdiscursivo).

Portanto, o uso da imagem de Ronald Reagan fala na história (haja vista o momento em que a publicação acontece) com todos os recortes que constituem uma concepção de sujeito, a partir de um lugar discursivo para dialogar com um público que se identifica com os discursos conservadores, de homem conservador, do herói – já que o Reagan, ao longo de sua carreira artística, protagonizou papéis de homem

com características heroicas, serviu ao exército e foi um presidente marcado com apoio a guerras, discursos que também se encontram na concepção conservadora de sujeito – pró-governo norte-americano, anticientífico e contra a imprensa instituída.

Já que a função da AD é mostrar como um texto produz sentido (Orlandi, 2012) e que o discurso, para ser analisado e compreendido, precisa ser considerado em sua historicidade (Brandão, 2012), entendemos que o conhecimento sobre a linha histórica dos fatos até a postagem importa para compreendermos quais posicionamentos discursivos estão presentes nesta e em todas as postagens que analisaremos nesta tese. Assim, pós-análise da imagem, focaremos agora no texto verbal escrito.

A publicação tem o seguinte enunciado: “A ONS declarou PANDEMIA há exatos 14 dias atrás. Nesse período, morreram 57 pessoas por Coronavírus no Brasil, OU, 4 mortes POR DIA. Enquanto isso, de acordo com o Atlas da Violência de 2018, nós temos 170 assassinatos tb POR DIA, 42 X MAIS! Faz sentido parar o país agora??!?”. Junto a ele, há um *print* de uma manchete do Jornal O Globo: “Mapa do Coronavírus do Brasil”.

O tuíte foi postado em 25 de março de 2020. No dia 11 de março do mesmo ano, a OMS declarou pandemia não pela gravidade da doença, e sim pela rápida disseminação, conforme noticiou a ASCOM (2020). No Brasil, Luiz Henrique Mandetta, então Ministro da Saúde, afirmou que o país seguiria monitorando as áreas atingidas e que os brasileiros deveriam continuar seguindo os protocolos de enfrentamento anunciados na Lei Nº 13.979, em 06 de fevereiro de 2020: isolamento de pessoas doentes ou contaminadas, bem como de mercadorias; restrição de atividades de pessoas suspeitas ou confirmadas; realização compulsória de exames médicos, testes laboratoriais, coleta de amostras clínicas, medidas profiláticas e tratamentos médicos (Brasil, 2020, p. 1).

O primeiro caso confirmado de covid-19 no Brasil foi em 26 de fevereiro de 2020, segundo a SANAR (2020)¹⁵. O paciente era um homem de 61 anos regresso da Itália; três dias depois, confirmou-se o segundo, também homem, de 32 anos, cujos sintomas se manifestaram igualmente pós-viagem à Itália. Até aquele momento, não havia evidência de circulação sustentada – casos em que não se identificam as fontes de transmissão da doença, conforme a Fiocruz (2020) – logo, não havia necessidade ainda de uso de máscaras ou isolamento total da população, apenas orientações

¹⁵ Todos os dados referentes à linha histórica da covid-19 no Brasil serão embasados nas informações fornecidas pela SANAR.

quanto à higiene das mãos e de qualquer produto adquirido durante o período, assim como evitar ambientes superlotados e sem ventilação ou contato com sintomáticos.

Em 04 de março de 2020, outro homem, em São Paulo, teve diagnóstico confirmado após passar 14 dias na Europa, inclusive, Itália. Em 05 do mesmo mês, foi registrado o primeiro caso de transmissão interna no país. Nesse período, havia 636 casos suspeitos; uma adolescente de 13 anos também havia sido cadastrada como infectada, porém assintomática. No dia 06, o Brasil passou para 13 confirmados e anunciou medidas que reforçassem a assistência hospitalar: reforços na atenção primária a fim de que não infectados procurassem hospitais sem necessidade; unidades de saúde abertas até as 22h e aos finais de semana; convocação de médicos do Programa Mais Médicos e disposição de telemedicina, bem como reorganização de pacientes com doenças crônicas. Três dias após, o Brasil já tinha mais de 25 casos registrados em diferentes estados; em 11 de março, 52 casos confirmados (SANAR, 2020), e o país recebeu da OMS a declaração de pandemia.

Quando afirma que “A ONS declarou PANDEMIA há exatos 14 dias atrás”, notamos uma confusão ao usar a consoante N (ONS). Todavia, apesar de a análise de um ato de linguagem não ter a pretensão de compreender a totalidade do enunciado (Charaudeau, 2016), ao escrever pandemia em maiúsculo, não vemos neste ato um equívoco, e sim um propósito discursivo: chamar a atenção do leitor para o assunto do momento, bem como prepará-lo para as informações posteriores e/ou questionamento vindouro.

Prossegue: “Nesse período, morreram 57 pessoas por Coronavírus no Brasil, OU, 4 mortes POR DIA”. O período denotado se dá do dia em que a OMS declarou pandemia (11 de março de 2020) até a postagem (25 de março de 2020). Em 12 de março, conforme a SANAR (2020), o número de infectados no Brasil era de 60, oito a mais que no dia anterior, sendo 9 casos de transmissão local, três a mais que a data passada. Apesar de, em 13 de março, os jornais noticiarem o primeiro curado da covid-19, o Ministério da Saúde regulou critérios de isolamento e quarentena para contaminados por 14 dias, bem como de possíveis contaminados que tenham mantido contato com positivados. Já em 16 de março, o número saltou de 60 (12/03) para 234 (16/03) pacientes com covid, quase quatro vezes mais em apenas quatro dias, levando os governadores a tomarem atitudes de enfrentamento à pandemia, apesar da postura de Jair Messias Bolsonaro, à época presidente, não ter sido equivalente. Segundo o *site* Exame (2020), os governadores criaram um consórcio para a compra

da vacina Sputnik V, cogitaram ir às entidades internacionais representando o Brasil, articularam critérios unificados para o tratamento dos contaminados e adotaram medidas restritivas em cada estado. Duas cartas foram escritas pelos governadores cobrando medidas do então presidente (tendo, à época, Ratinho Jr, governador do Paraná, Ronaldo Caiado, governador de Goiás, e Cláudio Castro, governador do Rio de Janeiro, deixado de assinar a segunda carta), mas foram ignorados em grande parte, pois Bolsonaro tinha um compromisso com uma agenda anticientífica, conforme Marques (2019), para o Jornal da Unicamp:

[...] Jair Bolsonaro e seu governo estão adotando uma forte agenda anticientífica no Brasil, reduzindo o financiamento de pesquisas, ameaçando a educação pública e reduzindo a regulamentação ambiental a um nível sem precedentes na história brasileira. [...] A campanha política de Jair Bolsonaro foi impulsionada, entre outras questões, por um discurso abertamente anticientífico. Durante a campanha política de 2018 e durante os primeiros cem dias de seu governo, professores, universidades e instituições de pesquisa foram sistematicamente ameaçados e assediados pelo presidente e seus aliados. O governo **Bolsonaro**¹⁶ reduziu o orçamento federal para a Ciência e Tecnologia em 42,27%. Seu governo também elogiou publicamente o **fascismo** e expressou nostalgia pelo antigo **Regime Militar no Brasil**: uma tendência preocupante que representa um grande perigo para a **liberdade de expressão**, um dos principais do **desenvolvimento científico da sociedade**.

A agenda anticientífica de Bolsonaro não foi criada por ele; para Fargoni *et al.* (2021, p. 21), “as mídias sociais foram pontes para manifestações reacionárias, derivando em canais digitais como o Parler ou, de forma prática e muito perigosa, o *QAnon* – movimento que tem como principal alegação a existência de uma conspiração demoníaca [...]” contra Trump e os valores familiares. Conforme Rebello (2021), os movimentos bolsonaristas copiaram o conspiracionismo norte-americano; em entrevista ao El País, afirmou:

As eleições presidenciais que derrotaram o republicano Donald Trump e elegeram o democrata Joe Biden nos Estados Unidos foram fraudadas, e no Brasil vai acontecer a mesma coisa em 2022 – já aconteceu em 2020 e 2018. As vacinas contra a covid-19 devem ser vistas com reservas quando não repulsa, o distanciamento social e as máscaras como forma de prevenção em meio à pandemia são uma farsa de prefeitos e governadores autoritários que querem quebrar a economia do país, e o melhor a fazer é adotar o “tratamento precoce”

¹⁶ As palavras em negrito neste texto foram destacadas pelo autor.

com cloroquina e outras drogas sem eficácia assim que contrair a doença, algo inevitável. O presidente Jair Bolsonaro e seu séquito de ministros mais ideológicos devem ser apoiados incondicionalmente, pois enfrentam forças literalmente demoníacas de uma elite nacional e global infiltrada no STF, no Congresso, na mídia e em todos os outros cantos, que busca implantar o autoritarismo comunista e promover a pedofilia e o aborto entre os povos sob coordenação da China. Adversários novos, antigos e imaginários são atacados o tempo todo com memes, notícias falsas e calúnias de toda espécie. Notícias ruins são distorcidas até ficarem favoráveis, e qualquer dissenso é punido com trolagem e exclusão.

É principalmente em torno dessas temáticas, métodos e variações que vive atualmente o núcleo duro da rede bolsonarista de *fake news* nas redes sociais e aplicativos de mensagem [...] Trata-se de uma espécie de 'QAnon tupiniquim' [...].

Logo, ao apresentar dados no início do tuíte (a declaração da OMS e, na sequência, o número de mortes pela covid no Brasil), consideramos que o discurso da publicação enuncia de uma CP de direita bolsonarista, que tem sua formação em uma formação discursiva de extrema-direita, materializa no enunciado atravessamentos do discurso conspiracionista norte-americano e mostra ao leitor o que considera erro: parar o país por razões sanitárias. Isso ocorre graças à FD brasileira ser constituída por outros discursos conspiratórios, como a ideia de que o Brasil pode ser comunista. Segundo Madeiro (2019), apesar de que houvesse narrativas quanto a João Goulart planejar transformar o Brasil em uma “nova Cuba”, essa afirmativa não tem respaldo histórico, mas se sustenta até os dias atuais, pois foi altamente difundida durante os anos 1960 para que a ditadura civil-militar se mantivesse. Também há na FD brasileira o discurso antivacina, o descrédito à ciência, a negativa ao aborto e a crença de que política e religião devem andar juntas.

Quando apresenta o número de mortes por coronavírus – “Nesse período, morreram 57 pessoas por Coronavírus no Brasil, OU, 4 mortes POR DIA” –, o enunciado promove, na sequência, um paralelo: “Enquanto isso, de acordo com o Atlas da Violência de 2018, nós temos 170 assassinatos tb POR DIA, 42 X MAIS!”. Segundo o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), o Atlas da Violência “é um portal que reúne, organiza e disponibiliza informações do Ipea sobre violência e segurança pública” (IPEA, 2023). A comparação mostra uma FD muito comum em meios conservadores: a FD da violência. Segundo Silva, Maciel e França (2020), há uma forte expressão da banalização nos pensamentos conservadores quanto ao combate à violência. Para Abreu (1996), países como o Brasil, que têm em suas FDs

e CPs forte tradição autoritária, há uma constituição erigida na política da violência, marcada por um longo período escravagista, de sucessões de golpes, violência extremada contra minorias, repressão de direitos e agressões a encarcerados.

Por ser uma cultura marcada por elementos e discursos violentos, o brasileiro é atravessado por um discurso que entende a violência como um recurso para a segurança pública. Segundo pesquisa divulgada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2017), 60% dos brasileiros concordam que “bandido bom é bandido morto”, expressão muito utilizada por conservadores e comumente usada pelo ex-presidente Bolsonaro, que, inclusive, em sua proposta de governo na eleição à presidência em 2018, prometeu reduzir a violência brasileira e reformular o Estatuto do Desarmamento, sob a perspectiva do direito à autodefesa.

Logo, ao comparar o número de mortos pela covid com os da violência, entendemos que há na publicação uma interpretação¹⁷ que rememora ao leitor algo que é próprio da ideologia extremista de direita: o combate ao crime que gera a violência; que o brasileiro vive sob ameaças à vida diariamente com o tráfico de drogas, assaltos, homicídios e, mesmo assim, sai de suas casas, vive sua vida e não é submetido ao confinamento – já que, ao traçar este paralelo, o enunciado também coloca a violência brasileira em condição pandêmica. Fazendo esta comparação, conclui: “Faz sentido parar o país agora??!”.

Conforme Curcino, Sargentini e Piovezani (2021, p. 12), “as afirmações, as relativizações e as negações das verdades são fenômenos discursivos por excelência”. Assim, ao traçar esta analogia (pandemia e violência) para justificar o não confinamento da população, a publicação desconsidera a realidade daquele período, cujas contaminações aconteciam de modo escalonado, e apenas o isolamento da população poderia ajudar no controle do vírus. Segundo a SANAR (2020), o número de casos de Covid em 16 de março eram de 234 contaminados; em 25, dia da publicação em análise, havia 2.433 casos confirmados, 57 mortos e o registro do primeiro contaminado confirmado em Pernambuco. Isto posto, compreendemos que a publicação utiliza o discurso anticientífico por meio da comparação com o intuito de questionar fatores importantes de combate à pandemia no momento da postagem,

¹⁷ Usamos aqui o termo interpretação, pois, em AD, “intenção” não é utilizado como conceito central, porque essa teoria se distancia de abordagens que privilegiam a subjetividade do falante como origem única do sentido. O sujeito da enunciação não é um sujeito plenamente consciente e soberano, mas é atravessado por formações discursivas que orientam o que pode ou não ser dito em determinado contexto. O foco recai sobre os efeitos de sentido e as relações de poder no discurso.

opondo-se à realidade dos fatos apresentados.

Portanto, consideramos que essa publicação é atravessada e constituída pelas CPs determinadas pelo extremismo de direita que está na rede social *Twitter*, que, apesar de propor o respeito à diversidade e à verdade, não controla nem atesta os conteúdos nela produzidos, permitindo que sejam disseminados textos inverídicos, utilizados, também, por políticos, que transformaram suas páginas em meio oficial de comunicação. Também notamos que esta publicação tem em si a presença dos discursos anticientíficos baseados em teorias conspiracionistas, como o *QAnon*, ao expor toda a ideia de que há uma “verdade” oculta da população, como é próprio de discursos conspiratórios; a ideia de homem conservador e herói, forjada na figura do ex-presidente e ator norte-americano Ronald Reagan, também se faz presente, trazendo em si o discurso do homem branco, salvador, forte, herói social, logo, o que vai livrar a população de todo erro, erro advindo do progressismo; a materialização do discurso da banalização da pandemia e de oposição a órgãos públicos, imprensa e grupos científicos; a presença do discurso de violência como argumento de oposição à realidade pandêmica e um discurso de não compromisso à vida humana, conforme o Artigo 3º da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

6.2 ANÁLISE 2 – TRADUTOR DE DIREITA

É muito mais difícil matar um fantasma do que matar uma realidade.
Virginia Woolf

Imagem 3: Postagem da página Tradutor de Direita



FONTE: *Twitter*

A página Tradutor de Direita, no *Twitter*, existe desde agosto de 2018. Com mais de 138 mil seguidores, divulga todo tipo de teoria conspiratória alinhada ao que também é difundido nos EUA¹⁸. Na foto de capa, há uma imagem printada¹⁹ do perfil na mesma rede do ex-presidente Jair Bolsonaro seguindo a página que agora analisamos enquanto presidia o país, e o tuíte fixado é também um *print* de quando Bolsonaro indicou o canal desta página no *YouTube*. Conforme Hilgert (2012, p. 80), “[...] o sentido não é preestabelecido pelo sistema da língua nem fornecido por um acervo lexical mental do falante, e sim cada vez construído em função das exigências linguísticas e situacionais do momento da comunicação”. Ou seja, exibir *prints* em que o presidente à frente de um país, durante uma pandemia, indica uma das páginas que dissemina conteúdo conspiracionista é um ato enunciativo-discursivo que evidencia o atrelamento da página a uma ideologia de direita bolsonarista, compreensão possível

¹⁸ As teorias alinhadas se aproximam do *QAnon*, movimento já citado nesta tese.

¹⁹ *Print* é uma expressão inglesa; significa “imprimir”. Na *internet*, este termo é usado para capturar uma imagem, uma conversa ou qualquer outro registro, tanto no celular quanto no computador/*notebook*.

já que as CPs no momento da postagem – também desta análise – produzem tais sentidos, pois, conforme Orlandi (2012, p. 63), “o discurso, definido em sua materialidade simbólica, é “efeito de sentidos entre locutores”, trazendo em si as marcas da articulação da língua com a história para significar”. Também é um argumento de autoridade, posto que a imagem traz em si um poder político constituído: o do presidente da república indicando à nação um espaço de conhecimento acerca de determinados assuntos, em especial, a pandemia por que passamos. Há de se considerar, igualmente, a questão ideológica. Segundo Pêcheux (2014, p. 146),

[...] o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas).

Assim, ao apresentar este discurso materializado em *print*, a página mostra seu posicionamento ideológico à direita bolsonarista em um espaço tecnológico, em especial, mas não só, a rede social em análise, cujos conteúdos provenientes dessa linha ideológica quanto à pandemia ali disseminados são reacionários, anticientíficos e atrelados a conspirações norte-americanas, como o *QAnon*.

Na bio²⁰, há *links* para que os seguidores ajudem o dono do perfil – que não sabemos identificar quem seria ou se teria mais de um – a comprar um computador mais potente a fim de trazer conteúdos com melhor qualidade, também um caminho para o canal da página no *YouTube*, onde possui mais de 30 mil inscritos e define-se como um espaço cujo foco é legendar vídeos em português. Apesar de afirmar na bio do canal que não concorda com tudo o que ali é traduzido e atestar que vídeos dos democratas Joe Biden e Justin Trudeau são igualmente legendados por eles, o espaço traz conteúdos de Paul Joseph, *youtuber* com mais de um milhão de seguidores e conhecido por divulgar teorias conspiratórias, de Donald Trump, citado nesta tese quanto ao apoio e à disseminação de teorias anticientíficas, e do jornalista norte-americano Tucker Carlson, conhecido por ser conservador, contrário às políticas imigratórias e feministas, e defensor do que chama de “racismo antibranco”²¹,

²⁰ Espaço em páginas em redes sociais onde o usuário descreve-se.

²¹ Racismo antibranco – também conhecido como racismo reverso – é um termo que ganhou força na França nos anos 1980 e é utilizado por membros da extrema-direita para designar os “inimigos” (leia-

conforme UOL (2022).

A postagem foi feita em 18 de abril de 2020. Naquele mês, o número de óbitos por coronavírus aumentou consideravelmente. Em 01 de abril, o Brasil já tinha mais de 200 óbitos, tendo o Rio Grande do Norte o paciente mais jovem a morrer, conforme SANAR (2020)²². Também nesta data, o Ministério da Saúde distribuiu mais de 500 mil testes rápidos para diagnosticar a covid-19 a profissionais de saúde, anunciou o número 136 para ligações para anamnese a distância de possíveis contaminados, comunicou o lançamento para aquela semana de edital de financiamento de pesquisa de mais de 50 milhões de reais, e estudantes de Medicina, Farmácia, Enfermagem e Fisioterapia foram convocados a integrar o programa “O Brasil conta comigo” para o enfrentamento à covid, com carga horária de 20h a 40h e salários de R\$ 522,50 e R\$ 1.045,00, respectivamente. Dos mais de 6 mil infectados aquele dia, São Paulo contava com quase a metade.

Em 02 de abril, o Brasil passou a obrigar a população quanto ao uso da máscara, sendo ela de pano ou cirúrgica, ou ainda de modelos mais consideravelmente eficientes. O Ministério da Saúde criou um painel on-line para divulgar dados de contaminados, bem como a quantidade de leitos de cada estado. Em 24 horas, o Brasil totalizou mais de mil positivados, chegando a 327 mortes. Em 03 do mesmo mês, o governo federal anunciou mais de 9 bilhões para fortalecer a rede pública no enfrentamento ao coronavírus, e os estados de Roraima e Mato Grosso registraram o primeiro óbito. Dados do Ministério da Saúde apontaram que o Distrito Federal, Amazonas, Ceará, São Paulo e Rio de Janeiro atingiram a fase de aceleração descontrolada do vírus. Em 04 de abril, o Brasil tinha mais de 10 mil infectados, 2 mil a mais que no dia anterior, e mais de 450 óbitos. Além do Amapá vir a ter o primeiro falecimento causado pela doença, o Ministério da Saúde adquiriu 15 mil respiradores mecânicos, investindo 1 bilhão de reais na compra.

Em 05 de abril, apenas Acre e Tocantins seguiam sem mortes, vindo a manter-se apenas o Tocantins em 06 de abril. O avanço da covid era considerado acelerado e havia rumores de que o presidente à época exoneraria Luiz Henrique Mandetta do

se todo e qualquer imigrante). Desde 2017, existe em solo francês a OLRA (Organização de Luta contra o Racismo Antibranco), cuja luta (!) se propõe excluir todo e qualquer tipo de racismo, inclusive contra brancos. Estudiosos de várias áreas compreendem que é impossível haver racismo reverso, já que racismo é sinônimo de poder de um grupo étnico-racial sobre o outro, poder que se constrói sobre ideias anticientíficas, como superioridade ou inferioridade física, intelectual, entre outros.

cargo de ministro da saúde. Novas medidas para o enfrentamento foram adotadas em relação ao distanciamento social, saindo do ampliado para o seletivo, com o objetivo de retorno gradual das atividades laborais. Um chamamento público na Plataforma Carlos Chagas em parceria com os ministérios da Saúde e de Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações de mais de 50 milhões de reais em onze linhas temáticas foi publicado.

Em 07 de abril daquele ano, o Brasil tinha mais de 14 mil positivados e quase 700 óbitos. Mais de 50 milhões de equipamentos de proteção individual (EPIs) foram distribuídos pelo Ministério da Saúde, e ensaios clínicos com cloroquina e hidroxiclороquina associadas à azitromicina estavam em desenvolvimento. Tempos depois, descobriu-se que o uso desses medicamentos não funcionava no tratamento precoce da covid-19, mas foram largamente divulgados por páginas de direita bolsonarista como eficazes e ficaram conhecidos como kit-covid, conforme Agência Senado (2021). A plataforma *Maida.Health* ficou à disposição dos profissionais de saúde com seu banco de imagens, a fim de auxiliar na identificação de diagnósticos.

Em 08 de abril e 800 falecimentos (SANAR, 2020), o Ministério da Saúde liberou o pagamento de R\$ 1,6 mil ao dia por leitos de UTI a municípios e estados, e os estados do Amazonas, São Paulo, Rio de Janeiro, Amapá e o Distrito Federal estavam com a taxa de infecção 50% acima da média nacional. Em 09 de abril, o país marcava mais de 17 mil contaminados, batendo o triste recorde de mais de 140 mortes em 24h. O Ministério da Saúde liberou mais de 4 bilhões de reais a estados e municípios para a aquisição de materiais e insumos médicos. Em 10 de abril, o Brasil tinha mais de mil mortos em decorrência do coronavírus, um aumento de 144% em comparação à semana anterior. Alvanei Xirixana, de 15 anos, foi a primeira indígena a falecer contaminada. O Hospital Delphina Aziz, de Manaus, entrou em colapso.

Já em 11 de abril, o Ministério da Saúde apontou que 25% dos óbitos por coronavírus eram de pacientes fora do grupo de risco; a taxa de letalidade neste período era de mais de 5%. O número de óbitos passava dos mil e cem, e o de contaminados, vinte mil. Em 13 de abril, Manaus foi o primeiro estado a receber profissionais da saúde de outros estados para auxiliar no enfrentamento. Diferentes centros de pesquisa produziam ensaios clínicos com plasma sanguíneo de pacientes curados. O Ministério da Saúde assinou contrato para adquirir mais de 4 mil ventiladores pulmonares; houve conflito entre os boletins divulgados pelo Ministério da Saúde e Secretarias de Saúde dos estados, em que o primeiro afirmou que os

números de contaminados e de mortos eram menores do que os divulgados pelo segundo.

O Centro de Epidemiologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) iniciou uma pesquisa sobre o nível de imunização da população ao coronavírus em 14 de abril. Um Censo Hospitalar para monitorar a taxa de ocupação de leitos de UTI deu início a pedido do Ministério da Saúde, e foi aplicado em todos os estados brasileiros, bem como no Distrito Federal. Tocantins teve seu primeiro óbito decorrente da covid-19, e o país chegou à triste marca de mais de 1500 mortos e 25 mil contaminados.

Mais de 3 mil médicos integraram-se ao Mais Médicos para o Brasil no combate à pandemia em 15 de abril. No dia seguinte, com quase 31 mil positivados e quase dois mil mortos, Bolsonaro exonerou Luiz Henrique Mandetta e Nelson Teich tornou-se ministro da saúde. Em 17 de abril, após tomar posse, Teich distribuiu mais de 10 milhões de equipamentos a profissionais de saúde. O Conselho Federal de Enfermagem (Cofen) informou que 30 enfermeiros morreram em decorrência do coronavírus e mais de 4 mil foram afastados por contaminação. O Brasil encerrou o dia com quase 37 mil positivados e 2.300 mortos. Este era o cenário nacional até a postagem desta análise.

Conforme Dias (2018, p. 33), “o que sustenta a formulação dos dizeres no digital é a sua circulação”. Ou seja, não basta apenas dizer, mas é necessário que esse dito produza sentidos e seja disseminado – e aí independe se o compartilhamento será por razões positivas ou negativas do que foi dito. O importante, neste ambiente digital, é que a circulação do dizer ocorra, significando e ressignificando em cada grupo ideológico impactado por tal formulação.

Segundo Sfez (2002), o intercâmbio existente entre tecnologia e política é possível por ambas habitarem em uma “ficção, utopia”. A AD (Orlandi, 2012) compreende que os discursos (no caso desta análise, o político e o tecnológico, também o científico) se materializam no texto (na postagem, na *web*), e os discursos políticos (seja pelos agentes constituídos pelo voto, seja pelos cidadãos) ganharam espaço nas redes sociais, criaram raízes e transformaram os ambientes tecnológicos, que, outrora, eram apenas para diversão, em instrumentos oficiais de comunicação.

Mesmo com os fatos decorridos, páginas de direita, com discursos políticos de cunhos bolsonaristas e anticientíficos, disseminaram no ecossistema *Twitter* conspirações de toda sorte, entre elas, as que envolviam a China como criadora da pandemia. Isso foi possível porque há, na FD brasileira, o discurso constituído de que

a China é comunista, e a ideia de comunismo que se tem no Brasil é de algo mal. Essa ideia, conforme Gajus *et al.* (2021), colabora na construção da imagem de um país inimigo do nosso, em especial, do presidente que governava o Brasil durante a pandemia.

Contudo esta compreensão não se estende apenas aos brasileiros; o jornalista e escritor norte-americano correspondente no Brasil Larry Rother escreveu à Globo (2020) uma coluna em que culpava a China pela pandemia. Em março de 2020, mês da publicação de Rother, toda a imprensa noticiava que o primeiro contaminado veio de Whuan. Paulo Guedes, ministro da economia à época, afirmou, conforme Quinan *et al.* (2021, p. 152), que “O chinês inventou o vírus”. Além da postagem que aqui trouxemos, outros perfis disseminaram todo tipo de comentário contrário à China. A página de direita TransVacinade²³ publicou:

Imagem 4: Tuíte página TransVacinade



Fonte: *Twitter*

Compreender as CPs que envolvem a publicação que agora analisaremos importa para que entendamos como as páginas anticientíficas trabalharam arduamente para que conspirações ganhassem espaço e dividissem, assim, a opinião pública, apesar de diversos campos científicos mostrarem a importância de assumir diferentes atitudes no enfrentamento da pandemia. A imagem a seguir é uma charge de Toki Cheung. Abaixo, a postagem original feita em 19 de março de 2020 em sua conta virtual nesse ecossistema:

²³ Apesar de constar nas referências, observamos que o perfil não existe mais na rede em análise; também não está mais disponível o *link* com a notícia pela página compartilhada.

Imagem 5: Tuíte página Toki Cheung



Fonte: *Twitter*

Notamos, no perfil de Cheung, que é natural de Hong Kong e está nessa rede desde setembro de 2019, e não tem muitos seguidores. Por se tratar de um tuíte em chinês, o *Google Tradutor* já mostrou, no próprio tuíte, a opção de tradução. Ao clicar nela, lemos: “Exporte o vírus, toda área está com raiva.” Não encontramos biografia a respeito do(a) autor(a) em nenhuma das páginas que está nas redes, também no próprio *Google*, mas observamos que há muitas charges e memes feitos por Cheung criticando, sobretudo, o sistema político chinês.

Ao comparar as imagens, vimos que a página Tradutor de Direta adaptou a charge, construindo novos sentidos a ela, ato que “as formas enunciativas não são aí um simples vetor de ideias, elas representam a instituição no discurso ao mesmo tempo em que moldam, legitimando-o (ou deslegitimando-o) esse universo social no qual elas vêm se inscrever” (Maingueneau, 2008, p. 54). Apesar de não apagar na charge o nome do autor, a página não o citou no tuíte feito. Tais atos nos mostraram efeitos de sentido que se apoiam em uma ideologia de direita e anticientífica, que não apenas “traduz”, como – considerando as possibilidades de sentidos –, mas se comunica diretamente com os brasileiros.

Tanto a imagem original quanto a adaptada mostram trabalhadores dentro de um laboratório – e assim concluímos pelas CPs do momento sócio-histórico: os símbolos nas imagens, o que se vivencia à época em que a charge é criada, bem como pelas ideias conspiracionistas que já circulavam naquele momento nas redes sociais quanto à China ter criado o coronavírus – inserindo o vírus da covid-19 em

notas de 100 *yuan*s, moeda chinesa de maior valor. No recorte da imagem abaixo, percebemos que a página Tradutor de Direita inseriu a inscrição “Partido Comunista da China” na camisa do operário em destaque, ao lado do crachá, que traz estampado a bandeira chinesa, como forma de não dar ao leitor espaço para o equívoco: o vírus foi criado e exportado pela China.

Imagem 6: Recorte charge Tradutor de Direita e Toki Cheung, respectivamente.



Fonte: *Twitter*

Para a AD, todo dito traz em si um não dito, mas que ali está. Assim, esse “enviar” fala igualmente de um potencial econômico chinês: a fabricação. Atualmente, a China é considerada “a fábrica do mundo”, segundo Albuquerque (2022), competindo diretamente apenas com os Estados Unidos, vindo a passá-lo, conforme o Centro de Pesquisa Econômica e de Negócios (CEBR, na sigla em inglês), em 2028, cinco anos antes do que se previa, como noticiado pela BBC News Brasil (2021), tornando-se, desse modo, a maior economia de todo o mundo. Com essa CP – aliada a teorias conspiratórias contra a China – é possível compreender porque a charge coloca o país como fabricante e exportador do coronavírus.

Para Albuquerque (2022), o que torna o país chinês tão competitivo são, além da enorme população (mais de 1 bilhão de pessoas), salários que não estão amparados pela lei de salário-mínimo, sendo, muitas vezes, abaixo do estabelecido; trabalho infantil; ecossistema de negócios cujo processo de produção se dá por meio da cooperação e da competição; menor conformidade com leis de segurança e saúde entre fabricantes orientais e ocidentais; produtos de consumo interno com taxa zero de imposto. Outra razão se deve ao fato de a China ter controlado a pandemia por meio de ações rápidas e rígidas, tendo sido o único país a evitar uma recessão econômica em 2020, apesar de ter sido afetado primeiramente pela covid-19, segundo a BBC News Brasil (2021).

Imagem 7: Recorte charge Tradutor de Direita e Toki Cheung, respectivamente.



Fonte: *Twitter*

Observamos, no recorte acima, que a página Tradutor de Direita realizou mudanças: em lugar da bandeira da Itália está a brasileira, mantendo apenas as do Reino Unido e Irã. Para compreendermos o porquê das bandeiras, precisamos entender as CPs, as FDs e as FIs que permeiam o período histórico, bem como a particularidade de cada nação, pois, conforme Orlandi (2012, p. 27),

[...] a língua – para a análise de discurso – não se reduz ao jogo do significante abstrato. Para significar, insistimos, a língua se inscreve na história. A descrição não é um cálculo de deslocamentos na rede da filiação de sentidos, ela abre sobre a interpretação. Há um trabalho do sentido sobre sentido: estar na língua com os gestos de interpretação significa ser trabalhado pela língua numa perspectiva discursiva na qual a língua faz sentido, em que ela é afetada pela história, perspectiva em que não separamos de modo rígido estrutura e acontecimento.

Logo, as bandeiras são signos linguísticos que comunicam, discursam, pois são afetadas pela história, refletem ideologias, são representatividades políticas e mostram posicionamentos discursivos de uma nação. São textos que trazem em si símbolos representativos de valores culturais, questões políticas e sócio-históricas, têm, como outrora afirmou Saussure (2004), o significante (elemento tangível) e o significado (o conceito do signo). Há, portanto, nas bandeiras, a materialização de discursos e, por isso, são também elementos importantes de análise.

O *site* Viagem na Itália fez, em abril de 2020, uma matéria cronológica do coronavírus pelo país, atualizando-a ao longo do ano. Em 20 de janeiro, o governo italiano passou a fazer triagem de todos os passageiros provenientes de Whuan, China, no aeroporto de Fiumicino, Roma, e anunciou o repatriamento de todos os cidadãos italianos em Whuan em 29 do mesmo mês. Em 06 de fevereiro, um italiano

pesquisador repatriado de 29 anos foi confirmado como o primeiro a ter coronavírus. Em 23 de fevereiro, o Carnaval de Veneza foi cancelado, pois já havia casos em Lombardia e em outros lugares, mostrando que a covid-19 começava a avançar pelo país. Em 04 de março, escolas e universidades italianas foram fechadas. Em 11 de março, o Papa Francisco realizou a Audiência Papal sem fiéis pela primeira vez, e anunciou, em 15 de março, que as celebrações litúrgicas da Semana Santa seriam feitas na Praça e na Basílica de São Pedro sem o público costumeiro. Em 28 de março, a Itália já tinha 10 mil vítimas por coronavírus. Em 07 de abril, registrava mais de 17 mil mortos.

Já segundo Riboli *et al.* (2020), os primeiros casos na Itália foram de um casal chinês que visitava o país italiano, em 30 de janeiro. Depois disso, o avanço da doença foi assustador, conforme relata. Em 25 de fevereiro, após a divulgação do primeiro caso secundário (18 de fevereiro), o país já tinha 323 contaminados; um mês depois, os casos chegavam a 35.713. Como ainda Riboli *et al.* (2020), o fato de a Itália ser um país de população idosa, totalizando mais de 22% em 2019 – segundo o *Istituto Nazionale di Statistica* (Istat) – o vírus colapsou o sistema sanitário de excelência, não apenas quanto à enormidade de pessoas infectadas adentrando os hospitais, como também aos desgastes físicos e emocionais dos trabalhadores da área da saúde (médicos, enfermeiros, etc.).

O Reino Unido, conforme Oliveira e Queiroz (2022), considerado atuante expressivo no desenvolvimento científico e tecnológico, também por seu sistema de saúde Beveridgeano (que abrange a todos igualmente em razão de suas contribuições), teve seu primeiro caso registrado em 31 de janeiro de 2020, onde um integrante de uma família de ascendência chinesa, hospedado em York, teve seu teste positivado. Em 05 de março, além de registrar a primeira morte no país, confirmou transmissão comunitária.

Apesar do avanço da doença, o Reino Unido só implementou o *lockdown* em 11 de março, quando a OMS declarou pandemia. Segundo Oliveira e Queiroz (2022, p. 192), “[...] a condução governamental foi duramente criticada não apenas pelos erros de coordenação e de comunicação (Gaskell *et al.*, 2020), mas também por indicar adesão à estratégia de permitir propagação do vírus para desenvolver a imunidade de grupo na população” (Parker, Pickard & Hughes, 2020). O objetivo dessa tática mirava na manutenção da vida “normal”, ou seja, a sociedade seguiria seus afazeres, desconsiderando a gravidade de um vírus que, à época, não se tinha

tantas informações a respeito do quão grave poderia ser. Tal conduta foi considerada por Bolsonaro no Brasil, mas não foi adotada. Para Pedro Hallal, epidemiologista da Universidade Federal de Pelotas, “mirar na imunidade de rebanho como uma política de saúde é uma ideia absurda, mal pensada e antiética” (G1, 2020).

Na perspectiva da AD, esse posicionamento é marcado ideologicamente, pois evidencia que o mundo, em sua grande parte, vive sob o capitalismo, e o dinheiro importa sobremaneira nesse sistema. Conforme Cruz (2020), os impactos do *lockdown* levaram a um declínio econômico semelhante a 1933.

Observar a postura do primeiro ministro inglês durante a pandemia importa do ponto de vista da AD, pois ela se debruça não apenas nos fatos, mas sobretudo nos posicionamentos ideológicos que se apresentam nos fatos. A presença de FDs ligadas ao discurso político e à crítica de políticas públicas no contexto pandêmico são vistas na tomada de decisão do ministro inglês – não apenas nele, igualmente em Bolsonaro e na extrema-direita em todo mundo. Essa postura é também vista na charge, já que ela é marcada por um tom de denúncia, apontando a responsabilidade da contaminação do vírus não apenas para a China, mas a todo país que a ela se alia.

Até 31 de março de 2020, o Reino Unido somava 1789 mortes. A medida tomada pelo primeiro-ministro Boris Johnson, no início da pandemia, calcada no negacionismo a fim de defender a economia – conforme Sudré (2021) – igualou-se às de Bolsonaro e Trump. A Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Pandemia no Senado brasileiro concluiu que o governo federal errou estrategicamente no enfrentamento da pandemia, contribuindo significativamente com as contaminações e mortes ocorridas neste período. Ainda segundo a CPI, a imunidade de rebanho, estimulada pelo presidente à época, o encorajamento ao uso do kit-covid, o desestímulo à vacinação e o atraso na compra de vacinas, bem como todo tipo de desamparo aos cientistas brasileiros na descoberta da melhor forma de enfrentar a covid-19, foram determinantes para que o Brasil padecesse.

Esta análise nos permite observar que há nessa linha do tempo – que nos mostra como estava a covid neste período, a maneira como os governantes reagiram às medidas propostas por órgãos competentes da área da saúde e as consequências das ações adotadas que favoreciam mais o sistema econômico que vidas humanas, bem como a interpretação da sociedade, em especial o grupo ideológico que nos dedicamos a pesquisar, a extrema-direita nas redes – a presença de discursos pré-construídos e sentidos estabilizados no imaginário social que denotam positividade

quanto à adoção da imunidade de rebanho, do kit-covid, da aceitação do discurso anticientífico como científico, pois, conforme Fargoni e Zacarias (2021, p. 176) , “há ciência na anticiência. Tem ciência política, ciência econômica e ciência social, com método científico [...]”.

O contexto da CPI evidencia também as relações de poder que se mantiveram firmes durante o período pandêmico. O duelo não foi apenas científico – nos termos de saúde – e sim ideológicos, evidenciando uma luta de classes (cientistas, políticos, grandes empresários, sociedade civil), em que discursos eram legitimados e deslegitimados conforme os interesses de cada grupo social, expondo os não ditos que ficaram de fora do discurso, como a possível responsabilização coletiva ou institucional mais ampla de Bolsonaro.

Segundo Angelis e José (2020), o Irã desafiou a pandemia, ficando entre os cinco países mais afetados, juntamente com China, Itália, Espanha e Estados Unidos. Até a data da publicação da reportagem – 23 de março de 2020 – Angelis e José (2020) afirmaram que o país somava mais de 20 mil contaminados e 1700 mortes, e que o Irã foi a região mais afetada de todo Oriente Médio. Uma das ações que podem ter colaborado foi a recusa de ajuda humanitária do supremo líder religioso iraniano, o Ayatollah Ali Khamenei, vinda dos EUA. Em discurso televisivo, Khamenei apontou os EUA em diversas teorias conspiratórias ligadas à pandemia.²⁴ Em 02 de março daquele ano, a ONU (2020) declarou que casos fora da China chegavam a ser nove vezes maiores; Irã e Itália constavam entre esses países.

Conforme Mu Cui (2020), o apoio da China à Itália, enviando médicos chineses para o país italiano durante o período mais crítico, foi crucial para o enfrentamento da pandemia. Já o Reino Unido (Bassets, Miguel, Carbajosa, 2020) afirmou que nada voltaria a ser como antes enquanto a China não explicasse tudo o que estivesse relacionado ao vírus. Os países iraniano e chinês possuem um acordo estratégico de

²⁴ O Irã e os Estados Unidos estão em conflito há décadas. Conforme Leonel e Pascom (2020), a Agência Central de Inteligência dos EUA (CIA) e o Serviço Secreto de Inteligência do Reino Unido (M16) tramaram um golpe contra Mossadegh, primeiro-ministro nacionalista, eleito em 1951. Com o fracasso desta trama, os EUA apoiaram a greve do Exército, obrigando Mossadegh a renunciar. De lá para cá, muitos conflitos ocorreram entre as duas nações, como a reforma iraniana em 1962, a repressão sociopolítica de 1970, a Revolução Islâmica de 1979, até as revoltas árabes em 2011 e o avanço do Estado Islâmico em 2014. Assim, a luta por influência na região torna a relação Irã-Estados Unidos bastante complexa (Leonel, Maria Eduarda Leite; Pascom, Gabriel Gomes da Silva. Conflito entre os Estados Unidos e o Irã. *Série Conflitos Internacionais*. V.7, n. 2, abril de 2020, p.1-8). Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/observatoriodeconflitosinternacionais/v.-7-n.-2-abr-2020.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2023.

cooperação em temas como energia, segurança e comunicações, conforme reportagem da Exame (2022). Segundo o *site* Xinhua Português (2020), a China declarou união ao Irã e à comunidade internacional para vencer a pandemia.

É também preciso considerar a relação Brasil-China, haja vista a imagem adaptada da página Tradutor de Direita ter inserido a bandeira brasileira em lugar da italiana. Segundo Silva *et al.* (2021), a relação Brasil-China está constituída em FDs de políticas econômicas e relações internacionais. Principal parceira comercial do Brasil desde 2009, a China adquire produtos brasileiros com *commodities* de baixo valor agregado, enquanto o Brasil importa os de maior valor, sendo – segundo dados do Ministério da Economia – 99% dos produtos importados da indústria da transformação²⁵.

Durante a pandemia, a China também colaborou com o Brasil, apesar dos embates enfrentados com o governo federal à época. A cooperação entre os estados e municípios com a China²⁶, segundo Belasques *et. al.* (2020), foi um fenômeno notável, haja vista o governo Bolsonaro não ter conseguido coordenar um combate efetivo contra a covid-19, pois, conforme Malerba e Fernandes (2020), Bolsonaro era um dos que mais colaborava e divulgava desinformação quanto à doença, negando a gravidade dela, encorajando ao não tratamento, impulsionando na população um comportamento de risco – não apenas de seus eleitores, como da sociedade em geral. Ou seja, ao invés de se preocupar com o efetivo combate à pandemia, o governo se dedicou a uma agenda conspiratória, nos moldes do *QAnon*, como afirmaram Saldanha e Souza (2021, p. 79): “a rede bolsonarista encontrou nos ativistas digitais religiosos e conservadores um excelente canal de propagação de suas ideias e discursos”, apelando ao pânico moral, capturando a razão de parte do eleitorado e

²⁵ Segundo o Portal da Indústria (2023), Indústria de Transformação é um segmento industrial que transforma matéria-prima em um produto intermediário ou final para ser modificado por outro ramo industrial. Os materiais utilizados pelas indústrias que se utilizam deste formato de trabalho provêm da produção agrícola, pesca, mineração, extração florestal, dentre outros. (PORTAL DA INDÚSTRIA. Indústria de Transformação. Indústria de A a Z, 2023). Disponível em: <<https://www.portaldaindustria.com.br/industria-de-a-z/industria-de-transformacao/>>. Acesso em: 18 mai. 2023.

²⁶ Diante do embate protagonizado pelos governos brasileiro e chinês, estados e municípios passaram a procurar ajuda por eles mesmos, enviando cartas à China. Dessa busca, surgiram o Consórcio Nordeste e o Consórcio da Amazônia Legal, a fim de adquirirem equipamentos suficientes para atender a população durante a pandemia. Houve também a parceria entre o Instituto Butantã e o Laboratório Sinovac Biotech no ensaio da terceira fase da vacina CoronaVac. (Belasques, Bruna. et al. *Relações subnacionais entre Brasil e China: no combate à pandemia e ao governo federal?* Observatório de Política Externa e da Inserção Internacional do Brasil (OPEB), 26 jun. 2020). Disponível em: <<https://opeb.org/2020/06/26/relacoes-subnacionais-entre-brasil-e-china-no-combate-a-pandemia-e-ao-governo-federal/>>. Acesso em: 20 mai. 2023.

criando uma bolha de desinformação quanto à realidade.

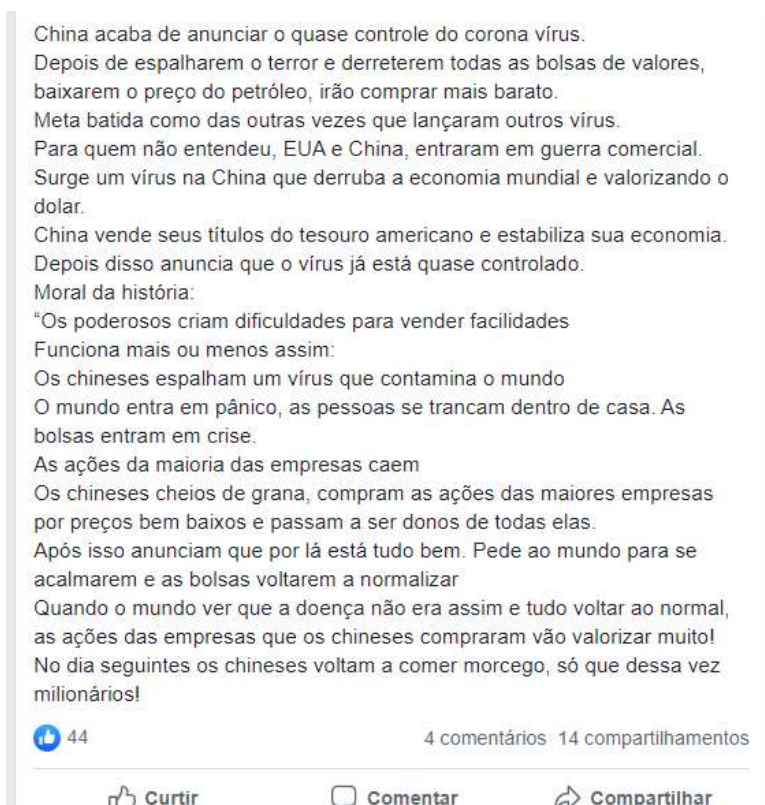
A figura 6 mostra o vírus embalado em dinheiro com as bandeiras dos países, comunicando que a covid-19 estava em produção laboratorial e era enviada ao mundo. Frente às CPs, às FDs e às FIs da postagem, compreendemos que há nesse ato enunciativo os discursos conspiracionista e anticientífico, bem como o discurso econômico, já que a justificativa da criação da pandemia seria a de que o país chinês se beneficiaria economicamente, pois o preço do petróleo abaxaria, o dólar seria desvalorizado e o lucro chinês estaria garantido, segundo Marchesan (2020). Mas a verdade é que, sendo uma das maiores exportadoras de produtos no mundo, com a pandemia, a produção industrial chinesa caiu em 13,5% entre janeiro e fevereiro de 2020, menor registro desde 1990, as vendas comerciais despencaram em 20,5% e o investimento privado teve déficit de 26,4% no mesmo período (Marchesan, 2020).

Assim, o discurso econômico está igualmente atrelado aos discursos anticientífico e conspiracionista, pois propõe, entre as possibilidades de sentidos, que a China, em um conluio, comprou os países a fim de dominar o mundo, ato culminado após entrar em guerra comercial com os EUA. Ou seja, o coronavírus foi criado como arma biológica²⁷. Segundo a Revista Arco (2021), estudo realizado por pesquisadores do Reino Unido, Austrália e Estados Unidos e publicado na revista *Nature Medicine*, em 2020, comprovou que o coronavírus não foi criado em laboratório. No entanto, para Lewandowsky e Cook (2020), as teorias conspiratórias tornam-se populares porque são formas em que parte da sociedade entende a realidade e enfrenta as adversidades, contesta políticas dominantes, explica eventos improváveis e se livra – esta parte da sociedade – do sentimento de impotência frente ao caos. Nas redes sociais, as teorias conspiratórias ganharam ainda mais amplitude e disseminação; no artigo publicado pela Revista Arco (2021), há uma publicação no *Facebook* em que “se explica”²⁸ o plano de dominação chinês.

²⁷ Muitas teorias conspiracionistas disseminadas nas redes sociais consideravam que a China havia criado o coronavírus como uma arma biológica. Entretanto, Silva (2023) afirmou que pesquisadores diversos confirmaram, a partir de análise feita da sequência genética do SARS-CoV-2 (nome genético da covid-19), que o coronavírus surgiu naturalmente, não havendo assim a possibilidade de sua criação ou manipulação em laboratório. No mais, a teoria de arma biológica também não se sustenta, pois seria de praxe que, ao contaminar o mundo, a China protegesse sua nação, imunizando seus compatriotas, algo que não ocorreu antes do vírus se espalhar por todo o globo (Silva, Felipe Dalcin. Coronavírus como arma biológica: conjecturas e cenário. *Relações Exteriores*, 27 fev. 2023. Disponível em: <<https://relacoesexteriores.com.br/coronavirus-arma-biologica/>>. Acesso em 21 mai. 2023).

²⁸ O uso das aspas se justifica pela postagem não apresentar nenhum dado científico, nenhuma prova ou documento que comprove o que é informado, medida comum em textos conspiracionistas.

Imagem 8: Postagem no Facebook



Fonte: Revista Arco, 2021.

A Revista Arco (2021) não apresentou a fonte do texto cuja imagem aqui republicamos. Ao fazermos uma busca pela origem da postagem, percebemos que o texto foi amplamente difundido, de forma a nos impossibilitar conhecer a publicação primária. É fato também que essa postagem não se ateve apenas ao ecossistema *Facebook*; no *Twitter*, inúmeras páginas divulgaram-na, gerando vários tuítes, podendo ser considerada – tal disseminação textual – divulgação em massa. Segundo Gonçalves e Cecchin (2021), o *Twitter* tornou-se uma rede interessante para desenvolvedores de grandes empresas, pois abre espaço ao uso de *bots* (robôs), automatizando páginas para difundir conteúdo e interagir com os usuários. Muitas empresas fazem uso de palavras-chave²⁹, e os *bots*³⁰ entram em contato com

²⁹ Conforme Modzelewski (2013), o *Twitter* passou a oferecer segmentação por palavra-chave nos tuítes a fim de que o usuário possa publicar o conteúdo segmentado por categoria de interesse; dessa forma, os tuítes chegariam àqueles a quem o autor da publicação quisesse alcançar. Modzelewski (2013) afirma que empresas que testaram anúncios por segmentação por palavras-chave no *Twitter* tiveram um alcance acima da média, conversão e envolvimento dos usuários com a marca. (Modzelewski, Ângela. **Explorando a segmentação por palavras-chave do *Twitter* para anunciar descontos para estudantes.** Sherrid, 25 abr. 2013. Disponível em: <<https://www.sheerid.com/pt/business/blog/exploring-twitter-keyword-targeting-to-advertise-student-discounts/>>. Acesso em: 20 mai. 2023).

³⁰ Explica Garcia (2023) que o campo de palavras-chave é o mais importante, pois orientam todas as

qualquer página assim que as palavras-chave são utilizadas, por exemplo. O uso desses *bots* – ainda conforme Gonçalves e Cecchin (2021) – serve, igualmente, para disseminar *fake news* e atacar perfis diversos. Há também a criação de perfis por pessoas reais cuja identidade na rede difere-se da civil e têm por objetivo chamar a atenção dos usuários para um assunto específico independentemente de sua veracidade – ou a falta dela. Para Gonçalves e Cecchin (2021), essas contas falsas e *bots* têm o poder de manipular informações e opiniões públicas de modo bastante estratégico. Conforme Teixeira e Couto Junior (2020), o uso da *hashtag* #FechadoComBolsonaro foi uma das mais difundidas em abril de 2020, provavelmente pelo uso de *bots*, e com conteúdo com supostas verdades massivamente disparados no *Twitter*.

Logo, compreendemos, com base em Maingueneau (2015), que o cenário discursivo apresentado nesta charge – tanto a original quanto a adaptada – é a de um “complô” em uma cena englobante política marcada pela conspiração chinesa em destruir parte do mundo a fim de dominá-lo por meio da criação de um vírus potencialmente letal, bem como na compra de países parceiros. Esse discurso é crível, pois, na FD brasileira, existe a ideia de que a China quer dominar o mundo; por se tratar de um país populista com características conservadoras e de forte apelo militar, conforme Löwy (2015), essa ideia é difundida – sobretudo nas redes sociais – por meio de uma política do medo, conforme afirmou Prado (2021), política muito usada em países populistas, como é o caso do Brasil, onde o líder se opõe a uma elite maléfica – ou, neste caso, a um governo maléfico, o chinês. Essa premissa é tão aceitável que o jornal *Gazeta do Povo*³¹ publicou, em março de 2021, um artigo intitulado: “O que a China realmente deseja: uma nova ordem mundial³²”. A ideia

interações que o *bot* fará com os usuários, funcionando – as palavras-chave – como gatilho para qualquer intenção que se deseja, a qualquer instante que se queira. (Garcia, Caio Cesar. **O que são as palavras-chave do bot. OmniChat, 2023.** Disponível em: < <https://help.omni.chat/pt-BR/articles/5376924-o-que-sao-as-palavras-chave-do-bot>>. Acesso em 18 mai. 2023).

³¹ LI, Manyin. O que a China realmente deseja: uma nova ordem mundial. *National Review*. In: *Gazeta do Povo*, 10 mar. 2021. Disponível em: < <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/o-que-a-china-realmente-deseja-uma-nova-ordem-mundial/>>. Acesso em 18 mai. 2023.

³² Cientificamente, entende-se por Nova Ordem Mundial o período geopolítico vivenciado por todos nós após o fim da Guerra Fria, onde há a formação de blocos econômicos, a globalização, a evolução tecnológica e a diversidade cultural. Já no campo conspiratório, a Nova Ordem Mundial é um termo utilizado nas obras de ficção científica de H.G. Wells, nos anos 1940, ganhando imensa repercussão nos anos 1990 após o presidente à época George W. Blush utilizar essa expressão em um discurso sobre a Primeira Guerra do Golfo (Orsi, Carlos. *Nova Ordem Mundial: uma conspiração que engloba todas as conspirações. Querer Acreditar, Revista Galileu*, ed. 269, dez. 2013). Disponível em: < <https://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI339660-17773-1,00-QUERER+ACREDITAR.html>>. Acesso em 19 mai. 2023).

conspiratória fica igualmente explícita no enunciado dos dois textos (da página original e da adaptada) que acompanham a charge, e que analisaremos na sequência.

Imagem 9: Recorte postagem e *hashtags* da Página Toki Cheung



Fonte: *Twitter*

É comum em postagens nesse ecossistema escrever um enunciado com o conteúdo que seja do interesse do dono do perfil. Conforme já dissemos nesta análise, na postagem realizada por Toki Cheung lê-se (com a ajuda do *Google Tradutor*): “Exporte o vírus, toda área está com raiva”. As *hashtags* utilizadas fazem referência (em mandarim) à pneumonia em Wuhan, ao autor da publicação, à palavra “múltiplos”, (em inglês) à nomeação do vírus como “vírus chinês”, à cidade onde o vírus foi descoberto, à China nazista, ao vírus na China, ao Partido Comunista Chinês (PCC), à qualificação à China (chamando-a de “idiota”), e à nomeação do vírus como chinês, agora, na língua inglesa.

Já na postagem da página Tradutor de Direita, feita um mês depois de Cheung, o enunciado diz: “Cê curte uma dose de comunismo e sofisticação ao estilo chinês??”, e as *hashtags* fazem referência ao vírus chinês, forma pejorativa que foi adotada aqui e em vários países do mundo para nomear a covid, ao coronavírus no Brasil, à covid-19, ao Brasil, ao vírus como comunista, à China e à origem do vírus, ao presidente da China, nomeando-o também como um vírus, a uma expressão abasileirada do vírus (coronga), à cidade Wuhan, onde houve o primeiro caso confirmado, e ao coronavírus em si (Imagem 9, p. 71).

Imagem 10: Recorte postagem e *hashtags* da Página Tradutor de Direita

Fonte: *Twitter*

Nas duas postagens, o que percebemos é que os discursos responsabilizam a China pelo que ocorreu no mundo. Em 2021 (BBC, 2021), Joe Biden, atual presidente dos Estados Unidos, anunciou que agências de inteligência norte-americanas investigariam o vírus a fim de saber se se espalhou de modo acidental ou natural, através de animais até infectar humanos. A China não respondeu bem a este interesse, alegando que os EUA usariam disto para seguir estigmatizando o país chinês.

Para Ghani (2020), a China foi responsável pela pandemia, e tal afirmação não é feita por revanchismo, mas intenta responsabilizá-la a fim de que outras pandemias não ocorram. Os fatos que levaram – em 2020 – à responsabilização da China, ainda conforme Ghani (2020), foram: epidemias anteriores, como a SARS, em 2002; comércio nada higiênico; consumo de animais selvagens como iguaria, e não mais por fome, como outrora; prisão de oito médicos chineses que tentaram denunciar o vírus e sua capacidade; erro da OMS em acreditar que a informação dada pelo governo chinês era íntegra e que não precisava preocupar-se com a letalidade viral; problemas sanitários graves; visão politicamente correta e utilitarismo pragmático (dinheiro) pelo Ocidente. Já em fevereiro de 2023, o Departamento de Energia norte-americano concluiu ter havido um vazamento acidental em Wuhan; o *Federal Bureau of Investigation* (FBI) também teve a mesma opinião; das 18 agências que compõem a comunidade de inteligência norte-americana, oito participaram da revisão das origens do vírus: quatro ainda consideram que a transmissão ocorreu de modo natural e duas outras seguem indecisas (Estadão, 2023).

Compreender as CPs da postagem é importante, sobretudo, para entender os enunciados, bem como as *hashtags*, onde as FDs e as FIs também se evidenciam. Na postagem de Cheung, lemos: “Exporte o vírus, toda área está com raiva”, que, somado à imagem, leva o leitor a entender que o vírus foi criado em laboratório e, agora, é exportado a todo mundo, afinal, sendo a China a maior “fábrica” do mundo,

não haveria motivos para não crer que aquilo que ela exporta foi por ela fabricado.

A palavra “raiva” pode ser aí entendida de duas formas: substantivo, referindo-se à doença raiva, “doença infecciosa viral aguda, que acomete mamíferos, inclusive o homem, e caracteriza-se como uma encefalite aguda com letalidade de aproximadamente 100%. É causado pelo vírus do gênero *Lyssavirus*, da família *Rabhdoviridae*” (Secretaria de Saúde do Paraná, 2023), ou à locução adjetiva “com raiva”, referindo-se ao sentimento (raivoso) que todos estavam no mundo (área) naquele momento. Quanto à doença, essa possibilidade de sentido é bastante interessante, pois a raiva é transmitida por mamíferos (Secretaria de Saúde de Campinas, 2023), entre eles, o morcego, animal que era, em 2020, o provável transmissor da covid-19 aos humanos, conforme noticiado pelo Jornal da USP (2020), já que as evidências mostravam que o marco zero era o mercado de animais vivos de Wuhan. Mas, conforme publicado pela Sociedade Brasileira de Mastozoologia (2020), apesar de os outros surtos de SARS terem vindo de morcegos, a SARS-CoV-2 também foi encontrada em pangolins, civetas e camelos, e o vírus encontrado em morcegos e civetas era geneticamente parecido, mas não o mesmo que a covid-19. Logo, sentir raiva ou estar com raiva pode, dentre as possibilidades de sentidos, referir-se ao morcego e ao mercado chinês.

Conforme Maingueneau (2015, p. 131), “qualquer que seja o modo de manifestação, o discurso se realiza por meio de textos, de unidades que vão além da frase”. Assim, estar com raiva também remete ao sentimento de milhares de pessoas do mundo frente a toda exaustão vivenciada até aquele momento: imprecisão frente ao que seria o coronavírus, se haveria uma solução rápida, se a pandemia demoraria muitos anos para se resolver, se os cientistas descobririam em breve uma vacina para que a vida seguisse o ritmo de antes; raiva da China, de sua cultura alimentar, da forma como governa o país, da maneira imprecisa de divulgar dados científicos, entre outros fatores, que, certamente, podem ser entendidos como “estar com raiva”.

No enunciado “Cê curte uma dose de comunismo e sofisticação ao estilo chinês??”, a pergunta traz em si um recurso linguístico: a ironia retórica. Segundo Oliveira *et. al.* (2014, p. 36),

[...] a ironia carrega diversas possibilidades de interpretação, de incertezas significativas e ambíguas. Quando aplicada no uso corrente da linguagem, estabelece uma relação inesgotável de hiperonímia entre termos que se confundem com dissimulação, hipocrisia, fingimento e mentira.

A reflexão sobre a ironia na filosofia e na retórica tende a considerá-la um tropo, ou seja, “indica mais de uma atitude enunciativa do que uma caracterização do referente” (Charaudeau, 2012, p. 291), mostrando que a ironia é, igualmente, polifônica. Para Ducrot (1987, p. 174), “[...] um enunciado argumentativo apresenta sua enunciação como levando a admitir tal e tal conclusão”. Quanto à retórica, afirma Chauí (2002, p. 167) ser, para os sofistas, a arte da persuasão que oferece “[...] as razões ou os argumentos e definições de uma coisa, tendo como base não o que a coisa seria em si por natureza (*phýsei*), mas tal como ela nos parece e tal como nos será útil”. Assim, ao enunciar tal pergunta com ironia retórica – “Cê curte uma dose de comunismo e sofisticação ao estilo chinês??” –, a página Tradutor de Direita dialoga com seu público certa de que ele compreende tudo o que a China produz como negativo, debochando assim de uma situação real: a pandemia, além, é claro, de esboçar uma xenofobia muito presente na FD brasileira em relação ao país chinês.

Outra possibilidade de sentido presente nesta pergunta com ironia retórica é a tradução feita pela página quanto ao que Cheung enunciou em sua postagem. Lexicalmente, observamos que a página Tradutor de Direita não fez uma tradução literal de Cheung, mas ideológica. Para Souza (2014, p. 16-17),

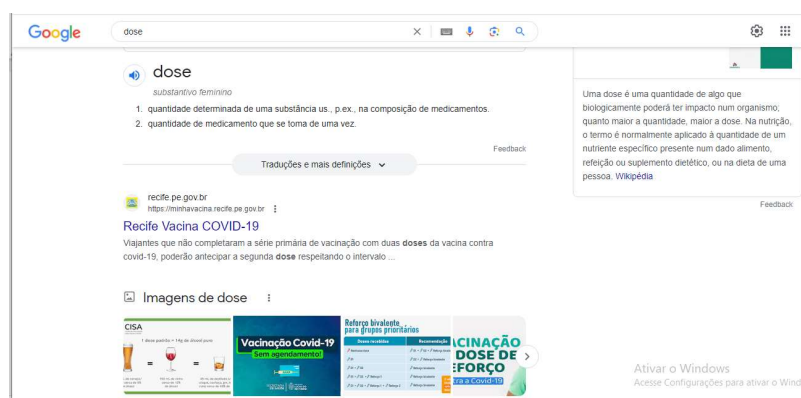
[...] o sujeito que traduz não pode se constituir a não ser perdendo-se na turbulência dos discursos que se encarregam do destino do dizer submetido à passagem. Pelo viés da Análise de Discurso, diz-se que a passagem do dizer de uma para outra série de enunciados implica esquecimento. Não me refiro apenas ao campo de luta entre sentidos, contexto agonístico no qual para que um sentido sobreviva é preciso que outro seja abatido até desaparecer da memória. É que antes de se decidir por um sentido ou outro, a matéria significante passa por um estágio de turbulência, de exposição ao excesso em que tudo e nada pode ser tomado como seu significado. Ante à força ideológica que rege a injunção de traduzir, trata-se então de esquecer ou apagar vestígios que impedem a passagem do dizer a outro regime de sentido, sob a ameaça de a interpretação não se efetivar e a enunciação tradutória perder-se no vão entre os discursos que disputam ideologicamente a tutela da tradução possível.

Logo, compreendemos que a tradução não mostra integralmente o que o autor da charge chinesa diz, mas o que faz sentido à página e ao público que a segue, aludindo ao tradutor não como um sujeito que realiza a tradução de modo neutro, mas demarcando seu posicionamento ideológico, aquilo que “acha” que se quis enunciar.

Este “fazer sentido” demarca as CPs, FDs e FIs que constituem o momento histórico da postagem, bem como as ideologias que moldam a página, mostrando os posicionamentos político e ideológico dela: os conservadorismos bolsonarista e trumpista, a conspiração científica e a xenofobia à China. É preciso, portanto, entender que não há, em AD, um sujeito neutro, já que não há sujeito sem ideologia. Assim, o sujeito tradutor é atravessado ideologicamente e demarca, durante o processo de tradução, seus atravessamentos político-ideológicos. Logo, ao inserir na charge palavras em língua portuguesa que não havia na charge chinesa fica evidente o posicionamento discursivo da página em análise.

Ao referir-se à locução adjetiva “de comunismo”, refletimos sobre o substantivo dose. Ao fazermos uma busca no *Google*³³, os resultados apresentados foram: 1) verbete de dicionário; 2) notícias quanto à dose da vacina para covid-19; 3) explicação quanto à questão biológica no *Wikipédia*; 4) imagens referentes às doses de bebidas e à vacinação de reforço do coronavírus (Imagem 10, p. 72).

Imagem 11: Página de busca *Google*



Fonte: *Google*

Segundo Nogueira (2022), o algoritmo do *Google* é uma ferramenta responsável por filtrar e entregar informações conforme a busca de cada visitante, bem como o ranqueamento das palavras-chave. Para Foer (2018, p. 73), “o algoritmo interpreta mais de mil “sinais” para decidir o que os usuários veem. Alguns desses sinais se aplicam a todos os usuários da rede; outros refletem os hábitos pessoais dos usuários e seus amigos”. Nessa perspectiva, quando fizemos a busca pela palavra “dose”, a ferramenta apresentou não apenas as páginas que mais são clicadas na

³³ Busca realizada em 27 de maio de 2023, durante a escrita deste capítulo.

rede, ou ainda aquilo que é de preferência da própria ferramenta, mas, sobretudo, mostrou assuntos que costumamos estudar: bebidas, coronavírus, vacinas, explicações científicas. Então, compreendemos – à luz de Jadi Percassi (2023) – que o *Google* apresenta ao pesquisador, na página de busca, informações já depositadas por ele outrora, já que esta busca tem em si o viés ideológico do pesquisador. Conforme Percassi (2023), o algoritmo guarda todos os dados de acesso dos usuários; portanto, aqueles que têm um perfil ideológico mais à esquerda receberão materiais voltados a reforçar o que pensam, colaborando assim com a polarização política da sociedade, pois quem tiver um perfil mais à direita receberá materiais que reforcem seu posicionamento. Logo, quem consome teorias conspiratórias terá, a cada busca, mais materiais desse tipo, podendo inclusive não compreender determinadas possibilidades de sentidos presentes em um léxico, como é o caso de “dose”, ou ter nas explicações sentidos enviesados quanto ao “comunismo” e “chinês”.

Também devemos salientar que a palavra “dose”, neste contexto, refere-se à conspiração que aqui já falamos: a de que a China distribuiu, de forma bélica (posto o país estar em guerra biológica contra o mundo, conforme teorias conspiratórias), um vírus mortal, pagando os países parceiros para, diligentemente, contaminarem seus compatriotas. O uso do da locução adjetiva “de comunismo” cria um sentido diferenciado quando aliado à expressão “sofisticação ao estilo chinês”; é verdade que a palavra comunismo, na FD brasileira, em especial nas redes, já tem um pré-construído, a saber: partido político, morte, Cuba, Venezuela, entre outros. Mas a locução aliada à expressão “sofisticação ao estilo chinês” já denota ao leitor que esse comunismo é da China e não de outro país das Américas, por exemplo. Com tudo o que há na memória discursiva do brasileiro quanto à China e ao comunismo, o enunciando acaba reforçando teorias conspiratórias que envolvam o país e a corrente político-ideológica, fazendo com que os leitores apreendam essa possibilidade de sentido e a propague igualmente em seus perfis.

As duas postagens apresentam outro recurso enunciativo-discursivo – as *hashtags* – que têm, conforme Silveira (2015, p. 66), o objetivo de “reunir/organizar os tuítes em torno de um tema ou os sujeitos em torno de uma conversa, a ideia de que qualquer um pode “engatar” uma conversa política e de que essa conversa passa a ser seguida por uma infinidade de perfis passa a funcionar como sendo evidente (como efeito) para os sujeitos-usuários do *Twitter* [...]”. Através das *hashtags*, é possível encontrar o que se diz a respeito de determinado assunto, seguir um perfil

que seja mais proeminente ou que seja do interesse do usuário, como também pode ser utilizado para fins de pesquisa, como é o caso desta tese.

Ao entrarmos nas *hashtags* postadas por Cheung em mandarim, encontramos críticas ao governo chinês e ao comunismo, teorias conspiratórias e assuntos diferentes da pandemia³⁴. A que recebia o nome do(a) autor(a) da charge chinesa, encontramos alguns perfis republicando outras charges de sua autoria, todas com tom de crítica ao governo chinês e em apoio à conspiração de criação da pandemia pela China. Nas demais *hashtags* em inglês (#ChineseVirus, #WuhanVirus, #WuhanCoronavirus, #Chinazi, #ChinaVirus, #CCPVirus – Partido Comunista Chinês ao contrário – #chinalsAsshoe – China é Idiota – #ChineseWuhanVirus), havia postagens afirmando que Stalin se uniu a Mao Tsé-Tung para criar o coronavírus e, assim, matar bilhões de pessoas do mundo³⁵, como também muitas postagens em inglês corroborando com teorias conspiratórias, fosse em vídeos que levassem a canais do *YouTube* ou a memes, abordando diferentes assuntos, como trabalhadores do governo borrifando desinfetantes nas ruas, casas e até mesmo nas pessoas³⁶, críticas ao governo Biden pela compra de vacinas chinesas, pesquisas de como as vacinas prejudicam a saúde das mulheres, denúncias quanto à exploração da mulher chinesa em conteúdos adultos, pedidos de boicote à China, críticas às perdas econômicas durante os anos de pandemia, teorias conspiratórias quanto às eleições norte-americanas e até mesmo um pedido de ajuda ao milionário norte-americano Elon Musk.

Quanto às *hashtags* postadas pela página Tradutor de Direita (#VírusChines, #coronavirusBrasil, #covid19, #Brasil, #ComunaVirus, #ChinaVirus, #China, #XijipingVirus, #coronavirus, #Wuhan, #Coronavírus), encontramos assuntos

³⁴ É comum em páginas desse tipo utilizar-se de *hashtags* em alta – ou seja, o assunto mais comentado na ferramenta – a fim de divulgar o próprio perfil, páginas, assuntos e outros temas afins, mesmo que não tenham relação com o assunto.

³⁵ Durante a pesquisa, notamos que algumas páginas criam *fake news* de modo bastante deliberado, sem se importar com a conferência do que ali é publicado. A afirmação de que Stalin e Mao Tsé-Tung se uniram para matar o mundo é inverídica, posto que o líder russo morreu em 1953 e o líder chinês em 1976. Assim, entendemos que a preocupação dos autores dessas teorias não está na verdade, mas em confundir o público quanto aos fatos.

³⁶ Segundo McCarthy (2022), a China sempre foi obsessiva quando o assunto é desinfecção. Diante de um novo surto de covid-19, o governo mandou vários funcionários – também convidou voluntários – desinfetar áreas fechadas e abertas. As autoridades chinesas recomendaram aos cidadãos cuidado na desinfecção quanto a não jogar diretamente nas pessoas (McCarthy, Simone. Entenda os problemas da obsessão da China na desinfecção contra Covid-19. CNN Brasil, São Paulo, 02 mai. 2022). Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/entenda-os-problemas-da-obsessao-da-china-na-desinfeccao-contra-covid-19/>>. Acesso em: 24 mai. 2023.

relacionados ao tratamento precoce da covid-19, teorias conspiratórias quanto à vacina, notícias quanto à indenização que alguns propagadores de desinformação a respeito do tratamento precoce (kit-covid) terão de pagar à Justiça, painel de brasileiros imunizados, bem como chamados a mutirões de vacinação, notícias envolvendo um dos filhos do ex-presidente Jair Bolsonaro, Eduardo Bolsonaro, alvo de investigação quanto aos atos golpistas de 8 de janeiro de 2023³⁷, críticas aos governos Bolsonaro e Lula, vídeos referentes à CPI da Covid, teorias conspiratórias quanto à transformação do mundo em um sistema comunista pela China, críticas à imprensa mundial por conspiracionistas, conspirações alienígenas envolvendo o país chinês, críticas ao líder chinês Xi Jinping, memes e vídeos engraçados quanto ao momento de isolamento mundial, notícias de protestos por médicos chineses em Wuhan e postagens não relacionadas ao tema pandemia estavam presentes.

Das *hashtags* utilizadas pelos perfis, notamos que a página Tradutor de Direita “traduziu” algumas delas, como #VirusChines, e as duas páginas usaram a *hashtags* #ChinaVirus. As demais *hashtags* faziam referência à CP de cada país de origem das publicações. As *hashtags* sobre a temática que pesquisamos apresentaram discursos xenofóbicos, conspiratórios, anticientíficos, críticos aos governos chinês, norte-americano, brasileiro e à imprensa em geral, obsessivos quanto à desinfecção, saúde e exploração da mulher chinesa, político, econômico, sobre o tratamento precoce da covid-19, indenizatórios, golpistas, alienígenas envolvendo o país chinês em conspirações, humorísticos quanto ao momento de isolamento mundial. É verdade que também encontramos nessas *hashtags* perfis buscando combater as teorias conspiratórias ali armazenadas, bem como publicações com temas e postagens não relacionados à pandemia, mas o conteúdo nelas depositado era, majoritariamente, xenófobo, conspiratório e anticientífico.

Consideramos nesta análise que, diante da liberdade criativa na *internet*, páginas como a Tradutor de Direita divulgam conteúdo inverídico, não mensurando as possibilidades de sentidos ou problemas cotidianos que podem advir, afinal, a página com mais de 138 mil seguidores dissemina vídeos e compartilha materiais que

³⁷ Houve no Brasil, em 8 de janeiro de 2023, um atentado terrorista doméstico aos Três Poderes da República como oposição ao resultado das eleições de 2022, que deu a vitória a Luís Inácio Lula da Silva (PT). Até a escrita deste capítulo, muitos terroristas domésticos foram presos, estão em julgamento, e outros respondem em liberdade. Há ainda investigação sobre quem teria encomendado este atentado e se os poderes do Estado – como a polícia – estavam a par e contribuíram para que o ataque ocorresse.

estão ligados ao *QAnon*, mostrando-se enviesada à direita bolsonarista.

Mesmo com tudo o que fora vivenciado pela nação brasileira no dia e mês da postagem da página Tradutor de Direita – o número de óbitos por coronavírus aumentava consideravelmente, o Ministério da Saúde distribuía mais de 500 mil testes rápidos para diagnosticar a covid-19 a profissionais de saúde, a população foi obrigada a usar máscara, estados passaram a ter números consideráveis de mortos e infectados, batendo tristes recordes, exonerações de ministros da saúde, novas medidas para o enfrentamento adotadas, especialistas de todo o mundo colaborando com a pesquisa do vírus, estados compartilhando profissionais de saúde a fim de auxiliar na alta demanda de infectados, conflitos na divulgação de contaminados e mortos entre Ministério da Saúde e órgãos dos estados, conselhos de várias áreas da saúde notificando o óbito de médicos, enfermeiras e técnicos de enfermagem que, bravamente, enfrentaram a covid-19 sem nem ao menos saberem o que de fato, naquele momento, combatiam. Ainda assim, páginas de direita, como a que aqui analisamos a postagem, disseminaram conspirações, confundindo os leitores quanto à veracidade do vírus e ao combate realmente efetivo da doença.

Para Barcelos *et. al.* (2022), as *fake news* em torno da pandemia colaboraram no aumento da descrença na ciência e tiveram potencial de influência sobre o comportamento da população durante a pandemia, de modo a prejudicar a adesão dela aos cuidados propostos e validados cientificamente. Prova disso é que, além dessas páginas, alguns jornalistas, alguns ministros e o próprio presidente à época defendiam e propagavam mensagens conspiratórias sobre o coronavírus.

Também observamos que o uso, mesmo que adaptado, da charge de Toki Cheung trouxe à postagem uma espécie de validação: se alguém da China está criticando e chamando o governo de comunista, e afirmando via postagem que ele criou o vírus, não há motivos para não acreditar. É verdade, no entanto, que, nessas conspirações, a China não agiria sozinha em seu plano de dominação mundial, mas compraria países, como a Itália, o Reino Unido, o Irã, também o Brasil, mesmo governado por Bolsonaro. Certamente, o Brasil foi considerado não apenas pela parceria comercial, mas sobretudo pelos governadores e prefeitos, que combateram a pandemia.

Percebemos, igualmente, que os conteúdos anticientíficos são compartilhados em várias redes sociais, não apenas nesse ecossistema, com a ajuda de *bots* a fim de atingir o maior número possível de perfis, em um sistema de divulgação em massa,

bem como o uso de palavras-chave. E entendemos, com base em Maingueneau (2015), que os discursos apresentados na charge e nas postagens tornam-se críveis, posto haver, na FD brasileira, um pré-construído quanto à conspiração chinesa durante a pandemia, crença possível porque, segundo a 6ª edição da pesquisa Índice do Estado e da Ciência, da 3M (2022), um terço dos brasileiros (38%) são céticos em relação à ciência, um aumento de 5 pontos desde o pico mais alto da pandemia em 2020, e igualmente o fato de sermos um país populista, logo, discursos religiosos e militares moldam o indivíduo brasileiro, levando-o a dar credibilidade a estes discursos conspiratórios.

Percebemos também que a imagem da charge e os enunciados, bem como as *hashtags*, funcionam de modo harmônico e aludem à intencionalidade presente nelas: a de afirmar que a China era a criadora da pandemia. Palavras como “exporte”, “raiva”, “dose”, “comunismo” e “chinês” são cruciais nesta construção, pois, conforme Dias (2018), a tecnologia produz efeitos no processo de interpelação do sujeito, determinando a forma de existência do indivíduo. Se determina, logo, constitui o sujeito que crê em um país cuja ideologia é má, então, precisa ser combatido. É óbvio à AD que esta crença não está submetida apenas à postagem, mas às FDs e às FIs que constituem o sujeito, no meio cibernético, a acreditar no conteúdo postado, sem sentir a necessidade de averiguá-lo.

Também observamos no processo de análise que a “tradução” do enunciado e da charge foi enviesado à direita conspiracionista, mostrando que o tradutor não tece seu ofício de modo neutro, mas apontando seu posicionamento político-ideológico, assim como no processo de análise que as *hashtags* operam de modo enunciativo, ideológico, como também funcionam como uma espécie de enciclopédia virtual, armazenando diversos assuntos das mais variadas páginas, com inúmeros vieses ideológicos.

Considerando as CPs de Cheung, as *hashtags* postadas aludiam ao governo chinês de modo crítico, algumas até depreciativas. De modo levemente diferenciado, as *hashtags* da página Tradutor de Direita faziam referência à China, mas aludiam à realidade brasileira igualmente. Nas *hashtags*, além de críticas ao governo chinês, encontramos discursos conspiratórios, anticientíficos e fantasiosos (como a de Stalin e Mao Tsé-Tung unidos pela implantação do comunismo pela pandemia), memes, críticas aos governos Biden, Xi Jinping, Bolsonaro e Lula, pesquisas de como as vacinas prejudicam a saúde das mulheres, denúncias quanto à exploração da mulher

chinesa em conteúdos adultos, pedidos de boicote à China, críticas às perdas econômicas durante os anos de pandemia, desmistificação do tratamento precoce, chamados a mutirões de vacinação, família Bolsonaro sob investigação dos atos golpistas de 8 de janeiro de 2023, vídeos referentes à CPI da Covid, críticas à imprensa mundial por conspiracionistas, conspirações alienígenas envolvendo o país chinês, entre outros. Percebemos, assim, que as *hashtags*, além de armazenarem conteúdos inverídicos, também denotam discursos xenófobos, racistas, anticientíficos e conspiratórios.

Isto posto, consideramos que essa publicação é atravessada e constituída no ecossistema *Twitter* sem controle sobre sua veracidade, permitindo que não apenas textos com discursos inverídicos sejam veiculados, como com conteúdos xenófobos e racistas. Tais discursos não são divulgados apenas por páginas anônimas, mas reforçados por personalidades sociais por meio da rede, colaborando para que a pandemia tivesse um percurso bastante tumultuado, principalmente quanto à sua veracidade e aos tratamentos cientificamente comprovados.

6.3 ANÁLISE 3 – DIREITA DO BRASIL

Este é o país dos paradoxos.
Erika Hilton

Imagem 12: Bio da página *Direita do Brasil*



FONTE: *Twitter*

A postagem que analisaremos neste capítulo pertence à página *Direita do Brasil*, criada em agosto de 2015, possui mais de 35 mil seguidores, de Minas Gerais, e seu lema é *Deus, Pátria, Família e Liberdade*, igualmente usado na ditadura salazarista, em Portugal, entre 1933 a 1974, também conhecida como *Estado Novo*, perpetrado por António de Oliveira Salazar (1889-1970), nos anos de 1933 a 1968, e vencida pela *Revolução dos Cravos*, em 25 de abril de 1974, que reconstruiu a democracia portuguesa (Rampinelli, 2014). Abaixo, *emojis*³⁸ com as mãos juntas simbolizando posição de reza, a bandeira do Brasil e o *emoji* do que podemos compreender uma família heteronormativa cisgênero, contendo pai, mãe e dois filhos, todos brancos. Em seguida, vemos a *hashtags* *#Direitadobrasil*, espaço em que a página arquiva suas postagens, a bandeira brasileira novamente e, na sequência, a indicação do versículo de *João 8: 32*.³⁹ Há também um *link* para a página na rede social *Gettr* (nome baseado na expressão *Getting Together*), criada pelo ex-assessor de Donald Trump, Jason Miller, espaço que atraiu a direita mundial após o ex-presidente norte-americano ser banido do *Twitter*, *Facebook* e *YouTube* por

³⁸ Ícones popularmente utilizados em conversas *on-line*, geralmente substituindo palavras e/ou reforçando sentimentos já ditos (Machado, Emerson. *emoji ou emoticon. diferença, tecnologia*, 2023. disponível em: < <https://www.diferenca.com/emoticons-e-emoji/>>. acesso em: 20 jun. 2023.)

³⁹ “Conhecereis a verdade, e a verdade vos livrará.” (Bíblia Sagrada. Editora Ave-Maria, 47ª edição. São Paulo, SP).

disseminação de *fake news* (Naísa, 2021). Apesar de ter um perfil similar nesta rede, não há postagens da página na plataforma (Imagem 11, p. 75).

Na capa da bio (p. 82) há uma foto de brasileiros em uma manifestação, evidenciando a força dos apoiadores do movimento bolsonarista. Já na foto da bio, há a bandeira brasileira, tendo em destaque o lema “Ordem e Progresso”. Segundo Iskandar e Leal (2002), a influência positivista dos séculos XIX e XX chega ao Brasil no início da República, tornando-se lema da bandeira brasileira graças ao apoio de Benjamin Constante (1836-1891). Para Gentile (2018), a direita brasileira, especialmente na Era Vargas, é clivada por três linhas ideológicas: o nacionalismo autoritário cientificista por herança da tradição positivista brasileira; a direita católica e a direita fascista, nos moldes integralistas. Conforme Althusser (1985, p. 10), “se considerarmos que toda formação social revela de um modo de produção dominante” e “[...] as ideologias não são feitas de ideias, mas de práticas” (Pêcheux, 2014, p. 130), compreendemos que a prática dessas formações ideológicas presentes no lema da bandeira brasileira faz-se presente na definição da página na bio, que é constituída de discursos religioso (judaico-cristão), ditatorial (a exemplo do salazarismo), positivista, nacionalista e, também, conspiratório, no modo trumpista, e evoca um discurso dominante quanto ao que se entende por verdade e família em uma CP das ideologias religiosas, ditatoriais e conspiratórias. Mostra, igualmente, como a direita bolsonarista é em sua constituição, especialmente na *internet*.

A postagem feita pela página Direita do Brasil, em 25 de julho de 2020, trouxe à discussão um tema que foi muito recorrente durante o ano 1 da pandemia: o tratamento precoce do Coronavírus. Segundo o Jornal da USP (Ferreira, 2021), os pesquisadores Leonardo Furlan e Bruno Caramelli explicaram que, à medida que a covid-19 evoluía em 2020, pesquisadores de todo o mundo buscavam por tratamentos que pudessem amenizar os problemas gerados pelo vírus até que uma vacina fosse criada. A hidroxicloroquina e a ivermectina – segundo os pesquisadores – foram usadas de modo *off-label*, ou seja, fora do que indica a bula, especialmente em pacientes hospitalizados, apesar desse uso ir na contramão do que indicava a comunidade científica. Essa utilização foi devido ao estímulo dos presidentes à época, Donald Trump e Jair Bolsonaro (EUA e Brasil), que propagandearam tais medicamentos como eficazes, desestimulando o uso de máscaras, o distanciamento social e a vacinação. A imagem a seguir mostra um capítulo do que vivemos durante a pandemia no Brasil.

Imagem 13: Publicação *Direita do Brasil*

FONTE: *Direita do Brasil*

O tuíte foi feito em 28 de julho de 2020. Da última postagem analisada (18/04/2020) até esta data, o Brasil vivenciou, na segunda quinzena do mês de abril, um aumento significativo no número de contaminados e mortos, sendo São Paulo a cidade com maior número; a AMB (Associação Médica Brasileira) publicou dados de mais de 3 mil denúncias de falta de equipamentos de proteção individual (EPI); Amazonas e Ceará entraram em colapso quanto ao número de leitos de UTI; a ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) aprovou o uso de testes rápidos em drogarias e farmácias; a Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz) estimou um aumento exponencial da doença para o mês; em 30 de abril, Maranhão decretou *lockdown* por dez dias; o Brasil já tinha, nesta data, mais casos confirmados que a China (SANAR, 2020).

Conforme ainda SANAR (2020), em maio, o estado do Amazonas recebeu quase 300 profissionais de saúde para ajudar no enfrentamento; em 05 de maio, o presidente Jair Bolsonaro, ao ser indagado sobre a situação pandêmica no Brasil (nesta data, o país batia o triste recorde de 600 mortes ao dia, registrava 114.715 mil novos casos e tinha 7.921 mortes), disse: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Sou messias, mas não faço milagres”. Houve, também, o lançamento do programa *Diagnosticar para cuidar* a fim de compreender a ação do vírus pelo país em duas frentes: testes RT-PCR e testes rápidos; o Brasil chegou ao lamentável 6º lugar no número de mortos; o STF e o Congresso Nacional decretaram, em 09 de maio, três dias de luto pelos dez mil mortos da covid-19 no Brasil; estudo publicado na revista *Journal of the American Medical Association* mostrou a ineficácia da cloroquina; em

15 de maio, o ministro Nelson Teich deixou o Ministério da Saúde após quase um mês à frente, pois era favorável ao distanciamento social e contrário ao uso de medicamentos ineficazes defendidos por Bolsonaro, ficando à frente o ministro interino Eduardo Pazuello; em 18 de maio, a primeira vacina criada por uma farmacêutica americana apresentou boa resposta em humanos; Donald Trump proibiu a entrada de brasileiros em solo norte-americano sob justificativa de evitar que infectassem estadunidenses; Bolsonaro assinou protocolo autorizando o uso de cloroquina e hidroxicloroquina no tratamento da covid-19 em pacientes com sintomas leves; o Ministério da Saúde também criou um termo de consentimento que deveria ser assinado pelo paciente que utilizasse o tratamento com hidroxicloroquina; a OMS reiterou que o uso dos medicamentos protocolados por Bolsonaro, em casos leves, geravam mais efeitos colaterais; a Fiocruz alertou que quase 8 milhões de brasileiros não tinham acesso a um atendimento adequado, sendo o maior número nos estados do Pará, Amazonas e Mato Grosso, e também reconheceu que o Brasil era o país mais atingido pela Covid-19 em toda América do Sul, bem como o que mais perdeu jovens para o vírus, especialmente os mais pobres; em 31 de maio, o Brasil batia todos os recordes do número de contaminados e mortos pelo coronavírus, vindo a ocupar o quarto lugar no *ranking* mundial, tinha 500 mil casos confirmados desde o início da pandemia, 29.314 óbitos, mas Jair Messias Bolsonaro passeava a cavalo por Brasília em ato antidemocrático contra o STF.

O mês de junho foi marcado por pedidos de cautela da Organização Pan-Americana de Saúde (Opas) quanto à flexibilização das medidas de distanciamento social; no dia 04, o Brasil já ocupava o terceiro lugar entre os países com mais casos de contaminação e mortes; Donald Trump rompeu relações com a OMS e Bolsonaro ameaçou fazer o mesmo sob alegação de a Organização ter um “viés ideológico”; testes com a vacina de *Oxford* iniciaram-se em dois mil voluntários no Brasil; houve mudanças nos horários da divulgação do boletim diário do coronavírus a mando do Governo Federal, levando veículos de imprensa e o Congresso Nacional a acompanharem os números pelas secretarias estaduais de saúde, já que os números fornecidos pela página do Ministério da Saúde eram inconsistentes; Brasil assumia a liderança mundial no número de óbitos e contaminados em 10 de junho, e no dia 11, tendo São Paulo registrado dez mil óbitos, e o país mais de 100 mil novos casos no período de três dias, Jair Bolsonaro pediu aos seus séquitos que entrassem em hospitais para verificar se os leitos estavam mesmo ocupados, solicitando que

gravassem o que encontrassem e enviassem ao Governo Federal; em 27 de junho, o Ministério da Saúde atualizou a cronologia do coronavírus do Brasil, afirmando que a primeira morte aconteceu em 12 de março e firmou parceria com a vacina da *AstraZeneca*; o mês terminou com quase 60 mil óbitos.

Julho começou com alto número de infectados, mas desacelerando o número de mortos; em 05 de julho, o país já tinha mais de 1,6 milhão de infectados, mas também já havia mais de 1 milhão de recuperados; em 7 de julho, Bolsonaro foi diagnosticado com Covid-19; em 16 de julho, a marca do número de óbitos foi a pior até então, superando o de 23 de junho; em 20 de julho, havia 80 mil óbitos confirmados e mais de 2 milhões de contaminados; em 21 de julho, a vacina testada em São Paulo passava pela terceira fase; em 24 de julho, o Brasil tinha o terceiro dia com mais de 50 mil novos casos, passando a ter mais de 2,3 milhões de confirmados e 85.238 mortes no total. Foi a partir dessa CP que a página Direita do Brasil realizou a postagem exaltando o kit-covid.

Em busca no *Google*⁴⁰ pelo termo *kit-covid*, na primeira página, vemos que o primeiro item a ser mostrado é uma postagem da Prefeitura de Granja, Ceará, município com mais de 52 mil habitantes e comandado, neste período, por Amanda Aldigueri, PDT. A postagem fala sobre o kit-covid, contendo: Azitromicina 500mg; Ivermectina 6mg; Predinisona 20mg; Zinco 130mg; Vitamina D; Hidroxicloroquina 400mg. A justificativa, segundo a página oficial da prefeitura de Granja-CE, é a de que os medicamentos são protocolos orientados pelo Ministério da Saúde.

Imagem 14: Postagem Prefeitura de Granja-CE



FONTE: Página Prefeitura de Granja-CE

De fato, no *site* do Governo Federal, havia, nesse período, orientações segundo

⁴⁰ Busca realizada em 8 de setembro de 2023.

classificação dos sinais e sintomas, conforme imagem abaixo:

Imagem 15: Manual Governo Federal

www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/arquivos/orientacoes-manuseio-medicamentos-covid19-pdf

Word - COVID FINAL ADULTOS.docx 4 / 19 100%

Orientação de tratamento conforme a Classificação dos Sinais e Sintomas

Orientação para prescrição em PACIENTES ADULTOS	FASE 1 1º AO 5º DIA	FASE 2 6º AO 14º DIA	FASE 3 APÓS 14º DIA
SINAIS E SINTOMAS LEVES	Difosfato de Cloroquina =D1: 500mg 12/12h (300 mg de cloroquina base) =D2 ao D5: 500 mg 24/24h (300 mg de cloroquina base) + Azitromicina =500mg 1x ao dia, durante 5 dias Ou Sulfato de Hidroxicloroquina =D1: 400mg 12/12h =D2 ao D5: 400mg 24/24h + Azitromicina =500mg 1x ao dia, durante 5 dias		Prescrever medicamento sintomático

Ativar o Windows
Acesse Configurações para:

FONTE: Página Governo Federal

No entanto, o próprio documento trazia explicações de que não havia evidências robustas que considerassem a eficácia desses medicamentos contra a Covid-19. Na verdade, o próprio Ministério da Saúde, após avaliar, em setembro de 2020, entregar gratuitamente à população, via Farmácia Popular, o kit-covid (UOL, 2020), reconheceu em documento entregue à CPI da Covid a ineficácia do kit (Brasil de Fato, 2021).

Conforme Malerba e Fernandes (2021), as teorias conspiratórias sempre existiram no cenário político, e o alvorecer das redes sociais criou novos modos de promoção de conspirações, apreendendo novos sentidos sobre elas, sendo – tais teorias – originais mesmo sem hipóteses complexas, provas, explicações ou ainda dependerem de discursos mirabolantes; agora, elas dependem da energia direcionada à afirmação e à repetição, algo que observamos não apenas na postagem dessa página, mas de outras, com teor parecido, neste mesmo período.

Para Orlandi (2012, p. 94), “[...] a forma de organização do dizer reflete o jogo das diferentes regiões de significação. [...] Como os significantes não estão soltos, eles se realizam na historicidade e se especializam na medida em que se coloca o discurso em texto”. Assim, as teorias conspiratórias hoje divulgadas não são, do ponto de vista da AD, novas, originais, mas possuem novos sentidos, porque a historicidade, a cena discursiva, as formações discursivas e as condições de produção que as constituem atravessam os sujeitos e os clivam, gerando novos sentidos, implicando em ações não apenas na *internet*, mas igualmente na vida civil, haja vista a quantidade

de atitudes contrárias à ciência que vimos neste período de análise: Bolsonaro invocando seus seguidores a invadirem hospitais, o negacionismo da covid e o estímulo ao uso de medicamentos ineficazes. Logo, se outrora era necessário, em uma condição de produção específica, a comprovação científica para que se cresse em algo, hoje não é mais assim para determinados grupos, especialmente na *web*, gerando muitas reflexões a pesquisadores, civis, entre outros, já que

[...] devemos considerar que os imensos fluxos de informação no mundo digital estão atualmente confiados, em todos os sentidos, a algoritmos e inteligências artificiais, obviamente alheios aos princípios e conceitos aplicáveis em matéria de direitos humanos e que funcionam sob lógica binárias de interação ou envolvimento de usuários, em oposição ao conceito integral e pluridimensional de *pessoa* (Gutiérrez, 2022, p. 67).

Nesse sentido, conseguimos compreender por que, na CP da postagem, o presidente da República, em 2020, a página oficial do Governo Federal, como também as de várias prefeituras pelo país divulgaram o kit-covid como um meio de tratamento para o vírus, mesmo que sua ineficácia, àquela altura, já estivesse comprovada. Conforme Kramer (2021), uma pesquisa publicada por van der Liden e colegas mostrou que residentes dos EUA, Reino Unido, Irlanda, Espanha e México identificaram algumas informações e fatos falsos relacionados à pandemia de covid-19, mas creram na maioria delas – como o coronavírus ter sido criado em laboratório, conspiração muito divulgada nas redes – pois lhes parecia explicar acontecimento tão abrupto. Muitos que participaram da pesquisa consideraram, inclusive, irreais informações verdadeiras, como diabetes ser um fator de risco ao paciente contaminado. Podemos considerar essa crença, na condição de produção atual, em teorias conspiratórias, com base no que disse Foucault sobre a vontade de verdade, posto que, a ele, essa vontade está ligada aos discursos proferidos por instituições poderosas para controlar a vontade do cidadão, pois

[...] se o discurso verdadeiro não é mais, com efeito, desde os gregos, aquele que responde ao desejo ou aquele que exerce o poder, na vontade da verdade [...] essa que se impõe a nós há bastante tempo, é tal que a verdade que ela quer não pode deixar de mascarar-la (Foucault, 1999, p. 20).

Assim, mesmo que a ciência tenha dito, durante o ano 1 da pandemia, que medicamentos tais eram inapropriados para o tratamento precoce da covid, que era

necessário evitar todo tipo de aglomeração para retardar o contágio e o aparecimento de novas cepas, e que apenas uma vacina segura importaria para voltarmos à normalidade, a vontade de verdade, de crer que medidas anticientíficas eram ideais por determinados grupos já evidencia, em suas FDs e FIs, discursos conspiratórios, religiosos, anticientíficos e messiânicos, discursos presentes na pessoa do presidente à época, que se utilizou de seu lugar de fala – e todo poder e influência que tal lugar representa – para declarar inverdades como ciência, levando outros órgãos públicos a fazerem o mesmo sob pretexto de estarem cuidando da população durante a pandemia; também foi uma forma de mostrar, através de redes sociais, o trabalho que faziam em prol da população naquele período, posto que, naquele momento, só era possível informar-se (massivamente) pelas redes, televisão e rádio, já que a orientação era manter-se em casa para evitar contágio. Conforme Duarte e Benetti (2022, p. 122-123),

[...] o governo Bolsonaro não é marcado pela recusa cética do valor do conhecimento científico e sua capacidade de aumentar o bem-estar coletivo durante a pandemia. [...] o que está em disputa não é uma dicotomia entre consensos técnicos e puro charlatanismo, mas a produção de representações científicas da Covid-19, formas de mensuração, protocolos de tratamento e metodologias de testes de novas drogas. [...] Nesse sentido, Bolsonaro mimetiza seus críticos e argumenta que, para se manter como portadora do saber, a ciência precisa ser resguardada dos cientistas-ideólogos.

Ou seja, o anticientificismo divulgado nas redes sociais por Bolsonaro e seus séquitos se vale de discursos que emulam os científicos, já que características semelhantes os atravessam e constituem, e gera no público uma sensação de verdade (ou, como destaca Foucault, uma *vontade de verdade*), posto que os discursos do presidente nesse assunto “acionam elementos próprios dos signos científicos, como jalecos, textos acadêmicos publicados em espaços de prestígio e reforço pela titulação de quem produz o conteúdo como forma de validar seus argumentos” (Oliveira *et. al.*, 2020, p. 104). Em outras palavras, ao confrontar ideologicamente os cientistas, Bolsonaro apresentou discursos anticientíficos com traços científicos para convencer a população de que ele, sim, falava em nome de uma ciência imparcial. Seus pronunciamentos contra a ciência e a gravidade da pandemia, fossem nas redes sociais, televisão ou rádio, causaram enorme impacto, pois o *ethos* nele representado não era apenas de presidente da República, mas de

messias, defensor da família, pró-vida, entre outros discursos comumente apresentados pelo viés ideológico de extrema direita a que se assujeita Bolsonaro. Para Maingueneau (2008, p. 61), “[...] o *ethos*, por natureza, é um *comportamento* que, enquanto tal, articula verbal e não verbal para provocar no destinatário efeitos que não decorrem apenas das palavras”. Tais efeitos nos destinatários foram visíveis durante este período que analisamos, como boicote ao uso de máscaras, ao *lockdown* e à ciência, invasão de hospitais, centros clínicos e de pronto-atendimento a pedido do presidente à época, divulgação em massa de conteúdos falsos quanto à covid-19 e o tratamento precoce, entre outros.

Outro ponto que também serviu de embasamento aos discursos anticientíficos de Bolsonaro foi o apoio que recebeu do Conselho Federal de Medicina (CFM), que defendeu publicamente os argumentos do presidente (Jucá, 2021), e alguns médicos que argumentaram favoravelmente pelo uso do tratamento precoce na CPI da Covid (Agência Senado, 2021). Se “a questão do *ethos* está ligada à da construção da identidade” (Maingueneau, 2008, p. 59), e se existe um *ethos* cristalizado na FD brasileira de que o médico tudo sabe quando o tema é doença, pois luta contra a ignorância, a superstição e os curandeiros (Wilker, 2000, p. 184), logo, é compreensível que o grupo de seguidores do presidente Bolsonaro não apenas creia no que ele diz, mas divulgue massivamente nas redes como verdade incontestável, mesmo embasada em uma teoria conspiratória.

Nesse sentido, afirmam Malerba e Fernandes (2021, p. 55) que “[...] a limitação de caracteres, a preponderância da imagem (em seu caráter essencialmente performativo) e a capacidade de viralização das redes sociais tornam-nas o palco ideal desse conspiracionismo sem teoria e sem evidências”. Ou seja, as teorias conspiratórias, durante a pandemia, ganharam muito espaço e foram muito divulgadas, especialmente por páginas governamentais, dada a facilidade de disseminação na *web*. Muitas páginas, como a Agência Lupo (2020) e Observatório da Extrema Direita, refutaram no *Twitter* postagens feitas por membros do governo, o próprio presidente da República e outras personagens de direita bolsonarista que divulgavam anticientificismo ou promoveram manifestações, como os exemplos abaixo.

Imagem 16: Postagem Agência Lupa Imagem 17: Postagem Obs. Extrema Direita

FONTE: *Twitter*FONTE: *Twitter*

Apesar desse esforço de diferentes páginas e jornais em contestar todas as teorias conspiratórias disseminadas neste período, o Brasil seguiu naquele momento em disputas de narrativas que não se continham apenas nas redes, mas afetavam a vida de toda a sociedade durante o período pandêmico. Inspirada em Cristina Bejan (2019), Prado (2021) afirma que essas atitudes anticientíficas realizadas pela direita bolsonarista completaram o processo de “rinocerização”. Conforme Prado (2021), uma conjunção de fatores é necessária para que uma radicalização ocorra, não acontecendo do dia para a noite. Nesse sentido, no Brasil, a influência de Olavo de Carvalho, desde o início dos anos 2000, em várias redes sociais, foi crucial para adentrar ideias conspiracionistas estrangeiras, e a pandemia finalizou o processo de radicalização de todas elas. O termo “rinocerização” é embasado na peça *O Rinoceronte*, de Eugène Ionesco (2015), protagonista do Teatro do Absurdo, cuja crítica se atém

[...] à histeria coletiva e epidemias que se escondem sob a capa das razões e das ideias, mas que no fundo são doenças coletivas graves, cujas ideologias são apenas álibis. Basta olharmos para as redes sociais e podemos constatar a histeria de gado. Sectarismo com quem não pertence à sua seita (Beaurepaire, 2021).

Logo, consideramos que a postagem é fruto deste processo de radicalização, amplamente influenciada por teorias conspiratórias. O texto da publicação diz: “Hidroxicloroquina SALVA! O comunismo MATA! Vivemos numa ditadura da TOGA! Muitos morrendo por falta de tratamento nos sintomas iniciais de COVID19! Lutem por nós @jairbolsonaro !”. Abaixo, a bandeira do Brasil e dois corações, amarelo e verde,

respectivamente. Como vimos anteriormente, quando a postagem foi feita, já era de conhecimento das sociedades científica e civil que o kit-covid era ineficaz; contudo, Bolsonaro seguia indicando o uso. Segundo Recuero e Soares (2020), o *Twitter* é uma rede social que reflete os discursos que atravessam a sociedade; e assim o é, pois, conforme Maingueneau (2008, p. 51), “a situação de enunciação não é, com efeito, um simples quadro empírico, ela se constrói como *cenografia* por meio da enunciação”.

A cenografia é o “cenário discursivo” no qual o enunciado ocorre e em que podemos perceber como os papéis de cada sujeito estão organizados, como interagem em um espaço imaginário e os modos pelos quais o discurso é legitimado. O tuíte – e o *Twitter* – estão em uma cenografia digital, sendo a plataforma o lugar com suas limitações (apenas 280 caracteres) e recursos (*hashtags*, *emojis* e *links*); os usuários são os sujeitos que compõem os mais diversos tuítes e assumem diferentes posicionamentos a depender da audiência, e os leitores interagem com os seguidores, críticos e/ou apoiadores. As *hashtags* ajudam a situar o tuíte em uma cenografia de protesto, apoio ou militância, por exemplo, envolvendo valores compartilhados por uma comunidade discursiva. Assim como neste exemplo, o tuíte em análise pertence a uma cenografia digital que é moldada pela instantaneidade e pela interação contínua entre os sujeitos. Logo, ao trazer as palavras “SALVA!”, “MATA!” “TOGA!”, “COVID19!” para o tuíte – que pertence a essa cenografia digital – o enunciado não apenas chama a atenção do leitor, mas dialoga com o seu público, evidenciando uma dicotomia: há quem queira salvar e há quem deseje a morte. A morte, neste caso, estaria do lado da ciência; a vida, ao lado de Bolsonaro. E isto se reitera na frase que encerra o tuíte: “Lutem por nós @jairbolsonaro !”. Há, nesse enunciado, a presença do discurso bélico, que é fortemente encontrado na extrema-direita. A luta, neste caso, não é em apoio à ciência, mas uma luta política, ideológica e discursiva. A peleja é por um posicionamento discursivo que constitui e é constituído nessa cena: ser anticientífico sem assim se autointitular, posto que membros da extrema-direita nas redes não se mostram – no caso dessa postagem e em outras semelhantes – como anticientíficos, e sim como os que sabem por qual caminho científico seguir – na postagem em análise, a favor da hidroxicloroquina.

Portanto, compreendemos que a postagem é demarcada por múltiplas vozes em um cenário digital que convive com discursos de diferentes naturezas: político, religioso, cotidiano, entre outros. Nessa cenografia, os discursos são ressignificados

de modo mais rápido devido à própria fluidez do ambiente digital, que é marcado pela efemeridade. Por ser um espaço discursivo, o ecossistema *Twitter* propicia interações que são determinadas também pela própria constituição da plataforma, além das CPs, mostrando – a postagem aqui em análise - algo atual ao período: a desinformação em tuítes que colabora com uma disputa discursiva a partir da promoção de *fake news* a fim de atestar visibilidade e legitimação (Recuero e Soares, 2020). Tal disputa não está apenas no âmbito discursivo como também histórico, como é o caso de “o comunismo MATA”, presente na publicação.

Para Nascimento (2021), as mídias sociais foram importantes na divulgação de uma batalha retórica entre saúde e economia na pandemia a partir da ideia “morrer de fome ou de Covid-19”, divulgada exaustivamente por governantes, líderes de empresas e páginas variadas nas plataformas digitais, quando a comunidade científica atestou que medidas como o *lockdown* seriam importantes para frear o contágio. Afirma ainda que “[...] devemos recordar que em democracias sustentadas pelo ideário liberal, quaisquer controles estatais ou fortalecimento do Estado são denunciados como culto ao fantasma comunista” (Nascimento, 2021, p. 22). Então, páginas à direita usaram de tais discursos para recordar algo que já estava na memória discursiva do brasileiro: o comunismo mata – neste caso, não apenas de fome por impedir o cidadão de trabalhar, mas também da covid, já que havia (como já demonstrado) teorias conspiratórias de que a China havia inventado a pandemia para destruir nações do mundo todo a fim de atestar sua soberania mundial.

A postagem também faz referência à “ditadura da TOGA”. Em abril de 2020, o STF garantiu a autonomia dos estados e municípios de enfrentar a pandemia, indo na contramão da Medida Provisória 926/2020, em que o Ministério Público restringia a ação dos governadores e prefeitos quanto ao enfrentamento do coronavírus com medidas tais como isolamento social ou uso de máscaras; a estratégia de enfrentamento seria única e exclusiva do Governo Federal (Vieira, 2020). O PDT (Partido Democrático Trabalhista) questionou a validade da medida e o STF compreendeu que o Governo Federal não poderia tomar essa atitude, sendo de seu encargo apenas questões de interesse nacional. Essa decisão foi importante, pois, no período, o presidente da república não era favorável ao isolamento social como meio de combater a covid, entre outras medidas, sob a justificativa de que prejudicaria a economia (Soares, 2020). Contudo, o STF ressaltou, em janeiro de 2021, por meio de nota publicada no portal do Supremo (2021), que jamais houve interesse da Corte em

proibir Bolsonaro de combater a pandemia, apenas decidiu em plenário, ainda em 2020, que todos os entes da federação eram responsáveis.

É fato, no entanto, que Bolsonaro, durante seu governo (2019-2022), sempre investiu contra os poderes legítimos da democracia brasileira. Para Vieira, Glezer e Barbosa (2022, p. 592),

Ao longo de seus quatro anos de mandato, Bolsonaro hostilizou o STF e seus ministros por cumprirem a função que lhes cabia, de garantir a aplicação da Constituição. Nesse período, a democracia constitucional brasileira foi submetida ao maior teste de resiliência desde 1988. Jair Bolsonaro, um líder populista autocrático, promoveu um método singular de erosão institucional, exigindo uma postura combativa do STF, Corte dotada de múltiplas competências que lhes permitiram exercer de forma ampla a função de defesa da democracia brasileira.

Segundo Chiodi e Bernardi (2023), em maio de 2019, Bolsonaro liderou manifestações contra o STF e o Congresso, exigindo o fechamento de ambos por serem contrários à sua agenda de governo. No mesmo ano, um armistício visando o fim do ativismo político entre os poderes foi proposto por Bolsonaro, um vídeo com a imagem do presidente da República como um leão e o STF, como hienas, e outro pedindo o apoio da população, em fevereiro de 2020, para uma manifestação contra a Corte, também. Em março de 2020, o STF teve de interferir em posturas do presidente contra a pandemia, vindo a tomar tais medidas ao longo do período pandêmico. Tais ações bolsonaristas são influenciadas diretamente pelo movimento conspiracionista *QAnon*, que, entre outras ações,

[...] defendem o “tratamento precoce” com cloroquina e outros medicamentos sem eficácia comprovada, além de apoiar incondicionalmente o presidente e seu círculo mais próximo. Atacam ferozmente membros do STF, congressistas, políticos de todos os espectros políticos e a mídia, com narrativas infundadas e discursos de ódio” (Saldanha e Souza, 2020, p. 75).

Compreendemos, então, que esse enunciado – não apenas ele – evidencia um processo de radicalização por parte da direita bolsonarista, mostrando-se irredutível quanto aos poderes legalmente constituídos. Segundo Prado (2021, p. 114), “a dinâmica nas redes sociais pulveriza lideranças e, ao mesmo tempo, facilita a criação de microcomunidades que podem atuar – ou não – no processo de desengajamento moral e radicalização”. Assim, observamos que essa postagem tem em suas FDs e

Fls a presença de discursos conspiracionistas, em especial no enunciado “vivemos numa ditadura de TOGA”, apelando à memória discursiva do brasileiro quanto ao período ditatorial brasileiro (1964-1985), época em que “a liberdade de expressão passou a ser intensamente combatida pelo governo, os direitos individuais foram suprimidos sob o respaldo da Lei de Segurança Nacional, ao que o cidadão brasileiro ficou à mercê dos desmandos do Regime Militar” (Ambrosio e Ricco, p. 99). Logo, como pontuou Brandão (2012, p. 85), compreendemos nos enunciados desta publicação que “[...] não há discursos constitutivamente monológicos, mas discursos que se “fingem” monológicos na medida em que reconhecemos que toda palavra é dialógica, que tudo que é dito é um já-dito”. Ou seja, os discursos presentes nesses enunciados trazem um já dito que cria sentidos outros em uma nova CP: *a internet*.

A postagem continua com o seguinte enunciado: “Muitos morrendo por falta de tratamento nos sintomas iniciais de COVID19!”. Como aqui já dito, o tratamento precoce foi refutado após várias pesquisas científicas mostrarem que o uso de tais medicamentos era ineficaz para o tratamento do coronavírus. Em abril de 2021, parlamentares criaram a CPI da covid, a fim de examinar omissões e irregularidades nas ações do Governo Federal, e concluíram em outubro do mesmo ano que Bolsonaro, 65 pessoas e duas empresas foram indiciados em dez possíveis delitos, como epidemia com resultado de morte, crimes contra a humanidade, perseguição e outros atos desumanos (Brasil de Fato, 2021). Conforme pesquisas do Grupo Alerta e do epidemiologista Pedro Hallal, da Universidade Federal de Pelotas (RS), entre março de 2020 a março de 2021, 305 mil mortes acima do esperado ocorreram no país, sendo elas direta ou indiretamente relacionadas à covid-19. A média mundial de mortes, neste período, era de 494 pessoas a cada um milhão de habitantes; no Brasil, foram 2.345 pessoas, vindo a ter o pior resultado entre os dez maiores países do mundo, bem como em comparação com os países que fazem parte do Brics, sendo o segundo país em mortes da América do Sul. A pesquisa também mostrou que 40% das mortes teriam sido evitadas se medidas de distanciamento social tivessem sido adotadas, salvando uma média de 120 mil cidadãos brasileiros. As desigualdades estruturais também foram determinantes, afetando grupos de minoria, vindo a ter o dobro de risco de infecção (indígenas tinham 7,8% mais chances de se contaminarem em relação aos brancos, cuja margem era de 1,7%). Por fim, a demora na compra das vacinas pode ter causado entre 95,5 mil a 145 mil mortes.

Para Carbinatto (2020), a promessa de curas milagrosas veiculadas pelas *fake*

news durante a pandemia foi crucial para que muitos morressem em decorrência da contaminação. Estudo publicado pela revista *American Journal of Tropical Medicine and Hygiene* (In. Carbinatto, 2020) mostrou que a *infodemia* (“epidemia de informação”: grande fluxo de informação na *internet* que é disseminada de forma rápida em um curto período sobre um tema específico) em torno da pandemia pode ter sido primordial em números elevados de morte, a saber: beber cloro ou desinfetante para matar o vírus, ingestão de urina de vaca e camelo, testes de autodiagnóstico, como prender a respiração por dez segundos, etc. O número de *fake news* foram tantos que a Opas criou um manual, em 2020, explicando sobre infodemia e desinformação, mostrou que o Brasil fez parte do grupo de países que geraram, apenas em março de 2020, mais de 550 milhões de tuítes sobre o tema, sendo 6% do Brasil do total, e finalizou mostrando como combater a desinformação por meio da infodemia gerada no período.

Se discurso é “[...] efeito de sentido construído no processo de interlocução” (Brandão, 2012, p. 106), então compreendemos que há, na FD brasileira, a influência do discurso curandeiro, disseminado na cultura brasileira desde o tempo colonial (Wilker, 2000, p. 191), discurso que é atravessado por outros discursos, em diferentes classes sociais, mas que cinde, afeta os sujeitos historicamente, criando compreensões sobre temas relacionados à saúde. Ou seja, não é de hoje que o brasileiro é propenso a descreer da ciência, posto que está clivado em sua FD discursos mágicos, mirabolantes e curandeiros de toda sorte. Assim, é compreensível que a postagem prefira enunciar que há mortes por falta de um tratamento – que se quer convence ser eficaz, mesmo não o sendo – porque este efeito de sentido é possível na CP brasileira, marcada por discursos fantásticos e conspiratórios em torno de doenças, suas origens e as prováveis curas, sempre de forma simplória, como gargarejo com vinagre, desinformação amplamente divulgada nas redes e apps, durante a pandemia⁴¹.

“Lutem por nós @jairbolsonaro !” é o último texto verbal da publicação. Conforme Rocha (2021), a adesão a uma agenda conservadora de viés evangélico e

⁴¹ O Instituto Gonçalo Moniz – FioCruz Bahia – desmentiu em 28 de agosto de 2020 uma desinformação veiculada via redes sociais em vídeo de um homem ensinando a fazer gargarejo com vinagre de maçã e alho para evitar a Covid-19. Ver em: <INSTITUTO GONÇALO MONIZ. *É #fake que mistura de vinagre de maçã e alho cure a Covid-19*. FioCruz Bahia, 28 ago. 2020. Disponível em: <https://www.bahia.fiocruz.br/e-fake-que-mistura-de-vinagre-de-maca-e-alho-cure-a-covid-19/>. Acesso em 29 set. 2023).

o apoio do exército brasileiro foram fundamentais para a vitória do bolsonarismo nas eleições de 2018. Assim, o uso do discurso bélico nessa publicação (**lute** por nós) se justifica na FD presente no discurso bolsonarista: um discurso orviliano⁴² (Rocha, 2021), dotado de teoria conspiratória, ideologicamente clivado na difusão da ideia de uma “guerra cultural” em que Bolsonaro é o único que pode livrar o Brasil (ideologia de gênero, marxismo cultural e aparelhamento dos poderes democráticos, discursos também alinhados ao *QAnon* que, entre tantas conspirações, crê que Trump salvará o mundo) das “problemáticas” geradas pela esquerda. No contexto da publicação, a luta de Bolsonaro seria libertar o país do comunismo que cria o vírus, teoria muito difundida em páginas de direita e que vimos na Análise 2 (p. 55) dessa tese.

Consideramos, então, que a postagem em análise possui discursos ditatoriais, em especial, os salazarista e varguista; também apresenta forte discurso vinculado à família caucasiana, heteronormativa, cisgênero e cristã. Há igualmente a presença do discurso religioso, especialmente judaico-cristão, os discursos positivista, fascista e nacionalista, e o discurso conspiratório, em especial, na disseminação de um tratamento ineficaz.

Também percebemos que, apesar de várias pesquisas feitas durante o ano 1 da covid com a hidroxicloroquina e a ivermectina mostrarem que os medicamentos eram inúteis em qualquer fase da contaminação, o Governo Federal, influenciadores e páginas diversas alinhadas à direita bolsonarista seguiram divulgando o tratamento como correto, e se utilizaram da imagem do presidente à época como argumento de autoridade, a fim de atestar veracidade científica, bem como forma de luta contra um cientificismo ideologizado, segundo esse viés.

A CP da postagem evidencia que tal disseminação era possível não apenas pelo fato de o Brasil estar – naquele momento – em um momento de radicalização, mas porque vários órgãos de quem a sociedade esperava fundamental apoio à ciência pelo seu *ethos científico* foi, em verdade, apoiador dos discursos conspiracionistas do Governo Federal, como o caso da AMB.

Mesmo com falas nada empáticas neste período – como as ditas por Bolsonaro

⁴² *Orvil* (livro ao contrário) é um projeto secreto do CIE (Centro de Informações do Exército) desenvolvido entre 1985 e 1988. A história desse projeto tornou-se pública pelo jornalista Lucas Figueiredo, autor da obra *Olho por olho: os livros secretos da ditadura*, em 2007. Pedretti, Lucas. Os ecos do Orvil em 2021, o livro secreto da ditadura. Agência Pública, 20 ago. 2021. Disponível em: <<https://apublica.org/2021/08/os-ecos-do-orvil-em-2021-o-livro-secreto-da-ditadura/>>. Acesso em: 4 nov. 2023.

que ficaram famosas em todo o mundo: “quer que eu faça o quê?” – a direita bolsonarista justificava os erros de Bolsonaro em escalas delirantes (Prado, 2021, p. 140), igualmente as destinadas a Trump, quando proibiu os brasileiros de entrarem nos EUA a fim de evitar o contágio. Enquanto o negacionismo promovido pelo Governo Federal ocorria, o país assumia a liderança mundial no número de óbitos e contaminados.

Percebemos que os discursos sobre o *kit-covid* foram massivamente disseminados como tratamento, e tal disseminação tinha em si moldes do discurso científico, o que nos faz conjecturar que o discurso anticientífico bolsonarista emulou, durante a pandemia, o discurso científico com o interesse de confundir a população quanto à realidade dos fatos, erigindo, assim, a imagem de um messias – no caso, Bolsonaro – que tudo vê, tudo entende, tudo sabe e todo bem ao seu povo quer fazer (algo muito próximo – o cientificismo bolsonarista – de um discurso messiânico). A promoção de um discurso político nos moldes conspiratórios não é nova, mas o meio de promovê-lo, como é o caso da *web*, sim, trazendo novos efeitos de sentido, bem como reflexões de como a noção de verdade (ou a *vontade de verdade*) se dará nas próximas gerações.

A análise dessa publicação nos fez compreender que há na cultura brasileira um forte atravessamento dos discursos curandeiros, como também há uma FD de descrença no discurso científico, permitindo o flerte com teorias conspiratórias de toda sorte, flerte embasado nos discursos religiosos, que colaboram com a compreensão de mundo por um viés menos científico.

Os pronunciamentos de Bolsonaro contra a ciência e a gravidade da pandemia, independentemente do meio divulgado, foram cruciais para estimular grande parte da população a não colaborar com o enfrentamento da covid, pois o *ethos* nele representado ia além do de presidente da República, mas de messias, defensor da família, pró-vida e, igualmente, preocupado com a economia, entre outros discursos comumente apresentados pelo viés ideológico de extrema direita bolsonarista. Mesmo que páginas desse ecossistema tenham se dedicado a desmentir as falas absurdas de Bolsonaro, a imagem dele atrelada a esses conspiracionismos foi mais forte, clivando e cindindo cidadãos com as FDs e FIs que constituíram tal imagem. Em outras palavras: *Bolsonaro é um discurso*; nele, todo tipo de teoria conspiratória anticientífica, antidemocrática e anti-intelectual se faz presente e comunica com uma parcela da população que é clivada e cindida por estas FDs e FIs igualmente.

Concordamos com Prado (2021), ao afirmar que a pandemia foi o ápice da radicalização de parte da sociedade brasileira. A “rinocerização” brasileira teve forte influência em Olavo de Carvalho desde o início dos anos 2000, e várias teorias conspiratórias passaram a cindir o brasileiro. É fato que Carvalho não foi o primeiro a divulgar teorias conspiratórias aos seus concidadãos, posto que vimos, nesta análise, que a FD brasileira é marcada por discursos desse estilo há muitos séculos, mas o enviesamento da direita bolsonarista é marcado pelas teorias por ele difundidas, cindidas em teorias estrangeiras.

Assim como em outras análises feitas nesta tese, percebemos a presença do conspiracionismo em relação ao comunismo, bem como contra o STF. Sem dúvida, o *Twitter* é um espaço cuja cenografia construída por páginas de direita bolsonarista é de conteúdo embasado em *fake news* a fim de atestar visibilidade e legitimação por meio de uma disputa que não é só no âmbito discursivo, como também histórico, posto que gerou, durante a pandemia, uma batalha retórica entre saúde e economia como forma de deslegitimar a comunidade científica. Também notamos a presença do discurso antidemocrático no enunciado contra o STF, que precisou neste período exercer seu poder legítimo para lembrar os estados e municípios da autonomia de que detinham para enfrentarem a pandemia da melhor forma possível. Na CP da postagem, esse enunciado só foi possível porque a direita bolsonarista tem, entre as conspirações que a sustenta, uma FD autoritária, que não aceita uma política que não seja autocrata, marca igualmente presente em Bolsonaro, que liderou manifestações contra o STF e o Congresso, exigiu o fechamento de ambos por serem contrários à sua agenda de governo e divulgou em suas redes discursos conspiratórios contra os poderes democráticos do país com forte influência conspiracionista *QAnon*.

A CPI da covid foi importante para o país descobrir que mais de 305 mil pessoas poderiam não ter morrido se não fossem as ações anticientíficas do Governo Federal. Ela também atestou quão importante é a discussão sobre as desigualdades sociais no Brasil, já que este também foi um fator crucial das mortes, especialmente dos grupos minoritários.

A infodemia colaborou com a desinformação, levando muitos brasileiros não apenas a crerem no kit-covid, como também em todo tipo de tratamento, fosse bebendo desinfetante ou urina de camelo, atitudes que denotam desespero, ignorância e falta de credulidade na ciência. E cremos que, por haver em nossa sociedade um pré-construído sobre agulhas ou injeções, gerando medo na população

– somado às várias teorias conspiratórias criadas nesse meio, como a introdução de um *chip* por meio da vacina – há, de outro modo, menor desconfiança na ingestão de outros elementos.

Por fim, notamos que o discurso bélico é presente na FD brasileira, e sendo este período de pandemia uma luta da “verdade” (bolsonarismo) contra a “ideologia” (ciência), não estranhamos que ele se faça presente, já que a FD brasileira é marcada pelo discurso militar, e o discurso orviliano que cindiu o exército brasileiro também atravessou a sociedade, trazendo consigo conspirações de toda sorte, como a guerra cultural, o marxismo cultural e o aparelhamento dos poderes democráticos.

É fato que compreender esses discursos durante o percurso histórico da pandemia nos auxilia a entender que, por mais que os cientistas tivessem o interesse de informar a população a fim de que menos contaminados houvesse, e que voltássemos à normalidade o quanto antes, a CP brasileira estava atravessada por conspiracionismos - frutos de um processo de radicalização que marcam décadas. Essa compreensão nos ajuda, especialmente, a entender como todos os interessados no bem-viver social (cientistas, intelectuais, políticos, etc.) devem lidar com discursos radicais para que situações semelhantes não se repitam no futuro.

6.4 ANÁLISE 4 – SENSO INCOMUM

Eu sei que a gente se acostuma, mas não devia.
Marina Colasanti

Como justificamos na metodologia, faremos nessa análise o mesmo caminho das anteriores: apresentaremos o perfil, todos os elementos enunciativos presentes nele e teceremos nossas reflexões à luz da AD, compreendendo todos os discursos que constituem o objeto de análise, seja de forma explícita ou implícita.

Imagem 18: Postagem da página Senso Incomum



FONTE: *Twitter*

A página dessa etapa é a Senso Incomum. Com mais de 284 mil seguidores, está na rede desde maio de 2015. A imagem de capa tem um fundo preto, a palavra “senso” em branco e “incomum” em vermelho. Conforme Augusto e Encinas (2017), as cores podem influenciar diretamente no consumo, já que produzem efeitos biológicos, emocionais, psicológicos e culturais. Explicam, ainda, que vermelho representa fogo, paixão, amor; a cor preta, apesar de remeter ao luto e à tristeza, é igualmente compreendida como sinônimo de fineza e elegância, e é muito utilizada em *sites* como modelo de sofisticação, assim como o branco, que denota paz, pureza, simplicidade e minimalismo. Segundo Heller (2021), as cores e os sentimentos não são combinados por acaso, tão pouco são de gostos individuais, e sim representam vivências comuns (ou, como definimos em AD, efeitos de sentido) profundamente enraizadas em nossa linguagem, constituindo-nos e à cultura a que pertencemos.

O logo é uma âncora branca com detalhes em preto e uma corda vermelha,

formando a letra s. Há alguns pontos luminosos no fundo preto que denotam uma visão da Terra de um satélite.

Imagem 19: Bio página Senso Incomum



FONTE: *Twitter*

A mensagem na bio diz: “Cultura contra a corrente. Nós estamos certos. Se você discorda, você está errado. Aposentados da política pós-ditad***. Em breve de volta ao ar”. É importante recordar que o ano de 2015 foi marcado por eventos políticos importantes: a ex-presidenta Dilma Rousseff (PT) assume o comando do país pela segunda vez e enfrenta uma pressão significativa, já que as relações dela com o Congresso Nacional eram turbulentas, as acusações de corrupção na Petrobras saltavam nos noticiários diariamente e as crises econômicas assolavam os brasileiros. Em 2 de dezembro do mesmo ano, o então presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (PMDB), autoriza a abertura do processo de *impeachment* de Rousseff, compreendido pelo Partido dos Trabalhadores como um ato de retaliação, já que o PT havia apoiado o pedido de cassação de Cunha (Guia do Estudante, 2017). Em 31 de agosto de 2016, Dilma é destituída, assumindo a presidência do país seu vice, Michel Temer.

Conforme Prado (2021), com a bomba do Mensalão durante o primeiro governo Lula, em 2005, a recém-chegada rede social ao Brasil, *Orkut*, passou a abrigar discussões sobre o presidente à época, muitas dessas encabeçadas pelo jornalista Diogo Mainardi. O também jornalista Reinaldo Azevedo tecia, diariamente, críticas ao governo em seu *blog*, espaço cibernético de leitura comum no período. Contudo, no *Orkut*, o nome de Olavo de Carvalho ganhava força, não apenas com críticas ao governo petista, mas com temas permeados de teorias conspiratórias. Ainda conforme Prado (2021), com a chegada do *Facebook* ao Brasil, em 2007, e do *Twitter*, em 2008,

o crescimento de discursos antipetistas e de explicações conspiratórias sobre atitudes governamentais ganharam força sobremaneira, solidificando o nome de Olavo de Carvalho, considerado um “guru” para a extrema-direita e principal nome contra o petismo na *internet*.

Para Prado (2021), as eleições de 2010 já estavam polarizadas graças à dicotomia existente nas redes sociais quanto à política, e a vitória de Dilma intensificou ainda mais a polarização. Com a ideia de criação do MAV (Militância em Ambientes Virtuais), em 2011, as críticas ao Partido dos Trabalhadores aumentaram significativamente, levando o país a parar, em 2013, após protestos que tomaram os estados brasileiros, motivados, inicialmente, pelo preço das tarifas de ônibus, mas assumindo, posteriormente, caráter contrário à presidência, especialmente ao Partidos dos Trabalhadores.

Em 2014, durante os protestos contra o governo petista, o cinegrafista Santiago Andrade faleceu após ser atingido por um rojão durante as manifestações, no Rio de Janeiro. Em março do mesmo ano, a Operação Lava Jato inicia seus trabalhos, trazendo à cena política o nome de Sergio Moro, juiz paranaense e cabeça da operação. Movimento anticopa do mundo surgiu como forma de exigência de melhorias dos serviços públicos. Apesar do crescimento surpreendente de Aécio Neves (PMDB) na corrida presidencial, Rousseff vence as eleições, mas já sofre, dias após à vitória, protestos no *Facebook*, com pedidos de *impeachment* e até mesmo a volta do Regime Cívico-Militar (Exame, 2014). Nessa realidade, surge o MBL (Movimento Brasil Livre), grupo político liberal conservador composto por jovens, que surgiu em apoio à Operação Lava Jato e em forte oposição à esquerda (Metrópolis, 2022). O MBL foi um movimento importante dentro e fora das redes sociais, não apenas para exigir o *impeachment* de Dilma, como também para apoiar a candidatura de Bolsonaro, em 2018, a aprovação da reforma trabalhista, auxiliar o movimento Escola Sem Partido e abraçar o ajuste fiscal. Em 2021, o MBL criou a Academia MBL, a fim de treinar novos militantes. Segundo Castro Netto e Pereira (2023, p. 44),

[...] a crise imobiliária que abalou o mundo capitalista, desencadeando uma recessão global e um processo de recuperação econômica lenta em muitos países, provavelmente desempenhou um papel fundamental nos movimentos apartidários, no fortalecimento do discurso populista e na ressurgência de vertentes da extrema-direita como opções de governo.

É nesse Brasil que o fortalecimento da extrema-direita acontece e as redes

sociais são os meios que os discursos antidemocráticos e anticientíficos, bem como toda sorte de teorias conspiratórias diversas, são disseminados, ficando não apenas na *internet*, mas sobretudo no cotidiano, clivando e cindindo os sujeitos. Por isso os meios de divulgação nos interessam, porque os “meios” nunca são neutros.

Um primeiro ponto observado pelo viés da AD, até aqui, é o discurso político, que não apenas reflete a realidade, como também a constrói, reforçando clivagens ideológicas entre enunciadores. Ao falar em “volta do Regime Cívico-Militar”, é mobilizada uma memória discursiva que remete à ditadura pela qual passou o Brasil e, conseqüentemente, acaba emitindo um outro significado ao que se entende como sendo ‘ordem’ e ‘controle’; esse interdiscurso não é neutro e busca deslegitimar o governo da época. Ao falar em “protestos no Facebook”, caminhamos para uma transformação de lugar, ou seja, o lugar do político passa a ser o ambiente virtual; a queda de Dilma e o crescimento de Aécio são colocados como fatos, mas nada é dito em relação a quem faz tais comentários/verificações, muito menos que tipo de interesses têm tais narrações. Um outro aspecto a ser abordado, pela AD, poderia ser em relação à linguagem: como a linguagem constrói relações de poder? A figura de Rousseff é colocada como frágil enquanto a oposição é fortalecida.

Logo, quando lemos a descrição da bio – “Cultura contra a corrente. Nós estamos certos. Se você discorda, você está errado. Aposentados da política pós-ditad***. Em breve de volta ao ar” –, a página Senso Incomum se coloca contra a presidência de Dilma Rousseff, classificando-a como ditadura e aposentados dela, após a saída do Partido dos Trabalhadores do governo. Conforme Prado (2021), nas comunidades do Orkut, em 2002, algumas dedicadas a Olavo de Carvalho – “Olavo nos Odeia”, por exemplo – temas conspiratórios como “O Brasil é hoje uma ditadura comunista?”, “o marxismo nasceu do satanismo?” e “O PT é responsável pela morte de 50 mil pessoas por ano?” eram muito comuns. Assim, após 13 anos de disseminação de informações conspiratórias sobre o petismo brasileiro, “a crença em certas ideias [...] levam alguns a encontrar um inimigo para denunciar e, ao mesmo tempo, apoiar quem poderá entregá-los” (Charaudeau, 2022, p. 144). Percebemos que há na página Senso Incomum uma FD elitista que se entende como uma alta cultura, já que é próprio no populismo de extrema-direita ancorar-se no “ressentimento do homem branco [...] elitista e anti-igualitário [...]” (Lage e Saraiva, 2021, p. 126); apoiar-se em um ideal antidemocrático e autoritário quando afirma estar certa, mesmo que a verdade seja oposta ao que diz, pois “esses discursos que se apresentam como

verdadeiros, negando a verdade comprovada, não pretendem dizer a verdade, mas sim criar um universo de negatividade” (Charaudeau, 2022, p. 165).

Também há na bio um *link* para o *site* da página. Nela, há seções como livraria, cujos materiais vendidos envolvem temas sobre política, filosofia, ciências sociais, história, vida intelectual e literaturas estrangeira e brasileira. Dos itens oferecidos, há dezenas de livros de Olavo de Carvalho, bem como de outros autores, muitos com conteúdos conspiracionistas. Existe, igualmente, uma loja virtual com camisetas diversas, cujas estampas propagam discursos comuns da extrema-direita: apologia à arma de fogo, aversão à pessoa transexual, apelo ao masculinismo, sátira ao socialismo e busto de Olavo de Carvalho. Seções sobre artigos, drops, revista (da página e de outros veículos de ideologia semelhante), *podcast* e *newsletter* constam no espaço virtual. Ícones indicando outras páginas em que a Senso Incomum está são vistos no topo do *site*. Pedidos de patrocínio do espaço cibernético, bem como opções de contato se fazem presentes. A linguagem da página, apesar de respeitar a norma culta, mostra-se próxima do leitor, tornando a leitura sobre temas tidos como “difíceis” (como filosofia, ciências sociais) mais fáceis. Possivelmente, a retórica bem construída somada a uma linguagem menos acadêmica sirva de meio para aproximar a divulgação das conspirações promovidas pela página do público, alcançando pessoas das mais diferentes classes sociais. O humor, certamente, também é fundamental, visto as estampas da camiseta apresentarem – muitas delas – uma sátira à ideologia de esquerda, bem como a outros poderes da democracia, como o STF.

Imagem 20: *Site Senso Incomum*



FONTE: sensoincomum.org

A postagem em análise (imagem 18, p. 101) foi publicada em 23 de novembro de 2020. Nela, há o enunciado: “Felizmente nada parecido acontecerá no Brasil, porque o Dória vai vacinar todo mundo de livre vontade – e a mídia chamará quem se recusar de “anti-científico”. Na sequência, uma matéria do *site* da página sobre uma notícia de que a China havia prendido 17 mil empregados no aeroporto de Shangai. A matéria não está mais no *site* da página. Contudo, nós a encontramos na página da Revista Oeste, divulgada pela página da Senso Incomum em seu *site*, e na página do *Facebook* do deputado paranaense Filipe Barros (PL), conhecido por divulgar conteúdos de extrema-direita, entre eles, conspirações, um vídeo referente à notícia. Nenhuma página da grande mídia divulgou essa notícia e não encontramos nada sobre ela nas agências de checagem.

Como temos feito em todas as análises, traçaremos a linha do tempo para levantarmos hipóteses do porquê, na história, a página Senso Incomum divulgou tal postagem, afinal, conforme afirma Orlandi (2004, p. 10), “[...] a noção do discurso permite a compreensão disto ao se colocar como lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideologia, tomada esta não como ocultação, mas funcionamento estruturado pelo modo de existência da relação língua-sujeito-história (sociedade)”.

A postagem analisada anteriormente ocorreu em 28 de julho de 2020. No final do mesmo mês, o Brasil registrava mais de 90 mil mortos e a pandemia crescia aceleradamente pelo país. Já agosto começava com uma medida provisória para viabilizar 100 milhões de vacina de Oxford, com um financiamento inicial de 1,9 bilhão, pois tínhamos mais de 1.100 pessoas mortas e mais de 53 mil contaminados (SANAR, 2020). Em 6 de agosto, o Instituto Butantan anunciou a possibilidade de uma vacina brasileira ainda em outubro daquele ano. Em 8 de agosto, atingíamos mais de 3 milhões de infectados e mais de 100 mil mortos. Em 11 de agosto, Vladimir Putin, presidente da Rússia, anunciava o registro da Sputnik 5, primeira vacina no mundo contra a covid, que foi vista com desconfiança pela comunidade internacional, pois não fizera o teste da fase 3. Também, neste mesmo mês, a China afirmou que havia carregamentos de frango contaminados vindos do Brasil.

Em setembro, o país começava a apresentar queda no número de óbitos, obtendo uma estabilização do contágio. Nove mil pessoas participavam da fase de testes da vacina do Instituto Butantan que, ao final do mês, anunciou o início dos testes vacinais em crianças e adolescentes. Em 2 de setembro, o Brasil publicou o estudo Coalizão Covid-19 Brasil, na revista JAMA, mostrando o benefício da

Dexametasona da diminuição da ventilação mecânica, e aderiu ao plano *Covax Facility*, integrando um programa global que permitiu o acesso a 9 vacinas.

Aproximando-nos dos 5 milhões de casos, chegamos a outubro sendo o segundo país do mundo em número de contaminados, com quase 150 mil mortos. Com a aproximação das eleições municipais, o Tribunal Superior Eleitoral aprovava medidas de segurança. Apesar de chegarmos ao final do mês com uma queda de 10%, nos aproximávamos dos cinco milhões e meio de contaminados. O governo federal lançou o Programa Diagnosticar para Cuidar, a fim de identificar e tratar precocemente pacientes com sintomas gripais, e a Sputnik pediu registro à Anvisa.

A primeira quinzena de novembro foi marcada por um recorde mundial de mortes por Covid-19. Um paciente faleceu após tomar a vacina da CoronaVac na fase de testes, e a Anvisa suspendeu os testes temporariamente, retomando-o assim que a eficácia se mostrou segura para prosseguir. Também o número de contágios voltou a subir, e os especialistas já falavam em segunda onda de transmissão, já que estava sem controle. Apesar de o Brasil se aproximar dos quase seis milhões de contaminados, a vacina Oxford/AstraZeneca, em parceria com a Fiocruz, prometia a entrega de 130 milhões de vacina já no início do ano. Estas eram as condições em que o país se encontrava quando a página em análise fez sua publicação.

O enunciado é introduzido com o advérbio “felizmente”. Conforme Saussure (2003, p. 79), “o signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica”. Segundo o Dicionário On-line Priberam (2024), “felizmente” pode significar: “1. De modo feliz.; 2. Usa-se para indicar felicidade ou contentamento em relação ao que se diz ou ouve”. Logo, o uso do advérbio modalizador “felizmente” opera como uma peça discursiva estratégica, marcando uma posição subjetiva, a qual pode levar – principalmente se o efeito irônico não for apreendido – ao entendimento de um *ethos* positivo para Doria. Esse ‘modalizador’ pode revelar não só a posição enunciativa do sujeito, como também os valores ideológicos subjacentes. Obviamente, a utilização desse advérbio inscreve uma subjetividade no enunciado, direcionando assim a interpretar o fato e a captar sentidos outros. É possível, inclusive, que esse discurso se inscreva em uma disputa ideológica maior, em que diferentes agentes tentavam ocupar o lugar de ‘heróis (que vieram salvar a humanidade) no imaginário social.

Já a ironia tem “[...] um efeito de *não assumir* a enunciação por parte do locutor e de *discordância* em relação à fala esperada em tal tipo de enunciação. É, pois, um

fenômeno essencialmente *contextual*, cujos componentes *interacionais* e *paraverbais* são fortes” (Charaudeau, 2012, p. 291). Para Cunha e Cintra (2016, p. 3),

Nos livros didáticos e nas gramáticas, os advérbios se apresentam em listas, de acordo com a circunstância que exprimem: lugar, tempo, causa, modo etc. Costuma-se, inclusive, dizer aos alunos que os advérbios terminados pelo sufixo -mente são sempre de modo. Vale destacar, no entanto, que nem toda palavra em -mente expressa modo e que alguns advérbios, a serviço da subjetividade do enunciador, apresentam comportamento semântico-discursivo bem diferente do que preconizam algumas gramáticas e livros didáticos.

No caso da imagem em análise nesta seção (imagem 18, p. 101), compreendemos que o uso desse advérbio é feito de modo irônico, pois a formação discursiva da página é de extrema-direita, logo, se coloca – durante a pandemia – contrária às medidas científicas adotadas por todo o mundo, como também no Brasil, especialmente por João Doria (PSDB), governador de São Paulo à época que adotou uma postura alinhada à ciência. Portanto, a ironia, que carrega em si uma dose de humor, é muito presente em publicações da extrema-direita na *internet*, pois

A capacidade de exprimir sentimentos negativos através de dispositivos que têm na sua gênese conotações positivas humorísticas permite ao populismo veicular o discurso extremista como uma piada. O humor poderá ter sido um mecanismo de suavização do discurso extremista, no entanto, tendo em conta a recolha e os novos moldes do discurso memético, parece agora distante a ideia de subversão por humor. Grande parte dos memes são agora indiscutivelmente manifestações de ódio, pelo que será difícil analisá-los como objetos com qualquer tipo de nuance ou ironia (Quental, 2022, p. 58).

Ora, se a publicação usa o advérbio para enunciar uma metáfora e uma ironia, compreendemos que ela assim o faz como forma não apenas de negar uma realidade de forma sarcástica, mas também de construir uma nova realidade apegada a uma verdade que ela sabe e precisa enunciar: a atitude do governador de São Paulo não é a de proteger a população, e sim a de escravizá-la, privando-a da liberdade. E isso ocorre porque há na formação discursiva brasileira o pré-construído de que a China tolhe a liberdade de seus cidadãos por ser comunista, sendo uma inimiga a ser enfrentada, pensamento comum entre grupos que se norteiam por ideias conspiratórias. Também há, durante essa condição de produção, a compreensão de que a China criou o vírus como arma biológica, a fim de reduzir a população mundial

e obter vantagens financeiras, criando uma crise mercadológica e impondo dessa forma sua política comunista (Revista Arco, 2020). Conforme Lanoni (2020, p. 114), “a maior expressão dessa missão é o explícito anticomunismo que orienta o discurso bolsonarista”, já que “esses discursos portadores de saber são criadores de imaginários” (Charaudeau, 2022, p. 25).

A publicação continua: “[...] nada parecido acontecerá no Brasil, porque o Dória vai vacinar todo mundo de livre vontade” que alude à ideia de imposição, de privação da liberdade, e tal compreensão é possível, pois “toda enunciação é habitada por outros discursos, por meio dos quais ela se constrói” (Maingueneau, 2015, p. 81). Em AD, enunciado é o discurso que é considerado a partir do ponto de vista do mecanismo discursivo a que esteja condicionado (Charaudeau, 2004). Enunciação é “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (Benveniste, 1989, p. 82). Conforme Buzzone (2021, p. 10), na sociedade atual, “as ideias se impõem por relação de força – não a força da razão, mas a razão da força”, pois “o viés ideológico só afeta os outros”.

Entre as possibilidades de sentidos, é também possível compreender nessa afirmação que o Brasil, na pessoa do então governador de São Paulo, João Doria, agiria em conformidade com o país oriental, porque estaria alinhado a ele ideologicamente. Em abril de 2020, por exemplo, viralizou uma imagem de Doria na rede social *Facebook* pichando um símbolo chinês durante a inauguração do Museu de Arte de Rua (MAR); a questão é que a imagem era uma montagem, pois a real mostrava Doria pichando um coração (Estadão, 2020).

Para a extrema-direita na *internet*, Doria seria comunista – logo, contrário à liberdade. Segundo Silva (Brasil de Fato, 2021), o bolsonarismo passou a utilizar tal termo como forma de classificar os opositores do presidente à época como uma estratégia discursiva que desclassificava os opositores e apresentava projetos obscurantistas e reacionários na mesma proporção. O fato de colocarem Doria como de esquerda reflete uma dinâmica discursiva em que as posições políticas são determinadas não apenas pelas ações ou discursos dos sujeitos, mas também pelos sentidos atribuídos a eles no interior de uma FD específica e pelas condições históricas que produzem essa polarização – não esquecendo, é claro, de que essa dicotomia é incentivada pelos próprios meios de divulgação (redes sociais e *fake news*). Podemos dizer que há dois polos: um que é o lado de Bolsonaro e outro à esquerda, ou seja, tudo o que se coloca contra o bolsonarismo.

Em outubro daquele ano, Doria afirmou que se a ANVISA aprovasse a vacina contra a covid-19, a vacinação no estado de São Paulo seria obrigatória (UOL, 2020), posicionando-se contrário ao governo federal que, em setembro, por meio da página no *Twitter* da Secom (Secretaria de Comunicação da Presidência da República), garantiu haver investimento de bilhões em vacinas para o combate ao coronavírus, mas sem obrigatoriedade a ninguém (CNN Brasil, 2020). Para Monari e Sacramento (2021), o duelo ideológico entre Bolsonaro e Doria nessa condição de produção se baseava na conspiração de que Doria era visto como membro de uma elite que estava contra o povo – povo protegido por Bolsonaro – e por isso defendia a imposição vacinal. Disseminar tal imposição “facilita” a divulgação de teorias outras, como a vacina muda o DNA humano, tem *chip* líquido, transmite HIV, cria um campo magnético no corpo e não tem comprovação científica (Agência da Hora – UFSM, 2021). Partindo do princípio de que tais afirmações bolsonaristas além de anticientíficas são, no mínimo, descabidas, percebemos também que a incompreensão do jogo de sentidos estabelecidos por meio da ironia pode gerar um caos argumentativo e, com ele, muitos equívocos.

Portanto, ao afirmar no enunciado que Doria vacinaria a todos “de livre e espontânea vontade”, a postagem mostra, de maneira irônica, o autoritarismo (assim defendido pelos opositores do governador paulista) durante o período vacinal. No entanto, segundo o Instituto Butantan (2021), a vacina contra a varíola foi a primeira obrigatória no Brasil. Na época, o conhecido episódio de Revolta da Vacina gerou mais de 900 prisões, 100 feridos e 30 mortos, pois a população protestou contra a obrigatoriedade graças às muitas *fake news* que, naquele período, igualmente foram divulgadas. Então, não é uma novidade, em território brasileiro, a obrigação vacinal. A lei nº 1.261, de 31 de outubro de 1904, permitia às autoridades sanitárias a aplicação de multas a quem se recusasse a tomar vacinas. Até hoje, pais não podem matricular seus filhos na escola se não estiverem com a carteira vacinal atualizada, e adultos não conseguem viajar ou assumir cargos públicos se a vacinação não estiver em dia. Assim, era de se esperar que a cultura vacinal estivesse bem alicerçada no cotidiano brasileiro, mas as redes sociais conseguiram difundir rapidamente a desinformação sobre as vacinas, por meio de um discurso anticientífico (Massarani *et. al.*, 2020), gerando, durante o ano 1 da pandemia, toda sorte de discurso contrário à vacinação e também à ciência.

Por fim, o enunciador conclui: “e a mídia chamará quem se recusar de “anti-

científico”. Segundo Silva e Santos (2009), a mídia é chamada, pois é considerada o Quarto Poder, sendo a maior fonte de informação e entretenimento social. Logo, quando falamos em mídia, pensamos automaticamente em jornalismo. Segundo Charaudeau (2022, p. 152),

A pós-verdade não diz respeito apenas às notícias falsas, mas compromete a informação destinada ao grande público. Cabe aos atores envolvidos proteger-se ou combatê-la. As contraverdades que são lançadas no espaço público a todos os cidadãos colocam um problema para a democracia no qual se inscrevem os chamados meios de comunicação tradicionais – imprensa escrita, rádio e televisão.

Logo, a condição de produção em que vivemos produz uma era de pós-verdade em que os meios informativos validados na sociedade – mídia, universidade, centros de pesquisas, entre outros – passam a ser desconsiderados devido à multiplicidade de teorias conspiratórias que ganham forças nas redes sociais, a ponto de comprometer os meios anteriormente confiáveis. E são comprometidos porque houve aceitação de outros, revelando por meio dessa aceitação não apenas condições do sujeito, mas da sociedade como um todo, a saber: escolaridade, saberes, classes sociais – e a falta de consciência sobre elas – ideologia político-partidária, o fato de estarmos no terceiro mundo, entre outros fatores.

Afirma Massuchin *et. al.* (2022) que pesquisas nacionais e internacionais mostram o ativismo de extrema-direita de quem fomenta ataques à imprensa tradicional para descredibilizá-la (e aí surgem definições de que a mídia é de esquerda, que os jornalistas são esquerdistas, definições muito comuns em páginas ideologicamente de direita), já que é preciso desmoralizá-la para mostrar-se como um meio jornalístico verdadeiro. Para Bezerra e Gilbertoni (2021), a pandemia do coronavírus foi crucial para que a humanidade passasse a utilizar mais as mídias sociais, posto que fomos convidados a ficar em casa por um período longo, a fim de evitar que a disseminação do vírus fosse incontrolável. Com isso, o uso das redes sociais aumentou 13%, chegando a mais de 4 bilhões de usuários em 2021, segundo o Relatório Digital de Visão Global (Kemp, 2021). As redes sociais passaram a ser usadas não apenas para os âmbitos acadêmico e científico, mas sobretudo para a informação e o entretenimento. Assim, grupos de indivíduos interessados em determinados assuntos criaram grupos de estudos, começaram a compartilhar

informações (Gonçalves, 2008) e assim passaram a desconfiar ainda mais da mídia tradicional. Para Nassif (2022), Olavo de Carvalho foi o grande responsável por importar da ultradireita norte-americana para o Brasil um jornalismo de ódio, tendo seu cume na Lava Jato. Pesquisa feita pelo Reuters Institute (Meio e Mensagem, 2023) revelou que 48% dos brasileiros não confiam em veículos jornalísticos tradicionais. Conforme Orlandi (2012, p. 61),

[...] na própria produção discursiva, há a inscrição do outro. Se pensamos o campo de leitura, isso fica assim: a função-autor tem seu duplo efeito-leitor. E isto está constituído na materialidade do texto. Não se pode falar do lugar do outro; no entanto, pelo mecanismo da antecipação, o sujeito-autor projeta-se imaginariamente no lugar em que o outro o espera com sua escuta e, assim, “guiado” por esse imaginário, constitui, na textualidade, um leitor virtual que lhe corresponde, como um seu duplo.

Em outras palavras, para que haja tal projeção de que fala Orlandi, é preciso que um saber cristalizado nesses personagens da produção discursiva, uma memória discursiva de maneira constitutiva, conforme Charaudeau (2012). Se há na memória discursiva dos brasileiros uma concepção conspiratória de que a mídia tradicional é parcial, pois é de esquerda, logo esconde a verdade, então a intencionalidade do enunciado ao ironizar que “e a mídia chamará quem se recusar de “anti-científico” torna-se – como definiu Orlandi (2012) – outro enunciado. O dito, nesse contexto, é que a mídia trabalhará contra a liberdade do cidadão de se informar e vacinar-se conforme suas convicções. Assim, nesse enunciado, a mídia é igualmente apresentada como inimiga da verdade e liberdade, e uma apoiadora do comunismo, na pessoa do governador do estado de São Paulo.

Ao encerrar com o adjetivo “anticientífico”, o enunciado deixa em evidência que a extrema-direita se opõe ao pensamento científico, considerado por eles anticientífico. Conforme Charaudeau (2012, p. 137), “eles convertem uma questão que exige um saber científico sobre o verdadeiro e o falso em saber de crença em torno do bem e do mal”. Para Sena Júnior (2019, p. 31),

Como parte de uma ofensiva obscurantista de caráter anti-intelectual e anticientificista que atravessa todos os setores da política nacional, e tem correlatos em outros governos pelo mundo e também no passado histórico, a investida contra a Fiocruz e contra pesquisadores da instituição são efetuadas no bojo de uma política baseada na premissa de que o Brasil foi tomado por uma imensa conspiração de

esquerda, que tem o “marxismo cultural gramscista” (sic) incrustado em todos os setores da vida nacional. Em vista disso, as universidades, a inteligência, os cientistas, os professores e os jornalistas são os principais focos de ataques de membros do governo brasileiro e de prepostos da sociedade que acreditam piamente que todo problema se resume à disputa pelo poder.

Logo, é próprio da extrema-direita corresponder ideologicamente contra a ciência, e utilizar desta correspondência de modo irônico no enunciado, pois consta no discurso fundador dessa ideologia uma visão de que “a natureza se impõe ao homem”, que o mundo é individualista e que a desigualdade faz parte da sociedade predatória em que vivemos, negando toda a realidade, pois, como negacionista, acredita no que fala e reflete, já que o faz em um “método histórico” alternativo ao que é oficial (Charaudeau, 2022).

A análise da postagem da página Senso Incomum levanta muitas reflexões sobre o avanço da extrema-direita nas redes sociais e no cotidiano dos brasileiros. O discurso conservador constitui a formação discursiva brasileira, e cada cidadão desta terra é atravessado por essa ideologia. Assim, fica claro que o discurso da extrema-direita durante a pandemia logrou êxito, fazendo com que parte da população desconfiasse da ciência e acreditasse em teorias conspiratórias diversas.

Como vimos nessa análise, a página se propõe a nadar contra a corrente de uma cultura que, para essa ideologia, é clivada pela ideologia progressista. Com um discurso antitadura (relacionado ao governo do Partido dos Trabalhadores, razão pela qual a página foi criada), a página mostrou combinar ironia, sarcasmo e conspiração, desde a descrição na biografia até a publicação que aqui averiguamos. É fato, porém, que as páginas no ecossistema *Twitter* não surgiram “do nada”; houve, no início dos anos 2000 e com o avanço das redes sociais, um aumento considerável de páginas conspiratórias nas mídias, chegando consolidados (discursos e ideologias de extrema-direita) na rede aqui em análise. Muito dessa guinada à extrema-direita, no Brasil, deve-se a Olavo de Carvalho, guru dessa ideologia, que se dedicou por anos, antes mesmo do avanço das redes sociais, a disseminar inúmeras teorias conspiratórias. A influência de Carvalho é tamanha que, mesmo após a sua morte, páginas como a Senso Incomum ainda divulgam seu trabalho e vendem materiais, como canecas e camisetas, com a estampa do busto do guru, ou frases com suas concepções.

As ações, no entanto, não ficaram só nas redes; com o surgimento do MBL, a

população levou às ruas as perspectivas de extrema-direita, vindo a reclamar do que era inflado nas redes contra o governo federal anterior ao de Bolsonaro. Essa atitude, no entanto, não foi vista durante o governo do presidente de extrema-direita que governou o país por parte de seu clã, que o defendeu em todas as frentes, inclusive em atitudes nefastas durante a pandemia.

É aviltante observar que a publicação, motivada pela ideologia de extrema-direita, ignora os fatos. Até aquele momento, milhares de pessoas haviam morrido devido à contaminação, e mesmo assim seguiam disseminando inverdades científicas. Valeram-se de páginas que divulgavam notícias falsas, muitas delas xenofóbicas, acusando a China de criar a pandemia com fins econômicos. O avanço na pesquisa da vacina, que motivou pesquisadores de todo o mundo, era crucial para que a pandemia acabasse e todos pudessem voltar à normalidade, mas agentes da desinformação de extrema-direita, no Brasil, de cunho bolsonarista, estavam mais interessados em desinformar os brasileiros.

Munida de ironia e sarcasmo, a página valeu-se de enunciados que, juntos, desconsideravam a emergência sanitária por que passamos, ironia que, processada, leva à produção de dois efeitos de sentidos e, conseqüentemente, a duas ações diferentes: há a ideia do *chip* como um argumento irônico para não tomar vacina, mas também um argumento ‘jocosos’ para tomá-la, tudo isso foi feito de modo a criar novos sentidos, desviando o olhar para o que interessava. Pela postagem, podemos considerar que a página estava mais empenhada em levantar hipóteses contra a China, a vacina e o governador de São Paulo a compreender a importância da vacinação e incentivá-la ao seu público.

Notamos, igualmente, que, para a extrema-direita, todo e qualquer cidadão, grupo ou associação, até mesmo governos, que se opusessem a Bolsonaro e seus signatários, automaticamente eram considerados “comunistas”, tática estimulada por Olavo de Carvalho durante sua trajetória. Essa classificação soa quase como que um “apito de cachorro”, fazendo com que o público se atente de forma negativa a determinadas pessoas, conceitos, assuntos. Considerar que a liberdade seria perdida por obedecer a Doria é um dos “apitos” utilizados nesta postagem.

Por fim, como estamos na era da pós-verdade, a mídia também foi considerada inimiga da verdade, porque está perpetrada pela ideologia “esquerdista”. Essa postura, muito usada pela ideologia aqui em análise, é muito comum nas redes, como forma de descredibilizar o oponente numa “guerra ideológica”. Ao encerrar com o

adjetivo anticientífico, notamos que a postagem “coroa” toda conspiração publicada e da qual sabe que será difundida não apenas na rede social *Twitter*, mas em várias outras, conforme o interesse do público.

A análise colabora com a compreensão do período histórico, como também nos faz entender que o pensamento de extrema-direita está muito enraizado na cultura e na ideologia brasileira, a ponto de gerar nos brasileiros desconfiança da ciência, da mídia e de pesquisadores de áreas renomadas. É certo de que precisamos ainda, como num trabalho de formiguinha, reconstruir a nação quanto à noção de verdade, bem como a de realidade, a fim de que pensamentos conspiratórios de extrema-direita, que valorizam tanto o ideário anticientífico, não ganhem força, seja nas redes, seja na vida real.

6.5 ANÁLISE 5 – ALIADOS BRASIL

Vivemos tempos sombrios.
Hannah Arendt

Imagem 21: Bio página Aliados Brasil



FONTE: *Twitter*

A última postagem que iremos analisar pertence à página Aliados Brasil, que está no ecossistema *Twitter* desde novembro de 2019, pouco mais de um ano da vitória de Bolsonaro nas eleições presidenciais. Essa observação importa, pois, segundo Medeiros, Loiola e Antunes (2022, p. 68), nas eleições presidenciais de 2018 que deu a vitória a Bolsonaro, “muitas *fake news* continuaram mobilizando as pessoas em favor de Bolsonaro, mesmo após serem desmentidas pela imprensa”. O *site* oficial da página traz notícias cujas fontes de muitas delas são do *Infowars*, página norte-americana de notícias fundada por Alex Jones, famoso teórico da conspiração de extrema-direita condenado a pagar 5 bilhões às famílias das vítimas do massacre na escola *Sandy Hook* por difamação, posto que ele afirmava que o atentado fora forjado a fim de colocar a população norte-americana contra a liberação das armas (G1, 2022).

Observamos, assim, que as CPs no Brasil eram favoráveis à criação de uma página de notícias que divulgasse teorias conspiratórias, afinal, estava no dia a dia do brasileiro diversas delas em todos os aparelhos celulares, *notebooks* e afins. O momento histórico era favorável não apenas à disseminação de notícias falsas, mas também à criação de um espaço que se assemelhasse à imprensa tradicional. Bolsonaro, inclusive, foi um grande disseminador delas, considerado “líder e porta-

voz” das *fake news*, segundo a CPI da Pandemia (Oliveira, 2021).

Segundo Tilley (2019), as teorias conspiratórias estão presentes há séculos e ganham espaço porque são muitas e críveis em todos os povos. Conforme Byford (2019), “as teorias conspiratórias se difundem porque preenchem o vácuo deixado pelo desconhecido e inexplicado”. Afirmar ainda que elas sempre têm, em si, um “plano maligno, tramado em segredo por um grupo pequeno de indivíduos poderosos” e que, por essa razão, despertam o interesse – e a crença – de muitos. Por essas razões, compreender as CPs em torno deste discurso é imprescindível e, no momento histórico em que vivemos, necessário.

A imagem 21 (p. 116) refere-se à bio de Aliados Brasil, que traz o *slogan* “a notícia como ela é”, e a informação de que divulga notícias nacionais e internacionais. A afirmação de promover “a notícia como ela é” soa interessante à AD, pois

Um texto tem em suas margens muitos outros textos, as famílias parafrásticas, indicando tantas outras formulações – textualizações – possíveis no mesmo sítio de significação e que se organizam em diferentes espaços significantes. Cada texto tem os vestígios da forma como a política do dizer inscreveu a memória (saber discursivo) na sua formulação. Um texto é sempre um conjunto de formulações entre outras possíveis, movimento do dizer face ao silêncio tomado aqui como horizonte discursivo, o “a dizer” e não o vazio (E. Orlandi, 1996 In.: Orlandi, 2012, p. 90).

Em outras palavras, o autor⁴³ de um texto jornalístico – para ficarmos no exemplo citado – não poderia apresentar “uma notícia como ela é”, descrevê-la com neutralidade, posto que ele a apresentaria a partir das CPs, FDs e FIs que constituem o sujeito-autor-jornalista que comporia tal notícia. Esse enunciador-lugar-posição não é neutro, mas clivado e cindido ideologicamente, e, no caso do *site* da página em análise, marcado por uma ideologia de extrema-direita. Assim, tal afirmação produz sentidos diversos, entre eles o de afirmar que a notícia não seria corrompida tal qual é feito por um jornal oficial. Logo, notamos que, na CP brasileira, as *fake news* ganharam espaço porque há uma “descrédibilização da imprensa profissional [...] gerada pelo fenômeno da pós-verdade [...]” (Medeiros, Loiola e Antunes, 2022, p. 67).

⁴³ Para a AD, o autor é uma figura social e institucional, associada a uma identidade reconhecida no campo discursivo, sendo aquele sujeito cujo nome garante uma certa legitimidade ao texto (é ele um indivíduo real). Já o enunciador é uma instância discursiva interna ao próprio texto, uma voz que se manifesta na enunciação e assume diferentes posições dentro do discurso. Enquanto o autor pertence ao mundo extratextual, o enunciador é construído no próprio processo enunciativo (é um constructo discursivo, uma posição discursiva que se manifesta na enunciação).

Ou seja, na CP brasileira, tanto durante a pandemia quanto agora, marcada por discursos conspiratórios, a imprensa oficial é vista como inimiga, semelhante a outros exemplos nesta tese, não sendo digna de confiança.

Segundo Lima (2009), a mídia oficial, para teóricos da conspiração, é algo mal, oculto e maquiavélico, que opera articuladamente a favor de interesses econômicos e políticos dos grandes grupos a que trabalhe, e por essa razão não cumpre seu papel de noticiar com imparcialidade. Conforme Orlandi (2012, p. 28), “como os sentidos e os sujeitos com suas posições se constituem ao mesmo tempo, o analista busca assim compreender os gestos de interpretação constitutivos dos sentidos e dos sujeitos”, entendemos que o enunciado “a notícia como ela é” é uma forma de assegurar que este veículo não sucumbirá aos grupos de uma elite que visa enganar o povo, pensamento comum em meios conspiracionistas.

Percebemos, também, no enunciado “a notícia como ela é” uma paráfrase do dramaturgo Nelson Rodrigues – *a vida como ela é*. Segundo Nogueira (2019), Rodrigues, além de um cronista genial, foi um reacionário de extrema-direita que apoiou a ditadura militar, pois era um ferrenho anticomunista, vindo a mudar a forma como defendia a ditadura militar após a prisão de seu filho. Como vimos em análises anteriores, um dos interesses da extrema-direita é o de criar uma geração elitizada e culta, conforme compreendem o que é ser culto e pertencente a uma elite. O *site* Brasil Paralelo, conhecido por divulgar conteúdos de extrema-direita⁴⁴, divulgou uma matéria sobre a importância dos clássicos literários brasileiros⁴⁵, e entre eles estava a obra *Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues. Há outras matérias na página em que o famoso cronista aparece, mostrando sua importância no cenário culto nacional, também o apresentando ao público que é seguidor da página e que se afina a este campo ideológico. O que importa à AD na análise desta paráfrase é compreender que

O dispositivo ideológico de interpretação do sujeito vem carregado de uma memória (uma filiação nas redes de sentidos – o interdiscurso) que, entretanto, aparece negada como se o sentido surgisse lá. Isto porque a memória discursiva (interdiscurso) se estrutura pelo esquecimento: esquecemos como os sentidos se formam de tal modo

⁴⁴ Ver em *Às ‘margens da ciência’*: pesquisadora explica como a Brasil Paralelo surfou no processo de radicalização da direita. Intercept Brasil, 24 mai. 2024. Disponível em: <<https://www.intercept.com.br/2024/05/24/como-a-brasil-paralelo-surfou-na-radicalizacao-da-direita/>>. Acesso em: 02 nov. 2024.

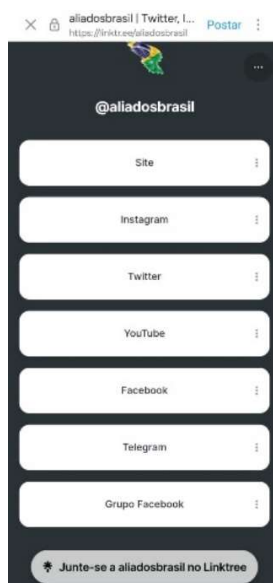
⁴⁵ Ver em *Érico Nogueira apresenta a importância dos clássicos da literatura brasileira*. Veja os 10 melhores. Brasil Paralelo, 16 ago. 2022. Disponível em: <<https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/classicos-da-literatura-brasileira>>. Acesso em: 02 nov. 2024.

que eles aparecem como surgindo em nós. Este dispositivo ideológico da interpretação funciona no espaço e na relação linguagem/mundo (Orlandi, 2012, p. 28).

Ou seja, esse aforismo de Rodrigues – que também é livro e foi telessérie na Rede Globo de Televisão, sendo exibida aos domingos no programa Fantástico, em 1996, (Wikipédia, 2024) – está cindido e clivado na memória discursiva do brasileiro, mesmo que o indivíduo brasileiro possa não se lembrar da referência ou, como afirmou Orlandi (2012), esquecer-se dela na compreensão do texto que se lhe apresenta. É o que em AD chamamos de um já-dito, um sentido lá que já está cristalizado no imaginário brasileiro, constituindo os sujeitos. E, nesse esquecimento, Nelson Rodrigues é, indiretamente, usado como um argumento de autoridade contra a imprensa de ‘esquerda’, posto que é visto, neste espectro ideológico, como culto e alguém que mereça/deve ser lido/considerado, não apenas pelo teor de sua obra, mas sobretudo por seu posicionamento ideológico.

Há também a instrução a quem adentra a página para que a siga, e o *link* para a página *Linktr.ee*⁴⁶. No caso da Aliados Brasil, notamos que eles estão em todas as redes com grande público, como *Instagram*, *YouTube*, *Facebook*, e possui um grupo no *Facebook* e outro no *Telegram*, bem como um *site* oficial de notícias.

Imagem 22: *Linktr.ee* página Aliados Brasil



FONTE: *Linktr.ee*

⁴⁶ Espaço cibernético destinado a aglutinar *links* de outras páginas. Geralmente, os usuários depositam o *link* do *Linktr.ee* em suas bios para que seus seguidores possam acompanhar seus trabalhos em outras redes sociais, agendas de eventos, conteúdos para *download*, entre outros.

A página contém quase 28 mil seguidores e segue mais de 800, entre eles, o atual presidente da Argentina, Javier Milei, conhecido por ser de extrema-direita; Elon Musk, bilionário que comprou o *Twitter* e também é conhecido por se posicionar de forma extremada à direita, especialmente durante a posse de Donald Trump, em 2025, quando fez um gesto que remete ao nazismo⁴⁷; e políticos brasileiros que pertencem a este espectro político-ideológico. Algumas páginas de notícias que se posicionam ideologicamente diferentes, como o site *Metrópoles*, também são seguidas. A maioria dos perfis que seguem a página se posicionam ideologicamente como ela, o que nos mostra que as mudanças que têm ocorrido em sociedade começam nas redes sociais, pois os políticos estão no mesmo lugar que os eleitores, trabalhando de modo intencionado com operadores inteligentes e disruptivos, que sabem como agir globalmente de modo alinhado às ideias extremistas de direita (Bruzzone, 2021). Para Rocha (2023, p. 153), todas essas ações têm um fim:

Criar as condições para instaurar um estado totalitário e fundamentalista do ponto de vista religioso. E a estratégia para alcançar esse propósito passa pela midiosfera digital e a produção de dissonância cognitiva coletiva. No Brasil, a dissonância cognitiva tornou-se esteio de um projeto político totalitário, o bolsolavismo⁴⁸, que mira a despolitização da *pólis*, desviando com falsas notícias o debate dos temas que realmente importam. O Brasil é um laboratório mundial de criação metódica da realidade paralela.

Em outras palavras, conseguimos entender, pela perspectiva da AD, que a criação desses espaços tem uma finalidade ideológica, e as CPs atuais brasileiras propiciam esse tipo de espaço virtual. Segundo Demuru (2024), isso ocorre porque o sistema capitalista em que vivemos abre brechas em nossa realidade atual para o florescimento de teorias conspiratórias, convencendo a população por parecerem verdadeiros. Ou seja, as notícias falsas hoje são refinadas, parecem reais porque há nelas uma verossimilhança com a imprensa oficial muito grande e satisfazem anseios de muitos leitores, sendo cada vez mais difícil identificar o que há de verdadeiro nelas.

⁴⁷ Segundo a página de notícias Brasil de Fato (2025), após levantar a mão em riste, tal qual se saudava durante o período nazista alemão, Elon Musk decidiu demonstrar apoio também ao partido *Alternativa para a Alemanha* (AfD), partido este declaradamente de extrema-direita. (Brasil de Fato. Após gesto que remete ao nazismo, Musk anuncia apoio à extrema direita em comício na Alemanha. São Paulo, 26 jan. 2025. Disponível em: < <https://www.brasildefato.com.br/2025/01/26/apos-gesto-que-remete-ao-nazismo-musk-anuncia-apoio-a-extrema-direita-em-comicio-na-alemanha>>. Acesso em: 29 jan. 2025).

⁴⁸ Refere-se a uma mistura de bolsolarismo e olavismo.

As fotos de perfil e de capa (p. 116) são feitas por IA, que lembra a imagem da bandeira brasileira. A foto de capa tem um fundo preto e cinza e o logo em branco, e a foto de perfil tem o fundo branco e o logo em preto e cinza. Para Heller (20121), a cor preta confere elegância, é ligada à arte e à moda, mas também ligada à tristeza. O cinza é considerado neutro e o branco rememora o imaculado, o puro e também está ligado à elegância. A importância desses significados para a AD está em entender que as cores também são discursos, logo falam, criam sentidos e comunicam, assim como o logo é um discurso, pois cria uma comunicação com o nome da página, traz à memória discursiva o patriotismo e sinaliza ao público dela a afirmativa que se pretende com o nome do perfil: ser uma aliada do país, pois “todo sentido é produzido, emerge e se torna perceptível a partir de uma ou mais linguagens que o manifestam” (Demuru, 2024, p. 22). Assim, o logo e as cores são “discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, são *ditos*, permanecem ditos e estão ainda por dizer” (Foucault, 2014, p. 14). Esse dizer criará sentidos a partir das CPs, que são os espaços de formulação de sentidos. No momento da pandemia, a CP era cindida pela FD patriótica, pela FI de extrema-direita, justificando assim a criação da página e, a partir dela, disseminar os discursos dessa vertente ideológica.

A página se autodenomina Aliados Brasil. A escolha de um nome é muito importante na sociedade, pois é empregada de sentido. É um dizer. Quando os pais escolhem os nomes dos filhos, geralmente se preocupam com o significado, a origem, ou desejam homenagear alguém da família ou que admirem. O nome tem a ver com a identificação de alguém ou de algo, com a existência. É como se passássemos a existir (nós e as coisas) a partir do nome. O ato de nomear algo confere existência. Sai das sombras e vem à luz. Portanto, analisar o nome da página também é compreender os sentidos que essa existência tem, suas FIs e FDs. O dicionário online Caldas Aulete (2024) explica o verbete ‘aliado’ como:

1. Que se aliou a outro(s), que estabeleceu aliança; unido a outro(s) não tão próximo(s) por algum tipo de vínculo (pessoal, social, etc.) (parente aliado)
2. Que apoia ou defende outro(s) e é por ele(s) apoiado ou defendido (em empreendimentos, disputas, polêmicas, etc.), por ter com ele(s) afinidades, convicções ou interesses comuns.

Nomes também geram identificação. Logo, ao se colocar como aliada do país, a página, pelo nome, discursa ao grupo patriótico que, em 2020, entende que vive,

como definiu Rocha (2023), uma guerra cultural – ou, no caso da pandemia, uma guerra biológica – e, portanto, precisa se unir àqueles que também enxergam “o óbvio”, pois conspiracionistas vivem em um senso de coletividade. Ao se autonear Aliados Brasil, a página mostra dois indivíduos: ela própria e todos aqueles que estão/são pelo país, no sentido patriótico bolsonarista, que clama por uma ideia nacionalista – e assim o apego ao uso da camisa amarela da seleção brasileira de futebol como símbolo identitário deste grupo ou o símbolo da bandeira brasileira feito em IA como foto de página. Conforme Bruzzone (2021, p. 103), “em toda identidade há um lugar para os outros, porque eu não me faço sozinho nem estou sozinho no mundo”. Em AD, a construção de um nome tem a ver com um discurso heterogêneo, pois a língua é polifônica e um discurso se constrói a partir de discursos outros. Ao mostrar-se aliada, a página também mostra quantos estão aliados pelo país, clivados e cindidos por uma ideologia de extrema-direita nacionalista, apoiando, defendendo, estabelecendo aliança, construindo vínculo com essa ideologia, por ter com ela afinidade, convicção ou interesse em comum.

A resposta da página a um *post* foi realizada em 10 de dezembro de 2020. A postagem da análise anterior foi feita em 23 de novembro do mesmo ano. Dela até a data da resposta ao *post* em análise, muitas coisas ocorreram no Brasil no ano 1 da pandemia. Segundo a SANAR (2020), em 30 de novembro, o país observava novo aumento de internações por problemas respiratórios. A Fiocruz já havia notado que esse número subiria em 15 estados, mas foi superado em apenas uma semana, atingindo 21 dos 26 estados da federação; desses 20, apenas 1 estado não estava com a taxa de contágio sem controle. Especialistas já afirmavam nesse período que o Brasil vivia a segunda onda do coronavírus.

Os números de contagiados dobravam a cada 24h, segundo a SANAR (2020), mas havia também boas-novas: com os bons resultados da vacina *Oxford/AstraZeneca*, a estimativa era já iniciar no Brasil a vacinação em janeiro de 2021, e a meta vacinal passara de 100 para 130 milhões de brasileiros.

A primeira quinzena de dezembro mostrava um marco triste quanto ao número de mortos pela covid-19: a média era de 900 brasileiros por dia, vindo a contabilizar 182.799 mil óbitos desde o início da pandemia. A cada 24h, o país somava mais de 40 mil infectados (SANAR, 2020). Depois de muita pressão, o governo federal apresentou um plano vacinal, dividido em quatro etapas: a primeira, com profissionais da saúde, idosos acima dos 75 anos ou dos 60 que já vivessem em instituições de

longa permanência, povos indígenas e quilombolas. Já na segunda fase, idosos entre 60 a 74 anos; a terceira fase foi composta por indivíduos com risco de doenças graves, portadores de doenças cardiovasculares ou renais, e a última fase, professores, profissionais de salvamento e segurança, funcionários do sistema prisional e população privada da liberdade (SANAR, 2020). Após, todos os brasileiros poderiam se vacinar. Essa era a realidade do país quando a página respondeu a um *post* no ecossistema *Twitter* sobre o uso das máscaras.

Imagem 23: Resposta da Aliados Brasil a um *post*



FONTE: *Twitter*

A postagem é uma resposta a uma publicação feita pelo ex-policial e atual deputado federal do PSL pelo Rio de Janeiro, Daniel Silveira, mas que não é possível vê-la, pois a conta está retida, já que o deputado foi condenado em abril de 2022 a oito anos e nove meses em regime fechado pelos crimes de ameaça ao Estado Democrático de Direito e coação no curso do processo, conforme Notícias STF (2024). Essa não foi a primeira vez que o deputado esteve encarcerado; foi preso em 2012 por venda ilegal de anabolizantes e, quando era policial, passou 80 dias detido no quartel por numerosas transgressões disciplinares, entre 2013 e 2017, conforme Brasil de Fato (2021). Daniel Silveira ganhou notoriedade na mídia quando, meses após a morte de Marielle Franco, vereadora carioca, em 2018, rasgou uma placa que continha o nome de Franco. O vídeo desse ato viralizou em todas as redes, dando a Silveira uma cadeira no legislativo. Também ficou conhecido por protagonizar o que chamou de “Cruzada pela Educação”, invadindo escolas cariocas com o intuito de encontrar algum tipo de “doutrinação esquerdista”. Silveira também ficou amplamente conhecido por divulgar notícias falsas (Brasil de Fato, 2021).

Diante deste histórico, observamos que o deputado possui características da

ideologia de extrema-direita: possui uma abordagem violenta, divulga teorias conspiratórias e dissemina conteúdos inverídicos sobre determinados assuntos de interesse da sociedade, como no caso da pandemia. Este ato, além de ideológico – e porque é ideológico – é político, não apenas no sentido em que o deputado está situado na sociedade pelos votos que recebeu, mas também enquanto cidadão. Em uma sociedade atual em que a força e a violência conferem aos homens um ar de virilidade, e a extrema-direita soube explorar esta perspectiva nas redes, o deputado é um discurso extremista e corresponde a isso em suas posturas, inclusive quando divulga algo contrário ao uso de máscaras.

Em 27 de janeiro de 2021, pouco mais de um mês dessa resposta, o deputado foi notícia ao ser impedido de voar pela companhia área GOL por se recusar a usar máscara. Segundo o G1, Silveira classificou a máscara em um vídeo publicado em suas redes sociais como uma “focinheira ideológica” (G1, 2021). Segundo Demuru (2024, p. 58), “a linguagem da política e, de modo geral, a linguagem do debate público do século XXI são marcadas pela linguagem e retórica das mídias sociais, em particular aquelas que dão corpo a conteúdos de ódio.” Logo, o que observamos é que, para os personagens que engendraram o governo Bolsonaro, era necessário negar a realidade, porque aceitá-la era negar o que satisfaz as conspirações de extrema-direita: o encanto proveniente da descoberta do mal em que vivemos (Demuru, 2024). Essa negação, conforme Charaudeau (2022, p. 52), “é essencial para a existência da verdade”, pois

A negação no discurso não se manifesta necessariamente por uma marca de negação linguística: ela pode até se expressar sob a forma afirmativa. A negação discursiva é um ato de enunciação cujo sentido depende da relação que se estabelece entre os dois parceiros do ato de fala conforma a situação de comunicação que rege a troca (Charaudeau, 2022, p. 56).

Em outras palavras, a postura do deputado ao se negar utilizar uma máscara e, com a negativa da companhia aérea, gravar um vídeo ao seu público afirmando que a máscara é uma “focinheira ideológica”, é uma negação da verdade, pois havia uma pandemia em curso e o uso das máscaras salvava vidas. Mas, para criar uma verdade própria do seu universo conspiratório, enunciou que máscaras eram focinheiras ideológicas. Nesse jogo discursivo, Silveira fala com o seu público com uma linguagem comum a esse grupo, pois “os populistas conspiratórios têm vocabulário próprio”

(Demuru, 2024, p. 36). E “nessa perspectiva, o que importa não é o teor do discurso político, mas sua força expressiva, sua capacidade de contagiar e, por meio dela, consolidar o vínculo comunitário” (Demuru, 2024, p. 48). Ou seja, o senso de comunidade que sabe a ‘verdade’, e que esta ‘verdade’ não está em usar a máscara, e sim em não se utilizar de uma “focinheira ideológica”, é muito mais poderoso que a própria realidade. É, como definiu Rocha (2023), uma “dissonância cognitiva coletiva”.

Compreender o posicionamento ideológico e discursivo do deputado nos ajuda, à luz da AD, entender as CPs que levaram à resposta de Aliados Brasil, que começa com o seguinte enunciado: “A focinheira nada mais é que o símbolo do controle, a marca do sucesso do plano chinês! [...]”. O uso do substantivo ‘focinheira’ é bastante interessante para a AD. Segundo o Priberam (2024), focinheira é derivada de ‘focinho’, e significa

1. Parte do porco usada na alimentação.
2. Focinho ou tromba de um animal.
3. Peça, geralmente de couro ou de metal, que se põe aos animais para não morderem; - AÇAIMO, FISCELA, MORDAÇA.
4. Correia ou cabeçada das cavalgadas que dá volta ao focinho por cima das ventas.
5. Espécie de máscara ou açaimo com pontos que se coloca no focinho dos bezerros para os impedir de mamar. = BARBILHO.
6. [Informal, depreciativo] Cara ou nariz = FOCINHO, TROMBA.
7. [Informal, depreciativo] Rosto carrancudo ou semblante carregado. = FOCINHO, TROMBA.
8. [Pesca] Embarcação de pesca.

Conforme denota o dicionário, o vocábulo ‘focinheira’ carrega sentidos que tange ao mundo animal. Assim, o enunciado da página desumaniza o cidadão que faz uso da máscara para se proteger de um vírus que levou muitos à morte, além de depreciar uma orientação de organizações mundiais de saúde. Evidencia, também, que, se somos humanos, logo somos infantis, e que precisamos ser controlados. Essa desumanização acontece, pois “indignação, medo, ressentimento são o combustível que mantém funcionando o motor da extrema direita” (Bruzzzone, 2021, p. 84).

O uso obrigatório de máscaras decorrente da pandemia passou a ser lei em 3 de julho de 2020 (Lei 14.019/20), cinco meses após o mundo ter parado por causa do coronavírus. Contudo, segundo noticiado pelo *site* da Câmara dos Deputados (2020), Bolsonaro fez 17 vetos à lei, como a obrigatoriedade de se tampar com a máscara nariz e boca em estabelecimentos comerciais, indústrias, templos religiosos, escolas

e demais locais fechados, multas aplicadas aos cidadãos pelo não uso das máscaras, bem como a restrição dos indivíduos que estivessem sem máscaras em lugares fechados, e multa a estabelecimentos que não oferecessem máscaras gratuitamente. A obrigatoriedade só passou a ser facultativa em 04 de agosto de 2022 (CNN Brasil, 2022). Até hoje, muitos brasileiros ainda utilizam este artefato quando estão doentes ou em ambientes de grande aglomeração, a fim de evitarem contaminação, seja por qual vírus for.

Portanto, ao afirmar que as máscaras eram focinheiras, o que notamos é que a extrema-direita brasileira nesse ecossistema reagia às orientações da OMS – e demais instituições de saúde – com violência, porque ‘se viam violados’ em sua liberdade. Afinal, o uso de focinheiras tem a ver com o controle – um cachorro que pode avançar em alguém, por exemplo – e, na perspectiva conspiratória de extrema-direita, se a China criou o vírus, então ela também precisava nos controlar. É então que o enunciado fala em “[...] o símbolo do controle, a marca do sucesso do plano chinês! [...]”.

Os símbolos são importantes para os seres humanos, pois eles também falam, também discursam. Segundo Schneider (2004, p. 101), “discursos, da mesma forma que símbolos, adquirem poder, eficácia e função por meio do contexto em que se situam”. Portanto, ao denominar a máscara como focinheira e símbolo de controle, as máscaras, na CP de extrema-direita, têm sentidos diferentes de outras CPs durante a pandemia. Se para uns elas simbolizam proteção, a outros, fim da liberdade. E esses sentidos são paradoxais porque o momento histórico dá vazão a essas possibilidades de sentidos, pois “é a própria realidade que dá brechas para que o pensamento conspiratório floresça” (Demuru, 2024, p. 38). O mesmo é válido ao chamar as máscaras de “marca do sucesso do plano chinês”. Marca aqui não tem apenas o sentido denotativo de “efeito de marcar” ou o conotativo de “deixar uma impressão”. Não. Há aqui também uma outra teoria conspiratória: “a marca da besta”. Segundo o livro do Apocalipse, capítulo 13, há uma “fera” que subirá ao mundo para exercer seu poder, de modo que os homens, seduzidos pelos grandes prodígios feitos por ela, serão marcados. O capítulo também traz um número que a ela faz referência: 666. Segundo a nota de rodapé da Bíblia Ave-Maria (2003, p. 1568),

18. *Seiscentos e sessenta e seis*: ou 666. Temos aí provavelmente um meio discreto para designar aos cristãos da Ásia, familiarizados com

esses cálculos, um imperador, sem expor-se às acusações de lesa-majestade. Mas hoje temos perdido a chave do enigma: deixando de lado várias divagações, uma das interpretações mais prováveis desse número é *César Nero*, tomado como um tipo de perseguidores. Demais, três seis surgem simbolicamente um domínio falhou, inferior à perfeição expressa pelo número 7.

Por ser um país clivado por uma FD judaico-cristã, o conspiracionismo de extrema-direita é cindido pelo discurso religioso. O bolsonarismo, segundo Demuru (2024), tem grande relação com o evangelismo, especialmente das igrejas pentecostais, como a Universal, de Edir Macedo. Conforme Demuru (2024, p. 48), os discursos conspiratórios têm “[...] um gosto pela escatologia, pelos anúncios proféticos sobre o fim dos tempos e a chegada dos messias que nos livrarão dos demônios que nos oprimem; um gosto intimamente vinculado a uma precisa maneira de estar no mundo [...]”. Porém, para que esse “anúncio profético” tenha eficácia, é necessário o discurso do medo, que, “como todas as emoções, resulta de uma mistura de afeto e razão” (Charaudeau, 2022, p. 110), e está presente no discurso religioso, constituindo-o e por ele sendo constituído.

Assim, quando lemos no enunciado “a marca de sucesso”, não há apenas ali o discurso de êxito, de vitória do ‘comunismo’, mas igualmente a presença do discurso da ‘marca da besta’, já que a China é vista, por esse viés ideológico, como algo mau. Também porque esse discurso conspiratório é vivo e forte em meios evangélicos e bolsonaristas. Segundo reportagem de Mello e Portinari para O Globo (2022), 21 igrejas evangélicas são abertas diariamente no Brasil. Conforme o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), o aumento do número de igrejas evangélicas oficiais no país entre 1998 e 2021 foi de 228,5% (Terra, 2024). O bolsonarismo está tão intimamente ligado ao evangelismo no Brasil que, durante as eleições presidenciais de 2022, muitos evangélicos deixaram suas igrejas após afirmarem que não votariam em Bolsonaro. Houve relatos de membros que se sentiram incomodados com seus pastores “clamando pela nação” pedindo votos a Bolsonaro contra o comunismo, segundo Marques e Varela (2022).

Nos discursos pentecostais, há a presença da teoria conspiratória ‘marca da besta’. Em uma busca pelo *Google* pelo termo “máscaras são a marca da besta”, encontramos o *blog* da Pastora Elza Amorim, que publicou em 17 de agosto de 2020 a seguinte afirmação: “A MÁSCARA que estão impondo ao mundo neste tempo, é sim, o SINAL DA BESTA. Apocalipse 13:16, 17. Acreditem quem quiser!” No entanto,

ao longo dos anos, essa teoria conspiratória teve diversos símbolos. Em um dado momento, disseminaram que o *Chip Mondex*, uma tecnologia de cartões de crédito *smartcards*, da MasterCard, era o sinal da besta (Pankiewicz, 2014). Depois, os códigos de barras foram considerados marcas bestiais (Superinteressante, 2016). Agora, as máscaras. O *site* Boatos.org, cuja função é desmentir teorias conspiratórias, boatos e afins na *internet*, em abril de 2020, atestou serem inverídicas as mensagens que circulavam nas redes de que a China estaria enviando máscaras para o Brasil com a marca da besta (666) impressa nelas (Boatos, 2020). Logo, o medo apocalíptico, como chamou Charaudeau (2022), é alimentado por diferentes imaginários; esse medo faz-se presente na afirmação feita na primeira parte do enunciado desse *post*. E essa teoria voltar ao cenário durante a pandemia, à luz da AD, traz-nos a compreensão de que as CPs eram propícias, posto que esse discurso está na FD religiosa cristã brasileira.

A postagem também apresenta a conspiração “Plano Chinês”. Conforme Marchesan (2020), uma das teorias conspiratórias durante o ano 1 da pandemia era a de que a China havia criado o coronavírus para se beneficiar economicamente. Mas a verdade é que existem duas possibilidades para o coronavírus ter infectado humanos: uma é de que o vírus se espalhou naturalmente, proveniente de morcegos; a possibilidade mais aceita no campo científico é de que morcegos tenham infectado outros animais que infectaram humanos. A segunda possibilidade é a de infecção em laboratório – algum voluntário de uma pesquisa sobre patologias emergentes da natureza pode ter se infectado e acabou infectando os demais (Sudworth e Maybin, 2023). Logo, crer que a China tenha elaborado um plano completo, desde a contaminação até o controle mundial de toda a população, é um pensamento conspiracionista que ganhou fôlego em meios compartilhados por posicionamentos discursivos de extrema-direita globalmente.

Prossegue o enunciado: “Já que não morremos todos eles tb⁴⁹ não desistiram. E ainda tem a VaChina!” A conjunção subordinativa causal ‘já que’ exprime o porquê de não haver desistência: “não morremos todos”. Nessa afirmação, o enunciado denota que o plano chinês – dentro desse viés conspiratório – não era apenas de reafirmar a economia, mas o de cometer um genocídio, extinguindo nações. Segundo Demru (2024, p. 45), “os adeptos do extremismo são movidos por impulsos e paixões

⁴⁹ Também. Na linguagem da *internet*, é muito comum haver esse tipo de escrita, em que as palavras são suprimidas, posto que este ambiente tem por hábito uma escrita rápida e sucinta.

de vários gêneros, todos caracterizados por um alto grau de intensidade”. Portanto, afirmar que a China tem um plano genocida faz sentido nesse lugar de extremismo, porque é o que os alimenta, o que cria relação com a realidade que este grupo enxerga. Para Demuru (2024), as teorias conspiratórias só fazem sentido socialmente porque cria nos indivíduos a sensação de que sabem algo que ninguém mais sabe, um sentimento de inteligência, de enxergar além de. Assim, a busca pelo bem coletivo “não surge de um pensamento do verdadeiro e do falso, como queria Platão, mas de um pensamento do possível e do provável, segundo os sofistas e Aristóteles” (Charaudeau, 2022, p. 45). Para a extrema-direita brasileira nesse ecossistema, as teorias conspiratórias não são teorias, mas fatos, realidade. E “apesar de não amparadas em evidências que resistam ao escrutínio, resistem ao tempo e podem provocar resultados fatais, como, por exemplo, o descontrole da pandemia covid-19 especialmente nos países, como o Brasil e os EUA, que têm, em seus pontos máximos do poder executivo, indivíduos crédulos nessas teorias” (Prado, 2021, p. 230-231).

Conforme Maingueneau (2008), um texto constrói sua cena enunciativa própria. Isso só é possível porque há uma interação social do texto (quem produz o texto, a maneira como este circula, os lugares por que circula, quem o lê). Em AD, entendemos que nenhum texto é novo, original, mas é um já-dito que se diz novamente em uma nova CP, criando novos sentidos sob um pré-construído que se apresenta a cada interdiscurso que cliva e constitui discursos outros. Em um enunciado como o da página Aliados Brasil, o que se enxerga é um Brasil que, novamente, vive sob o terror da China comunista, que agora age por meio de uma ‘guerra biológica’. A cena discursiva criada a partir deste enunciado é feita pelo discurso do medo, em que “o inimigo se dissimula atrás do fantasma de um ser invisível, sem rosto e sem fim” (Charaudeau, 2022, p. 116). Como na FD brasileira há um pré-construído sobre a China comunista que quer dominar o mundo, a retomada deste discurso com outra roupagem – agora, a da pandemia – flui perfeitamente nos meios conspiracionistas de extrema-direita, criando novos sentidos não apenas em relação ao país asiático, mas a várias outras frentes, como cientistas, médicos, agente de saúde... todos são vistos como ‘inimigos’, ‘comunistas’, por esse viés ideológico.

“Já que não morremos todos eles tb não desistiram”. Conforme já dissemos nesta tese, para teóricos de conspiração, há uma elite que intenta contra o mundo. Isto posto, neste “eles também não desistiram”, inclui não apenas o governo, cientistas e agentes chineses contra o mundo, mas uma elite global da qual a China faz parte.

Dessa forma, conspiracionistas de extrema-direita fazem na rede o que chamou Bruzzone (2021, p. 36) de “[...] uma nova forma de conceber o real, um real desterritorializado”. É como se víssemos a ‘morte’ do velho ditado “contra fatos não há argumentos”. Nas redes, o questionamento que nos fazemos é: o que são fatos? Aquilo que é ou que se cria?

O enunciado se encerra com “E ainda tem a VaChina!”. O uso da exclamação não tem a ver apenas com a gramática, mas sobretudo com o sentimento que se quer externar por meio do texto. Para Orlandi (2012, p. 113), “a pontuação é um mecanismo de ajuste na relação discurso/texto, onde se manifesta o processo de subjetivação”. Logo, o enunciado mostra um estado emocional, um sentimento de desapontamento com a vacina, que fica claro não apenas com o uso da exclamação, e sim com o enunciado completo, que mostra em toda sua conjuntura a insatisfação da página Aliados do Brasil com os rumos que o mundo tomou no enfrentamento da pandemia. No entanto, enquanto analistas desse discurso, o que notamos é que o enunciado não questiona apenas o uso das máscaras, e sim todo tipo de ação contra a covid-19. Já se insere nesse enunciado o descontentamento com ações futuras.

Para Hafiz (2023), o uso dos termos como ‘vachina’ nas redes sociais fazia referência ao governador à época do estado de São Paulo, João Doria, que fechou acordos com a China para a confecção da *CoronaVac*, pelo Instituto Butantan. Ou seja, o termo ‘vachina’ tornou-se uma espécie de apelido à vacina brasileira feita em parceria com a farmacêutica *Sinovac*. O termo ‘vachina’ tornou-se tão comum em tuítes de extrema-direita que a página Aos Fatos, cujo trabalho é verificar postagem com *fake news* e desbaratá-las, contabilizou mais de 18 mil mensagens com esse neologismo. Ainda segundo Aos Fatos (2021), esse e outros neologismos foram criados à base de teorias conspiratórias. Conforme Orlandi (2012, p. 63), “o discurso, definido em sua materialidade simbólica é “efeito de sentido entre locutores”, trazendo em si as marcas da articulação da língua com a história para significar”. Em outras palavras, só é possível haver sentido no termo ‘vachina’ porque há nele uma concepção ideológica que é demarcada pelo momento histórico em que se inscreve. No ano 1 da pandemia, o que notamos nesse enunciado, é que há dois sentidos, entre tantos, exposto neste excerto: um é o sentido entre a página e seu público, que comungam da mesma vertente ideológica e entendem que a vacina faz parte de um plano mirabolante para exterminar a humanidade; o outro é o de denunciar aos que não creem nessa conspiração, mostrando aos ‘incrédulos’ a coragem que possuem

de denunciar os crimes hediondos chineses.

Consideramos então que esta postagem, assim como as anteriores, carrega discursos conspiratórios de extrema-direita, e torna-se – a postagem – possível porque a CP em que se inscreve propicia esse tipo de posicionamento. Também nos faz notar que, na era atual, mesmo com todo avanço tecnológico, os discursos que se remontam ganham novos sentidos em novos espaços – no caso desta análise, a *web* – criando novas possibilidades de sentidos a discursos já conhecidos – no caso em análise, a China e seu comunismo, plano de dominação global, entre outros.

Como afirmou Orlandi (2012, p. 25), “o trabalho do analista é em grande parte o de situar (compreender) – e não apenas refletir – o gesto de interpretação do sujeito e expor seus efeitos de sentido”. Portanto, ao analisar esta postagem, consideramos que os discursos conspiratórios de extrema-direita presentes no *post* são cindidos por discursos religiosos e xenófobos, e fazem sentidos que não ficam atrelados apenas à realidade virtual, já que o Brasil enfrentou, durante esse período, uma vertente ideológica fortíssima e disposta a desinformar sob a égide da ‘verdade’ que acreditavam, verdade essa totalmente construída a partir de conspirações de todo tipo.

Notamos também que os discursos conspiratórios presentes nesta análise se baseiam no medo, medo este que é configurado dentro de um discurso religioso que é uma das FDs que fazem do Brasil uma nação. Crer que as máscaras sejam, entre tantos pontos depreciativos, a ‘marca da besta’, mostra que os discursos de extrema-direita nas redes são calcados em ideologias religiosas pentecostais, protestantes e católicos⁵⁰. E eis aí a questão do medo: cria-se um sentimento de pavor a um país que já tem, na FD brasileira, uma visão negativa a respeito.

Também nos ficou claro perceber que o discurso político se faz presente na postagem, porque a pandemia do coronavírus não é apenas uma questão de saúde. Logo, impor-se contra ações de organizações de saúde que alertaram quanto aos

⁵⁰ Por ser heterogênea em movimentos e grupos representativos, a igreja católica possui um movimento chamado Renovação Carismática Católica, conhecido também como RCC, que iniciou seus trabalhos em 1967, na Universidade de Duquesne, em Pittsburgh. O movimento chegou ao Brasil na década de 1970 e é marcado por características pentecostais, como orações em línguas estranhas e batismo no Espírito Santo. Mesmo sendo influenciado por ações pentecostais, o que diferencia este movimento de igrejas evangélicas é que, por se tratar de um grupo que se identifica como católico apostólico romano, ele se submete à igreja católica, ou seja, segue sua doutrina e não se coloca acima do que ensina o magistério da igreja (catecismo, bíblia e tradição) ou à parte, como ocorreram com todos os movimentos protestantes, desde Martinho Lutero (1483-1546), que se separaram da igreja católica para viverem conforme seus próprios dogmas.

problemas derivados da contaminação da covid-19, bem como informou a respeito das maneiras como se proteger, é uma forma política de se posicionar. Por fim, essa análise – e todas as outras da tese – nos fez refletir que os discursos conspiratórios de extrema-direita seguem firmes no Brasil e é necessário encontrar formas de dialogar com a sociedade a fim de que, caso haja novas pandemias no futuro, a confiança na ciência supere o sabor das conspirações.

CONSIDERAÇÕES

Eu aprendi que nunca somos pequenos demais para fazer a diferença.

Greta Thunberg

Ao longo da leitura da tese, foi possível perceber os atravessamentos discursivos e ideológicos em cada uma das postagens analisadas e o quão importante é a proposta dessa pesquisa, que é estimular a sociedade a refletir sobre o discurso anticientífico presente na realidade brasileira, constituindo-a não apenas nas redes, como também fora dela. Nas postagens presentes nesta tese, notamos que há conspirações quanto à pandemia fundamentadas em uma espécie de ‘verdade’, um conhecimento que estava oculto, mas fora exposto por homens e mulheres corajosos por encararem um ‘sistema’ formado por cientistas, poderosos, grandes corporações, entre outros, que tinham a intenção de manter tais verdades escondidas. Segundo Bugalho (2019), apesar de haver centenas de pesquisadores, cientistas e acadêmicos afirmando o que já é aceito historicamente (a Terra não é plana, mas esférica, por exemplo), algumas pessoas acreditam em conspiracionismos por parecerem uma ‘exceção’, tomando-os como referência e considerando que todos os cientistas estão em um ‘conluio’ contra a humanidade, escondendo ‘a verdade’. E as análises aqui propostas mostraram que esse tipo de crença foi real e atuante nas redes durante a pandemia.

A veiculação de teorias conspiratórias e de combate a verdades já consolidadas por meio de discursos compreendidos por um grupo como ‘verdadeiros’ mostra como esses discursos ganham cada vez mais adeptos no mundo todo, precisamente, pelas mídias sociais. Wallace (2020) afirma que, nos EUA, o movimento conspiratório *QAnon*, que reúne os conspiracionismos mais comuns atualmente (terraplanismo, antivacina, racismo reverso, anticientificismo, etc.) está em franco crescimento em vários continentes, e possui adeptos também no Brasil. Durante a pandemia de covid-19, o *QAnon* cresceu exponencialmente, pois a *internet* é o seu meio de veiculação. Negacionista do coronavírus, o movimento defende que Donald Trump, eleito pela segunda vez presidente dos Estados Unidos em 2024, é o escolhido por Deus para lutar contra um ‘Estado profundo’, controlado secretamente por uma elite pedófila e satanista. Esse movimento foi um dos maiores divulgadores de *fake news* durante a pandemia e, conforme noticiado pelo UOL (2020), para o FBI, esse movimento é

considerado um grupo terrorista.

Na busca por entender como o discurso anticientífico ganhou tamanha notoriedade durante o século em que o avanço tecnológico é significativo, encontramos em Dias (2018, p. 25) o seguinte: “se nos referirmos aos momentos de grande efervescência econômica e tecnológica, podemos dizer que a passagem ao século XXI trouxe grandes expectativas à humanidade de que uma nova era estava por vir”. De fato, pessoas da Geração Millenials⁵¹ – e os que vieram antes – se recordam de que pairava sobre o ar a possibilidade de um “Bug do Milênio” em computadores e caixas eletrônicos (Folha de São Paulo, 1999), na virada de 1999 para os anos 2000, e outras tantas teorias conspiratórias que abrangeram sentimentos que articularam esforços políticos “conflitantes e públicos díspares em um espaço de conjuntura nacional multivocálico” (Handing, 2016).

Durante a escrita desta tese, a rede social que serviu de análise para esta tese foi comprada pelo bilionário Elon Musk, em outubro de 2022, conforme Conger e Mac (Piauí, 2022); após a compra, o novo patrão passou a demonstrar seu posicionamento de extremista de direita. Segundo a matéria da Revista Piauí (2024), assim que a equipe de moderação percebeu que tuítes contra a vitória do Lula com conspirações nas eleições presidenciais foram retirados do ar por violarem as diretrizes da página – também como forma de não estimular as pessoas a agirem de modo semelhante ao que ocorreu nos Estados Unidos, em 06 de janeiro de 2021, quando apoiadores de Donald Trump, inconformados com a derrota do símbolo do *QAnon*, invadiram o Capitólio e causaram imenso transtorno – Musk demitiu os funcionários sob alegação de que apenas tuítes com ameaças diretas e violentas poderiam ser removidas. E, como vimos nesta tese (p. 115), em discurso durante a posse de Donald Trump em 2025, Musk fez um gesto típico nazista e, em sequência, passou a apoiar um partido alemão com características ideológicas semelhantes ao gesto executado.

Em 8 de janeiro de 2023, apoiadores do governo bolsonarista invadiram o STF, destruíram várias obras, salas e causaram transtornos em Brasília, sob alegação de que o retorno do petista ao poder era fruto de um golpe, tal qual ocorrera nos EUA. O ministro Alexandre de Moraes também passou a ser perseguido por Musk, até que, em 31 de agosto de 2024, o ministro retirou a página do ar (que passou a se chamar X em 2023), por descumprimento de ordem de Moraes. Segundo o ministro, era

⁵¹ Nascidos entre 1982 a 1994.

necessário que a empresa X tivesse um representante legal no país, como exige o Marco Civil⁵², e Musk se negava a cumprir. A página voltou a operar no Brasil apenas em 8 de outubro do mesmo ano, após Musk pagar multa e cumprir com as regulações exigidas pela soberania nacional.

A influência do bilionário de extrema-direita no Brasil é considerável, posto que detém um grande poder monetário e é dono de uma rede social da qual controla diretamente ações que favorecem esse viés ideológico. O que vemos no ecossistema *X/Twitter* é que temos pela frente um longo caminho para refletir sobre como utilizar essa rede de forma a convencer os usuários quanto às falácias anticientíficas promovidas pela extrema-direita. Será possível reverter tal situação, posto que não temos o mesmo poder aquisitivo para investir nela? Sabendo que os algoritmos são materialidades discursivas, pois são atravessados ideologicamente e são eles que nos mostram o que seguir, conseguiremos “treiná-los de forma a mostrar “neutralidade” na rede?

Entendemos que essa reflexão passa, sobretudo, pela luta de classes e isto nos fica claro quando, na posse de Trump em 2025, os donos da *Meta* (Mark Zuckerberg), *Google* (Sundar Pichai), *Apple* (Tim Cook), *Amazon* (Jeff Bezos), *TikTok* (Shou Zi Chew) e *Open AI* (Sam Altman) estiveram presentes em sua posse e tiveram nela lugar de prestígio (Globo, 2025), também com a declaração de Zuckerberg (p. 36) de que a *Meta* não fará mais checagem de fatos. E porque a realidade nas redes está com os dias contados, segundo Átila Iamarino (2025). Conforme explica, muitos *sites* já dão preferência a conteúdos artificiais, ou seja, produzido por IA, e a justificativa das *big techs* sobre isso é de que, se não ferem as regras do ecossistema em utilização, não há porque tirá-los do ar. A questão que assombra, segundo Iamarino (2025), é que já há um posicionamento dos usuários em seguir compartilhando conteúdos, mesmo cientes de que são *slops*⁵³. Logo, é extremamente

⁵² Marco Civil da *Internet* é a Lei 12.965 de 23 abr. 2014 que estabelece princípios, garantias, direitos e deveres quanto ao uso da *internet* no Brasil. Fonte: Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios. Marco Civil da *Internet*. Brasília, 2015. Disponível em: <<https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/educacao-semanal/marco-civil-da-internet#:~:text=mediante%20Ordem%20Judicial,-,A%20Lei%2012.965%2C%20de%2023%2F4%2F2014%2C%20conhecida,da%20internet%20no%20Brasil...>>. Acesso em: 28 out. 2024.

⁵³ *Slop* é um termo criado pelo programador Simon Willison após detectar um conteúdo gerado por IA (identificado pela primeira vez no ecossistema *Twitter*) cuja característica é ser criado automaticamente por modelos de linguagem de uma IA sem supervisão humana (ou seja, sua criação é autônoma). Esses conteúdos costumam ser superficiais, impessoais, contêm informações erradas, sugerem datas para eventos nunca antes marcados, entre outros. Há *slops* em formatos de memes, livros, guias de

necessário que a sociedade entenda e se conscientize sobre esse assunto, pois, conforme Chauí (2008, p. 29), “a luta de classes não é apenas o confronto armado das classes, mas está presente em todos os procedimentos institucionais, político, policiais, legais, ilegais de que a classe dominante lança mão para manter a sua dominação [...]”. Sem a reflexão sobre essa luta, atitudes como as que observamos no *Twitter* ao longo de 2020, e o que presenciamos agora, cinco anos após a pandemia, se repetirão. Há que se refletir muito sobre a ascensão da extrema-direita no Brasil e no mundo por meio das tecnologias, ascensão que segue radicalizando homens e mulheres de todas as idades, todas as classes sociais, com ou sem religião, e por redes sociais diversas.

A análise ideológica que fizemos das postagens, conforme foi pensado por Pêcheux (2014), mostra que o discurso não apenas reflete essas disputas, mas as constitui, promovendo a legitimação de certas práticas enquanto deslegitima outras, evidenciando assim que o discurso funciona como prática social e ideológica: ele não apenas descreve fatos, mas intervém na realidade, buscando validar determinadas posições e invalidar outras. A partir da AD, é possível compreender que o enunciado opera dentro de uma FD politicamente engajada, utiliza memórias discursivas preexistentes e emprega estratégias retóricas e modais para construir efeitos de verdade. Mais do que um texto informativo, trata-se de uma construção discursiva carregada de movimentações políticas e ideológicas, cuja análise crítica desvela os mecanismos que sustentam seu impacto social.

A Análise 1 (p. 45) mostrou que mesmo uma informação da OMS não foi capaz de frear os extremistas de direita na *internet*, pois “no tempo, não há somente uma série de variações nas relações entre a linguagem e a produção das verdades. Essas relações são tão complexas e suscetíveis às diferenças de perspectiva que podem ser, inclusive, diametralmente opostas” (Piovezani, Curcino, Sargentini, 2021, p. 7). A página Direita Brasil, notoriamente de extrema-direita, traçou um paralelo entre a pandemia que se iniciava e a violência no Brasil para justificar que o *lockdown* era desnecessário, mesmo que as orientações de cientistas do mundo todo fossem

viagens, etc. O *slop* é considerado uma ‘praga’ virtual e segue em franco crescimento, atravessando, cindindo e influenciando os usuários em diferentes ecossistemas digitais (GIL, Marisa Adán. O que é *slop*? Entenda o que é esse novo tipo de praga que assola a internet. Época, Negócios, Tecnologia, São Paulo, 19 mai. 2024.). Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/tecnologia/noticia/2024/05/o-que-e-slop-entenda-o-que-e-esse-novo-tipo-de-spam-que-assola-a-internet.ghtml>>. Acesso em: 20 jan. 2025.

contrárias. A condição de produção era favorável à postagem, afinal, o próprio presidente à época apoiava que os brasileiros seguissem a vida normalmente, pois era apenas “uma gripezinha”, segundo palavras dele nas redes sociais. Ficou-nos claro, durante a análise dessa postagem, que havia, por parte do governo brasileiro, uma agenda de não enfrentamento da pandemia, e que tinha em seus apoiadores no *Twitter* postagens que repercutiam esse posicionamento.

Durante o período em que a postagem da Análise 2 foi realizada (p. 55), o Brasil perdia naquele dia mais de 2 mil compatriotas; no entanto, a estratégia da postagem na rede era outra. Já que não havia a possibilidade de ir contra o *lockdown*, pois os governadores e prefeitos assumiram as rédeas da situação frente ao desprezo de Bolsonaro com a situação pandêmica, os extremistas de direita passaram a postar conspirações quanto à origem do vírus, gerando nos usuários a possibilidade de que a covid-19 fazia parte de um projeto de destruição em massa, próprio de um Globalismo, teoria conspiratória que tem força no Brasil e que, segundo explicou Demuru (2024, p. 25-26), é “um projeto que pretende “destruir a nação” para favorecer os interesses políticos de uma elite transnacional ou pós-nacional, para acorrentar o pensamento humano e privar o homem da liberdade e do senso de propósito”. A postagem – que foi adaptada de uma publicação chinesa – trazia o discurso xenofóbico contra a China, pois há na FD brasileira a construção de que o comunismo chinês dominará o mundo; portanto, postagens desse tipo podem conter a intenção de “fazer o público agir em uma determinada direção ou suscitar determinado comportamento” (Charaudeau, 2022, p. 94), ou seja, opor-se à ciência por meio da xenofobia e do aceite das conspirações de todo tipo. Segundo Lynch e Cassimiro (2022, p. 96), “o argumento anticomunista está sustentado, sobretudo, em um recurso teórico de pouca capacidade analítica, mas de grande força persuasiva [...]”. Em outras palavras, essa postagem ganha força nas redes porque, na FD brasileira, o discurso contra a China e o comunismo chinês está bem constituído, gerando efeitos de sentido a cada nova realidade histórica que se apresenta – no caso desta análise, a pandemia.

Segundo Dias (2018), o ato de postar tem a ver, para a AD, com a ideia de circulação, estando – o postar – entre a oralidade e a escrita. Ainda segundo Dias (2018), o postar é uma subjetivação digital e ter esta compreensão importa no processo analítico, a fim de criar novas interrogações quanto aos efeitos de discursividade criados no digital. Mas não é suficiente entender a subjetivação

olhando apenas para o digital: é necessário enxergar os atravessamentos discursivos nas redes sociais. Foi o que percebemos na postagem da Análise 3 (p. 82), que utilizou Bolsonaro para defender e divulgar o kit-covid, comprovadamente ineficaz no combate ao coronavírus, mostrando que a página Direita do Brasil é atravessada por uma FI de extrema-direita. No entanto, o uso da imagem de Bolsonaro é valer-se de um discurso de autoridade, posto que o ex-presidente é (e era, enquanto presidente, durante a pandemia) um posicionamento discursivo, um efeito de sentido. Segundo Rocha (2023, p. 144-145),

O bolsonarismo, associado ao ensino de Olavo de Carvalho, consiste num sistema de crenças com alto nível de coesão interna [...] a produção de estimulações contraditórias é uma das técnicas mais eficientes na criação de fidelidade canina de fiéis de uma seita a seu guru ou de militantes de uma causa política a seu líder.

Assim, na pessoa de Bolsonaro, nesta postagem, encontramos a materialidade discursiva da extrema-direita brasileira que é anticientífica, autoritária e arbitrária. A postagem, que trouxe o ex-presidente sorrindo enquanto segurava um remédio impróprio para o tratamento da doença, também conferia aos seguidores uma afirmação científica partindo do próprio Bolsonaro. É como se ele soubesse o que de fato era preciso para encerrar a pandemia. E tudo isso construído numa visão conspiratória da China, retomando a xenofobia e o discurso anticomunista como argumento. A maneira como a postagem se encerra pedindo a Bolsonaro que lute pelo povo traz em cena o papel do herói, do salvador, do messias, do homem forte, características muito comuns dentro desse viés ideológico, que é interpelado pelo discurso religioso.

Na Análise 4 (p. 101), percebemos que a estratégia não estava mais em duelar contra um inimigo distante, sem rosto. O inimigo agora era próximo e tinha nome: João Doria. Como dissemos nesta tese, os governadores e prefeitos do país tiveram que assumir a condução da pandemia em suas regiões, porque foram abandonados pelo presidente. João Doria, que governava o estado de São Paulo, transformou-se no rosto da luta política contra o anticientificismo brasileiro. Essa atitude foi o suficiente para que se tornasse um inimigo, pois “o bolsonarismo é o primeiro movimento de massas da política brasileira cujo eixo é uma incitação permanente ao ódio como forma de ação” (Rocha, 2023, p. 135). A razão encontrada para transformá-lo no inimigo do povo foi a “violação” da liberdade do indivíduo, porque, em um governo

populista, como foi o de Bolsonaro, a polarização é uma estratégia corriqueira, já que é preciso haver um inimigo a combater. Segundo Prado (2021, p. 256),

Em comum, os populistas – por mais díspares que sejam em suas ideologias – operam a “política do medo”, criando bodes expiatórios, polarizando a sociedade, alimentando ressentimentos e instrumentalizando as reações para concentrar poder e solapar democracias representativas, constitucionais (democracias liberais), propondo uma democracia direta na qual o líder é o messias, o salvador, o representante do “povo verdadeiro”, o “povo virtuoso” que foi esquecido pelas elites.

Assim, o populismo de extrema-direita hoje, que é fortalecido nas redes, não se importa com a construção dos fatos pautados na realidade, mas sim na polarização da sociedade. Para a AD, esta questão é ideológica, pois se vê que são ações que partem de um posicionamento político-discursivo, e que deve ainda seguir acontecendo, já que a vitória de Trump em uma potência mundial, como são os EUA, é pautada em características populistas de extrema direita.

A página Senso Incomum postou uma notícia sobre a China, valendo-se novamente da xenofobia – em um não dito – traçando, dessa forma, um paralelo entre Doria e China, ao tocar no assunto liberdade quanto à obrigatoriedade da vacina, mesmo que este assunto já tivesse, historicamente, sido superado e criado, nos cidadãos brasileiros, a cultura da importância vacinal. Mas, nos tempos atuais, esse assunto já não é mais um consenso. O número de brasileiros que não confiam na ciência e nas vacinas é grande. O extremismo de direita presente no bolsonarismo “trouxe” à cena uma FD que constituiu o brasileiro: o anticientificismo. Essa análise nos levou a refletir que ainda importa não apenas compreender como esse discurso de extrema-direita age, e sim como agir para resgatar a importância da confiança na ciência, pois “a ciência não produz verdades, ela apenas tende para a verdade” (Charaudeau, 2022, p. 40).

Já na Análise 5 (p. 116), percebemos que os discursos conspiratórios de extrema-direita presentes no *post* apresentam discursos religiosos e xenófobos, algo comum no ecossistema em que as postagens foram analisadas, e são baseados em uma premissa de ‘verdade’ erigida a partir de conspirações que fundamentam essa corrente ideológica. Além da xenofobia e da religiosidade, encontramos nesse *post* discursos conspiratórios que reforçam a ideia de medo, remetendo especialmente ao discurso apocalíptico da ‘marca da besta’, criando um sentimento de pavor na

população. E todos esses discursos se fazem presentes porque têm em si a presença do discurso político, evidenciando que a pandemia não foi apenas uma questão de saúde, mas sobretudo de política. Foi um ato político, um posicionamento político-discursivo, por parte do governo federal à época, bem como de todas as páginas aqui analisadas, colocarem-se contra as orientações das organizações mundiais de saúde para o enfrentamento do coronavírus conforme a ciência.

A expressão "estimulada pelo presidente à época", muito utilizada na escrita desta tese, remete a práticas discursivas já conhecidas de negação científica e defesa de políticas controversas. A AD permite analisar como esses sentidos anteriores são retomados e reconfigurados: no enunciado, eles são inseridos em uma narrativa que busca estabelecer uma cadeia de causalidade entre ações políticas e os impactos negativos na gestão da crise sanitária. Há certas construções discursivas que não são meramente descritivas, mas profundamente argumentativas e orientadas para criarem um impacto político.

Apesar de uma análise de cinco postagens não ser suficiente para definir todo um ecossistema como o *Twitter*, fica-nos claro por meio deles de que há, nesse espectro ideológico dentro deste ambiente digital, um atravessamento discursivo conservador que não é homogêneo: há nele reacionarismo, ativismo, conspiração. Mas há também nessa cena discursiva um silenciamento do que poderíamos chamar de "pares" desse discurso, que foram os que se posicionaram à direita, não essa extremista, mas a moderada. Durante a pandemia – e também em nossa análise –, o que notamos foi um posicionamento discursivo deste grupo de omissão; pouquíssimos – e aqui nos lembramos de Reinaldo Azevedo, jornalista de direita e feroz antipetista que se posicionou contra Bolsonaro, especialmente durante a pandemia – foram os que tiveram coragem de se posicionar contra o que acontecia. E isso se explica no fato de que a polarização era (e ainda é!) muito demarcada no debate brasileiro. As redes sociais, apesar de facilitarem a comunicação, contribuíram para uma realidade avessa ao diálogo. Portanto, não foi difícil perceber, no Brasil e no mundo, governos extremistas de direita que se colocaram contra a ciência. Essa postura resultou no que vivenciamos até aqui.

As *fake news* foram peças importantes no processo de desvalorização da ciência no Brasil. Os discursos conspiratórios que acenavam para a ideia de Globalismo repercutiram os mais diferentes discursos anticiência, como terraplanismo e antivacina. Mesmo que haja na esquerda um anticientificismo presente, porque

todos somos propícios a crer em conspirações, o que a extrema-direita tem feito no mundo, e afetado o Brasil, é uma estratégia muito bem orquestrada, pois as condições de produção têm propiciado esse tipo de posicionamento discursivo. Por isso, faz-se necessário encontrar soluções para que o futuro seja calcado naquilo que disse Charaudeau (2022, p. 40) sobre “tender à verdade”. É necessário que não apenas a academia, mas toda a sociedade civil, em todas as suas esferas, reflita e aja em favor da verdade antes que se torne irreversível. É imprescindível que criadores de conteúdos em diferentes ecossistemas passem a produzir seus materiais baseados nesses valores com uma linguagem acessível à população e que os órgãos competentes sigam lutando para que a imposição das *big techs* sejam barradas a ponto de que o debate seja feito de modo justo, sem influências financeiras e ideológicas.

O avanço tecnológico – e, com ele, as formas de interlocução – não é sinônimo de um alargamento de saber, se pensarmos no saber pelo viés científico. Porque não podemos desconsiderar toda produção de conhecimento que a *internet* nos trouxe, mas devemos compreender que a tecnologia é uma produção discursiva, portanto clivada ideologicamente. Há nos algoritmos, nas formas como as páginas em redes sociais são construídas, na maneira como somos levados a consumir esse ou aquele conteúdo nas redes, ideologia. Assim, as redes são materializações discursivas e, no contexto pandêmico aqui analisado, a *web* está enviesada ao extremismo de direita, posicionada contra a ciência, propensa à conspiração. Se “estamos diante de um mundo “virtual” de limites impensáveis, um mundo in-localizável, mas acessível de qualquer lugar, que absorve uma parte crescente das atividades discursivas e se infiltra progressivamente em todas elas” (Maingueneau, 2015, p. 148), então importa, enquanto analistas de discurso, olharmos para a *internet* como uma materialização que está, a cada dia, avançando e priorizando discursos anticiência que, a longo prazo, podem causar danos catastróficos à sociedade, talvez nem podendo revertê-los a tempo.

O que essa análise também nos sinalizou é que existe a possibilidade de nunca vencermos as teorias conspiratórias, pois elas fazem parte e constituem o indivíduo. Como vimos nessa tese, a mente humana precisa de uma saída rápida àquilo que desconhece, necessita criar uma significação, um sentido ao desconhecido, e isso é terreno fértil para conspirações. Nesse “espaço de incerteza, de dúvida, de sentidos desdobrados” (Orlandi, 2012, p. 133) em que vivemos durante a pandemia, as teorias

de conspiração ganharam ainda mais espaço no cotidiano do brasileiro, e o avanço dos *slops* produzidos por IA geram ainda mais preocupações quanto à noção de verdade, de realidade, e do quanto isso pode interferir em situações reais do cotidiano, como eleições ou o enfrentamento de uma nova pandemia. Mesmo aqueles que creem na ciência sucumbiram a uma ou outra conspiração, mostrando-nos que “desconstruir narrativas dominantes é fundamental, mas igualmente importante é ocupar o debate público com pautas próprias, e fazê-lo de maneira cativante” (Demuru, 2024, p. 103). Ou seja, é importante que o progressismo – e aqui incluímos sobretudo o meio acadêmico – saiba falar uma linguagem que atinja e clive os sujeitos nas redes. Os discursos progressista, acadêmico e científico precisam falar ao povo, com o povo. Hoje, as redes sociais têm sido um meio de consulta a qualquer assunto – desde a confecção de um bolo a de um artigo científico. A extrema-direita tem dominado as redes porque é pioneira neste ambiente, possui representantes em todas as frentes (moda, cinema, literatura, política, entre outros) e a esquerda ainda não compreendeu que o cenário atual é de comunicação distribuída, e não mais de uma comunicação de massa, conforme Machado (2023).

Por isso a AD se mostra tão importante para a análise discursiva e ideológica deste tempo: porque é impossível desvencilhar o homem da história e da ideologia. E a história nos mostra que o anticientificismo brasileiro no ecossistema *Twitter* durante a pandemia não foi insignificante. Segundo Pedro Hallal, epidemiologista e pesquisador da Universidade Federal de Pelotas, quatro em cada cinco brasileiros que morreram da covid-19 poderiam ter sido tratados, caso a postura do governo Bolsonaro tivesse sido diferente (Agência Senado, 2021). Ou seja, 400 mil das mais de 500 mil vítimas fatais da covid-19 no Brasil poderiam estar vivas. A fatalidade do discurso anticientífico não estende apenas à *web*; ela se faz presente na vida real, no dia a dia de todos nós.

Também não podemos perder de vista que o bolsonarismo segue firme na cultura brasileira. Apesar de Bolsonaro estar inelegível por oito anos, após o Plenário do Tribunal Superior Eleitoral (TSE, 2023) declarar sua inelegibilidade por abuso de poder político e uso indevido dos meios de comunicação por reunião convocada com embaixadores, o político segue influente nas redes sociais e chegou a dizer que voltará às eleições presidenciais em 2026, porque só ele tem chances reais de vencer (Valor Econômico, 2024). O partido do qual Bolsonaro era filiado, o PL (Partido Liberal), conquistou o maior número de cadeiras na Câmara dos Deputados em 2022

(G1, 2022) e também foi a maioria no Senado (CNN Brasil, 2022). Nas eleições municipais de 2024, segundo a BBC News Brasil (2024), os vieses políticos vencedores foram o centrão, a direita e a centro-direita. Em São Paulo, maior capital brasileira, Ricardo Nunes, do MDB (Movimento Democrático Brasileiro), foi eleito prefeito no segundo turno das eleições municipais, em 2024, tendo como apoio Tarcísio de Freiras, governador do estado e bolsonarista, e do próprio Jair Messias Bolsonaro em suas redes. Portanto, não podemos ignorar o fato de que a política brasileira é clivada pelo reacionarismo se quisermos falar com os cidadãos que decidem o rumo do país pelo voto. Eles também estão buscando por quem os represente nas redes sociais, logo, é imprescindível que encontremos uma forma de nos comunicarmos com eles, apresentarmos a verdade científica de forma a colaborar com a reflexão e mudança de rota para as próximas eleições.

Porém precisamos nos convencer de que a pandemia de coronavírus é a primeira de muitas que poderemos viver ainda neste século em curto ou médio prazo, segundo o médico infectologista e diretor do Instituto Butantan, Esper Kallás (Biblioteca Virtual em Saúde, 2023), e combater a desinformação agora importa, sobretudo com o avanço da IA e com os posicionamentos dos donos dos ecossistemas que mais influenciam os usuários da rede a não checarem mais informações. É urgente que encontremos um modo cativante e assertivo de falar com a massa nas redes e convencê-las de olhar os fatos de modo científico, apelando à razão. Mas é igualmente importante que as sociedades acadêmicas e civil – e todos que comungam de uma visão de modo baseada na realidade, na comprovação dos fatos, na metodologia científica – cobrem os representantes políticos. É necessário colocá-los em seus devidos lugares: o de representantes do povo, não heróis de uma dissonância de realidade pautada em teorias conspiratórias. É preciso resgatar a realidade nesse mundo de pós-verdade, sobretudo em nosso país. Apenas saber que as teorias conspiratórias estão consolidadas nas redes não é o essencial; é sim o primeiro passo, mas não podemos parar aí. O movimento *QAnon* segue disseminando inverdades e clivando sujeitos em todo o globo. Precisamos agir para construir uma nova e elaborada forma de pensar, utilizando a *internet* como um meio de ação.

Essa é a maior razão de ser desta tese: levar a reflexão não apenas do que houve, mas do que podemos fazer pelo nosso futuro. Afinal, todos nós perdemos alguém durante a pandemia de coronavírus no Brasil. Conhecemos ao menos uma pessoa que acreditou em grande parte das teorias conspiratórias disseminadas nesse

período. Vimos entes queridos se radicalizarem. Portanto, só uma análise acadêmica, que pode cair no esquecimento, não é o bastante: importa agir. A pesquisa de uma tese é deveras significativa, mas só terá relevância se atingir os cidadãos que estão presos ao senso comum, que é “conservador e pode legitimar prepotências, mas interpenetrado pelo conhecimento científico pode estar na origem de uma nova racionalidade. Uma racionalidade feita de racionalidades” (Santos, 2010, p. 90). Que o olhar lançado às *fake news*, às teorias conspiratórias e às articulações de extrema-direita nas redes ao longo dessa tese não fique apenas aqui, e sim alcance todo brasileiro que por essas inferências pode ser afetado.

O que profundamente desejamos é que a nossa saída dessa era de pós-verdade seja semelhante à forma como saímos de 2020: sobreviventes e cheios de esperança. Avante!

REFERÊNCIAS

ABREU, Sérgio França Adorno de. **A gestão urbana do medo e da insegurança: violência, crime e justiça penal na sociedade brasileira contemporânea.** Tese (Concurso de Livre-Docência em Ciências Humanas) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1996; p. 282.

AGÊNCIA BRASIL. **Trump é condenado mas não vai cumprir pena no caso Stormy.** Daniels. 10 jan. 2025. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2025-01/trump-e-condenado-mas-nao-vai-cumprir-pena-no-caso-stormy-daniels>>. Acesso em: 15 jan. 2025.

AGÊNCIA DA HORA. **Top 5 Fake News mais absurdas sobre a vacina.** Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil, 11 nov. 2021. Disponível em: <<https://www.ufsm.br/midias/experimental/agencia-da-hora/2021/11/11/top-5-fake-news-mais-absurdas-sobre-a-vacina>>. Acesso em: 10 set. 2024.

AGÊNCIA FAPESP. “Novas pandemias poderão ocorrer em breve e precisamos estar preparados”, diz diretor do Butantan. In: **BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE**, 2023. Disponível em: <<https://bvsm.s.saude.gov.br/novas-pandemias-poderao-ocorrer-em-breve-e-precisamos-estar-preparados-diz-diretor-do-butantan/>>. Acesso em: 30 out. 2024.

AGÊNCIA O GLOBO. **Governadores isolam Bolsonaro e articulam ações para conter a pandemia.** Exame, 7 mar. 2021. Disponível em: <<https://exame.com/brasil/governadores-isolam-bolsonaro-e-articulam-acoes-para-conter-pandemia/>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

AGÊNCIA SENADO. **Pesquisa apontam que milhares de mortes por covid poderiam ter sido evitadas no Brasil.** Senado Notícias, 26 jun. 2021. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/06/24/pesquisas-apontam-que-milhares-de-mortes-por-covid-poderiam-ter-sido-evitadas-no-brasil>>. Acesso em: 25 set. 2023.

AGÊNCIA SENADO. **‘Sobram estudos mostrando que o kit-covid não funciona’, diz Natalia Pasternak à CPI.** Brasília, 11 jun. 2021. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/06/11/sobram-estudos-mostrando-que-kit-covid-nao-funciona-diz-natalia-pasternak-a-cpi>>. Acesso em: 23 mai. 2023.

AGÊNCIA SENADO. **Médicos defendem ‘tratamento precoce’ e cloroquina na CPI da Pandemia.** Senado Notícias, 18 jun. 2021. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/06/18/medicos-defendem-tratamento-precoce-e-cloroquina-na-cpi-da-pandemia>>. Acesso em: 4 out. 2023.

AGÊNCIA SENADO. Pesquisas mostram que 400 mil mortes poderiam ser evitadas; governistas questionam. **Senado Notícias**, 24 jun. 2021. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/06/24/pesquisas-apontam-que-400-mil-mortes-poderiam-ser-evitadas-governistas-questionam>>. Acesso em: 25 out. 2024.

ALBUQUERQUE, Dominic. Por que a China é a “fábrica do mundo”? **SoCientífica**, Economia, 03 nov. 2022. Disponível em: <<https://socientifica.com.br/por-que-a-china>>

e-a-fabrica-do-mundo/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

ALECRIM, Giulia. Uso de máscara deixa de ser obrigatório em todos os estados brasileiros. CNN Brasil, 08 abr. 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/uso-de-mascara-deixa-de-ser-obrigatorio-em-todos-os-estados-brasileiros/>>. Acesso em: 29 set. 2024.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos do Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos do estado (AIE). 2. ed. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro: Introdução crítica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

ALVES, Pedro Henrique. **Ser conservador não é para moleques**. Burke Instituto Conservador, 16 jul. 2019. Disponível em: <<https://www.burkeinstituto.com/blog/conservadorismo/ser-conservador-nao-e-para-moleques/>>. Acesso em: 12 jan. 2023.

AMARAL, Virgínia Borges. O marxismo inconcluso da Análise de Discurso: um legado de Michel Pêcheux. **Signo y Seña**, número 24, diciembre de 2013, pp.105-121. Facultad de Filosofía y Letras (UBA). ISSN 2314-2189. Disponível em: <<http://revistas.filo.uba.ar/index.php/sys/index>>. Acesso em: 15 jan. 2025.

AMORIM, Elza. **Máscara, Sinal da Besta**. Pra. Elza Amorim, *blog*, 17 ago. 2020. Disponível em: <<https://praelzaamorimcarvalho.blogspot.com/2020/08/mascara-sinal-da-besta.html>>. Acesso em: 04 nov. 2020.

ANDRADE, Hanrrikson de. **Bolsonaro ataca quarentena**: “Não está difícil saber o que nos espera.” UOL, Política, 19 abr. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/04/19/bolsonaro-ataca-quarentena-nao-esta-dificil-saber-o-que-nos-espera.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

ARTAXO, Paulo. A quem interessa atacar a ciência? E por quê? **Jornal da USP**. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/artigos/a-quem-interessa-atacar-a-ciencia-e-por-que/>>. Acesso em: 16 set. 2019.

ASCOM. **Organização Mundial de Saúde declara pandemia do novo Coronavírus**. UNA-SUS, 11 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

AULETE DIGITAL. **Aliado**. Disponível em: <<https://www.aulete.com.br/aliado>>. Acesso em: 06 nov. 2024.

BARCELOS, Thainá do Nascimento de.; MUNIZ Luíza Nepomuceno.; DANTAS Deborah Marinho.; COTRIM JUNIOR Dorival Fagundes.; CAVALCANTE João Roberto.; FAERSTEIN Eduardo. **Análise de fake news veiculadas durante a pandemia de COVID-19 no Brasil**. Rev Panam Salud Publica. 2021;45:e65. Disponível em: <<https://doi.org/10.26633/RPSP.2021.65>>. Acesso em: 24 mai. 2023.

BARIFOUSE, Rafael. **Esperar imunidade de rebanho ‘é absurdo e antiético’**, diz líder de estudo que investiga quantos tiveram Covid-19 no Brasil. G1, 20 jul. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/07/20/esperar-imunidade-de-rebanho-e-absurdo-e-antietico-diz-lider-de-estudo-que-investiga-quantos-tiveram-covid-19-no-brasil.ghtml>>. Acesso em: 05 jan. 2025.

BARNABÉ, Thiago Abdala.; MELO, Yor Lebrank de.; GARCIA, Guilherme Fernandes.;

FORMIGA, Dayana de Oliveira. **A crescente da extrema direita no cenário político mundial**: um estudo do bolsonarismo. Manduarisawa – Revista Discente do Curso de História da UFAM, volume 7, ano 1, 2023. P. 279-302. Disponível em: <<https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/manduarisawa/article/view/12446>>. Acesso em: 20 out. 2023.

BARROS, Filipe. **China prende 17 mil pessoas em Aeroporto de Xangai**. FACEBOOK, 23 nov. 2020. Disponível em: <<https://www.facebook.com/filipebarrosocial/videos/china-prende-17-mil-pessoas-em-aeroporto-de-xangai/1027872891048764/>>. Acesso em: 28 ago. 2024.

BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**: ensaios sobre fotografia, cinema, teatro e música. Nova Fronteira, Rio de Janeiro – RJ, 1990.

BASSETS, Marc.; MIGUEL, Rafa de.; CARBAJOSA, Ana. França e Reino Unido lideram endurecimento do tom europeu com a China. **El País**, 21 abr. 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/internacional/2020-04-21/franca-e-reino-unido-lideram-endurecimento-do-tom-europeu-com-a-china.html>>. Acesso em: 22 mai. 2023.

BAUMAN, Zygmunt. Tempos Líquidos. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Zahar, 2007.

BBC NEWS BRASIL. **Origem do coronavírus**: China reage a anúncio de que EUA investigará teoria de vazamento de laboratório em Wuhan. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57277616>>. Acesso em: 23 mai. 2023.

BBC NEWS BRASIL. **Os grandes vencedores (e os perdedores) das eleições municipais**. São Paulo, 27 out. 2024. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cx2ll19549ro>>. Acesso em: 30 out. 2024.

BBC NEWS BRASIL. Por que a economia chinesa deve passar a dos EUA em 2028, 5 anos antes do previsto. **BBC News**, Mundo, 1 jan. 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55496970#:~:text=A%20China%20vai%20desbancar%20os,%2C%20na%20sigla%20em%20ingl%C3%AAs>>. Acesso em: 20 mai. 2023.

BEAUREPAIRE, Luiz Guilherme de. **Rinoceronte**. Bons Livros pra Ler, 19 mai. 2021. Disponível em: <<https://www.bonslivrosparaler.com.br/livros/resenhas/rinoceronte/5373>>. Acesso em: 4 ago. 2023.

BEZERRA, Lucas Sandrini.; GIBERTONI, Daniela. **As mídias sociais durante a pandemia do covid-19**: análise comportamental do usuário durante este período e possibilidades para o futuro. Interface Tecnológica, v.18, n.2, 2021. Disponível em: <<https://revista.fatectq.edu.br/interfacetecnologica/article/view/1239/676>>. Acesso em: 25 ago. 2024.

BORTOLON, Bianca.; RUDNITZKI, Ethel.; BARBOSA, João.; MANGABEIRA, Milena. **De ‘vachina’ a ‘picada da serpente’, conheça o vocabulário que foi usado para desinformar em 2021**. Aos Fatos, São Paulo, 23 dez. 2021. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/de-vachina-a-picada-da-serpente-conheca-o-vocabulario-que-foi-usado-para-desinformar-em-2021/>>. Acesso em: 10 dez. 2024.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise de discurso**. 3ª ed.

rev. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

BRASIL DE FATO. **Leia a íntegra do relatório final da CPI da Pandemia apresentado por Renan Calheiros no Senado.** Brasília, 20 out. 2021. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/10/20/leia-a-integra-do-relatorio-final-da-cpi-da-pandemia-apresentado-por-renan-calheiros-no-senado>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

BRASIL DE FATO. **Quem é Daniel Silveira, o deputado bolsonarista preso após ameaças no STF.** BdF, São Paulo, 17 fev. 2021. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/02/17/quem-e-daniel-silveira-o-deputado-bolsonarista-preso-apos-ameacas-ao-stf>>. Acesso em: 30 out. 2024.

BRASIL. Presidência da República. Lei Nº 13.979. Dispõe sobre as medidas de enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. **Diário Oficial da União:** seção 1, Brasília, DF, 07 fev. 2020, P.1. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2020/lei-13979-6-fevereiro-2020-789744-publicacaooriginal-159954-pl.html>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

BRAUN, Daniela. **Potência da Inteligência Artificial será vista nas eleições de 2026,** diz diretor da FGV. Valor, São Paulo, 06 out. 2024. Disponível em? <<https://valor.globo.com/politica/eleicoes-2024/noticia/2024/10/06/potencia-da-inteligencia-artificial-sera-vista-nas-eleicoes-de-2026-diz-diretor-da-fgv.ghtml>>. Acesso em: 20 jan. 2025.

BRITO, Allan.; PEREIRA, Felipe.; BRAGANÇA, RAFAEL. **Dória diz que vacina contra covid-19 será obrigatória em SP se for aprovada.** UOL Notícias, Brasil, 16 out. 2020. disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/10/16/doria-diz-que-vacina-contracovid-19-sera-obrigatoria-em-sp-se-for-aprovada.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2024.

BRITO, José.; LAGO, Cecília do. **Governo contradiz lei sancionada por Jair Bolsonaro que obriga vacinação.** CNN Brasil, São Paulo, Brasil, 01 set. 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/governo-contradiz-lei-sancionada-por-jair-bolsonaro-que-obriga-vacinacao/>>. Acesso em: 31 ago. 2024.

BRUZZONE, Andrés. **Ciberpopulismo:** política e democracia no mundo digital. São Paulo, Contexto, 2021.

BUGALHO, Henry. **Fantástico desmonta terraplanista/ o homem pisou na lua?** *YouTube*. 18 set. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_ssiJ-j2kCY>. Acesso em: 18 set. 2020.

BUNGE, Mário. “Hoje em dia, a ciência assusta tanto a esquerda quanto a direita”, afirma o filósofo Mário Bunge. **Instituto Humanitas Unisinos.** Entrevista concedida a Jonas. Brasil. 05 mai. 2014. Disponível em: < <http://www.ihu.unisinos.br/170-noticias/noticias-2014/530937-hoje-em-dia-a-ciencia-assusta-tanto-a-esquerda-como-a-direita-afirma-o-filosofo-mario-bunge> >. Acesso em: 4 set. 2018.

BYFORD, Jovan. Como identificar uma teoria da conspiração. **Época Negócios.** 09 ago. 2019. Entrevista concedida à BBC. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Vida/noticia/2019/08/como-identificar-uma-teoria-da-conspiracao.html> >. Acesso em: 25 ago. 2019.

CALLIGARIS, Contardo. As redes sociais são o fim da moralidade moderna. **Instituto**

Humanitas Unisinos, 2017. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/574452-as-redes-sociais-sao-o-fim-da-moralidade-moderna>>. Acesso em: 12 set. 2019.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Década de 80: as Diretas -Já**. Política e Administração Pública. Brasília, 5 ago. 2010. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/90151-decada-de-80-as-diretas-ja/>>. Acesso em: 21 out. 2024.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Lei que obriga o uso de máscaras em todo o País é sancionada com 17 vetos**. Câmara, Saúde, 03 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/673471-lei-que-obriga-o-uso-de-mascaras-em-todo-o-pais-e-sancionada-com-17-vetos/#:~:text=Entrou%20em%20vigor%20nesta%20sexta,locais%20privados%20acess%C3%ADveis%20ao%20p%C3%ABlico>>. Acesso em: 01 nov. 2024.

CARBINATTO, Bruno. Centenas de pessoas morreram por causa de *fake news* sobre Covid-19, diz estudo. **Superinteressante**, 17 ago. 2021. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/saude/centenas-de-pessoas-morreram-por-cao-de-fake-news-sobre-covid-19-diz-estudo>>. Acesso em: 23 set. 2023.

CARVALHO, Evandro Menezes de. **O uso político da pandemia e a crise diplomática com a China**. In: Pandemias e Pandemônio no Brasil. Organizadores: Cristiane Brandão Augusto; Rogerio Dutra dos Santos. 1. ed. São Paulo: Tirant lo Blanch, 2020, p. 36-44. Disponível em: <<https://www.emporiododireito.com.br/uploads/livros/pdf/1589821753.pdf#page=36>>. Acesso em: 24 abr. 2024.

CASTRO NETTO, David A.; PEREIRA, Márcio J. **A crise da democracia liberal e as jornadas de junho de 2013**. Faces da História, Assis/SP, v.10, n.2, p. 39-60, jul./dez., 2023. Disponível em: <<https://seer.assis.unesp.br/index.php/facesdahistoria/article/view/2592/2132>>. Acesso em: 29 ago. 2024.

CENTAMORI, Vanessa. Pesquisa afirma que 16,5% dos brasileiros não confiam em vacinas. **Galileu**, 2019. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Saude/noticia/2019/06/pesquisa-afirma-que-165-dos-pais-brasileiros-nao-confiam-em-vacinas.html>>. Acesso em: 12 set. 2019.

CHARAUDEAU, Patrick. **A manipulação da verdade: do triunfo da negação às sombras da pós-verdade**. Tradução de Dóris de Arruda C. da Cunha, André Luís de Araújo. São Paulo: Contexto, 2022.

CHARAUDEAU, Patrick. **Dicionário de Análise de Discurso**. Patrick Charaudeau, Dominique Maingueneau; coordenação da tradução Fabiana Komesu. 3.ed. – São Paulo: Contexto, 2012.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. Tradução: Angela M. S. Corrêa & Ida Lúcia Machado. 2º ed., 3ª reimpressão – São Paulo – SP; Contexto, 2016.

CHAUI, Marilena. **Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles**, volume 1/Marilena Chaui – 2 ed., ver. e ampl. – São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia?** Coleção Primeiros Passos, 13, 2 ed. São Paulo, Brasiliense, 2008.

CHEUNG, Toki. “Exporte o vírus, toda a área está com raiva.” **Twitter**, China, 19 mar. 2020. Disponível em: <<https://twitter.com/CheungToki/status/1240531239691403265>>. Acesso em: 01 abr. 2023.

CHIODI, Alexsander Dugno; BERNARDI, Ana Julia Bonzanini. **A ameaça antidemocrática como instrumento de barganha no Governo Jair Bolsonaro (2019-2021)**. Revista Uruguaya de Ciencia Política 32. Disponível em: <<http://www.scielo.edu.uy/pdf/rucp/v32n1/1688-499X-rucp-32-01-129.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2023.

CONGER, Kate.; MAC, Ryan. Elon Musk abre as portas do X à extrema direita. **Revista Piauí**, 13 set. 2024. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/elon-musk-abre-as-portas-do-x-a-extrema-direita/>>. Acesso em: 15 out. 2024.

CRUZ, Karen Dayse Vieira da Cruz. **Lockdown e seus impactos na sociedade e na economia**. JusBrasil, Brasília, 2020. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/artigos/lockdown-e-seus-impactos-na-sociedade-e-na-economia/844481491>>. Acesso em: 05 jan. 2025.

CUNHA, Celso.; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 2016.

CURVELO, Rakky. O que é o *Twitter* e como ele funciona? **Hubspot**, 16 mar. 2023. Disponível em: <<https://br.hubspot.com/blog/marketing/o-que-e-twitter#:~:text=Como%20o%20Twitter%20funciona%3F,ou%20v%C3%ADdeos%20no%20seu%20tweet>>. Acesso em: 20 out. 2024.

DE ANGELIS, Andrea.; JOSÉ, Silvonei. Irã desafia pandemia e sanções. **Vatican News**, Mundo, mar. 2020. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/mundo/news/2020-03/ira-desafia-pandemia-e-sancoes.html>>. Acesso em: 2 mai. 2023.

DEMURU, Paolo. Políticas do encanto: extrema direita e fantasias de conspiração. São Paulo, Editora Elefante, 2024.

DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital**: sujeito, espaço, memória, arquivo. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

DUARTE, Daniel Elder; BENETTI, Pedro Rolo. **Pela Ciência, contra os cientistas?** Negacionismo e as disputas em torno das políticas de saúde durante a pandemia. Sociologias, Porto Alegre, ano 24, n. 60, mai-ago 2022, p. 98-138. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/soc/a/CJmdspZCg7KyFc47gKjcxx/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 20 out. 2023.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Revisão técnica da tradução Eduardo Guimarães. – Campinas, SP: Pontes, 1987.

DW. O apoio chinês para a Itália. **DW Made for minds**, 20 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/o-apoio-da-china-para-a-it%C3%A1lia-na-crise-do-coronav%C3%ADrus/a-52864362>>. Acesso em: 15 mai. 2023.

ENCINAS, Guilherme. **A Psicologia das Cores**: entendendo como as cores influenciam nossas vidas e nossas decisões. Os Criativos, Brasil, 2024. Disponível em: <<https://encinas.me/wp-content/uploads/2017/03/ebook-psicologia-das>>

cores.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2024.

ESTADÃO CONTEÚDO. Agência dos EUA agora avalia que pandemia surgiu de vazamento em laboratório. **CNN Brasil**, 26 fev. 2023; atualizado em 27 mar. 2023. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/agencia-dos-eua-agora-avalia-que-pandemia-surgiu-de-vazamento-em-laboratorio/>>. Acesso em 24 mai. 2023.

EXAME. Brasileiros consideram líderes religiosos mais confiáveis que cientistas. **Agência Brasil**. Rio de Janeiro, 22 jul. 2019. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/brasileiros-consideram-lideres-religiosos-mais-confiaveis-que-cientistas/>>. Acesso em: 10 set. 2019.

EXAME. China e Irã dão as mãos em acordo estratégico de cooperação. **Exame**, Mundo, 15 jan. 2022. Disponível em: <<https://exame.com/mundo/china-e-ira-dao-as-maos-em-acordo-estrategico-de-cooperacao/>>. Acesso em: 05 mai. 2023.

FACEBOOK. **Olavo de Carvalho**. 11 out. 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/story.php?story_fbid=10156638835862192&id=698992191>. Acesso em: 24 out. 2024.

FARGONI, Everton Henrique Eleutério.; ZACARIAS, Mayna. **A ciência na anticiência**: notas epistemológicas em Bachelard, Fourez e Habermas. Cadernos da Pedagogia, v.15, n. 32, p. 174-184, mai-ago/2021.

FARGONI, Everton Henrique Euletério *et. al.* **Ciência e Sociedade Civil sob necropolíticas**. Revista de Estudos em Educação e Diversidade. v. 2, n. 3, p. 15-33, jan./mar. 2021. ISSN: 2675-6889. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/reed>>. Acesso em: 24 jan. 2023.

FÁVERO, Bruno *et. al.* **Posts antivacina contrariam regra do Twitter e alcançam mais de 147 mil interações**. Aos Fatos, 18 jun. 2021. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/posts-antivacina-contrariam-regra-do-twitter-e-alcancam-mais-de-147-mil-interacoes/>>. Acesso em: 18 jan. 2023.

FELIZMENTE. In: **Priberam**, Brasil, 2024. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/felizmente>>. Acesso em: 30 ago. 2024.

FERREIRA, Ivanir. Notícias falsas sobre covid exploraram aspectos culturais para manipular população. Jornal da USP, 11 set. 2023. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/noticias-falsas-sobre-covid-exploraram-aspectos-culturais-para-manipular-populacao/>>. Acesso em: 05 ma. 2025.

FIOCRUZ. **Manejo de infecção causada pelo novo coronavírus**. Módulo 1: Introdução ao novo coronavírus. Fiocruz, campus virtual, 2020. Disponível em: <<https://mooc.campusvirtual.fiocruz.br/rea/coronavirus/modulo1/aula2.html>>. Acesso em: 12 dez. 2022.

FOCINHEIRA. Priberan Dicionário, 2024. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/focinheira>>. Acesso em: 20 out. 2024.

FOER, Franklin. **O mundo que não pensa**. Franklin Foer: tradução de Débora Fleck. – Rio de Janeiro: LeYa, 2018.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Bug do milênio gera filme-catástrofe**. TV Folha, 22 ago. 1999. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/tvfolha/tv22089919.htm>>. Acesso em: 29 set. 2024.

FOUCAULT, Michael. **A ordem do discurso**. 5ª ed. São Paulo, Loyola; 1999.

FRANCISQUINHA. **Kits de medicamentos precoce para o tratamento da Covid-19.** Prefeitura de Granja, Ceará, 22 mai. 2020. Disponível em: <<https://granja.ce.gov.br/informa.php?id=799>>. Acesso em: 12 out. 2023.

G1. **Alex Jones, radialista que propagou fake news sobre o massacre em escola nos EUA, é condenado a pagar cerca de R\$ 5 bilhões em 2º julgamento.** Globo.com, Mundo, 12 out. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/10/12/alex-jones-radialista-que-propagou-fake-news-sobre-massacre-em-escola-nos-eua-e-condenado-a-pagar-cerca-de-r-5-bilhoes-em-2o-julgamento.ghtml>>. Acesso em: 02 nov. 2024.

G1. **Gol chama PF e impede que deputado federal embarque sem máscara no avião; ‘focinheira ideológica’, diz parlamentar.** Globo.com, São Paulo, 27 jan. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/01/27/gol-chama-pf-e-impede-que-deputado-federal-embarque-sem-mascara-em-aviao-focinheira-ideologica-diz-parlamentar.ghtml>>. Acesso em: 29 out. 2024.

G1. **Veja nova composição da Câmara dos Deputados em gráficos.** Rio de Janeiro, 04 out. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/eleicao-em-numeros/noticia/2022/10/04/veja-a-nova-composicao-da-camara-dos-deputados-em-graficos.ghtml>>. Acesso em: 28 out. 2024.

GAJUS, Brenda Neris.; ABRÃO, Rafael Almeida Ferreira.; SANTOS, Vitor Hugo dos. *Fake News em grupos bolsonaristas: a construção da China como inimigo.* **Observatório de Política Externa e da Inserção Internacional do Brasil (OPEB)**, 27 ju. 2021. Disponível em: <<https://opeb.org/2021/07/24/fake-news-em-grupos-bolsonaristas-a-construcao-da-china-como-inimigo/>>. Acesso em: 20 mai. 2023.

GENTILE, Fabio. **A direita brasileira em perspectiva histórica.** Plural – Revista de Ciências Sociais, vol. 25, núm 1, 2018, janeiro-junho, pp. 92-110. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/6497/649769992006/649769992006.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2023.

GHANI, Alan. **Fatos mostram que o governo chinês tem responsabilidade na pandemia de covid-19.** InfoMoney, 01 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.infomoney.com.br/colunistas/economia-e-politica-direto-ao-ponto/fatos-mostram-que-o-governo-chines-tem-responsabilidade-na-pandemia-do-covid-19/>>. Acesso em: 23 mai. 2023.

GHEDIN, Rodrigo. **Cinco dos dez canais que explodiram no ranking do YouTube durante as eleições são de extrema direita.** Intercept Brasil, 28 agos. 2019. Disponível em: <<https://www.intercept.com.br/2019/08/28/ranking-youtube-extrema-direita/>>. Acesso em: 24 out. 2024.

GIL, Maria Adán. **O que é slop? Entenda o que é esse novo tipo de praga que assola a internet.** Época Negócios, São Paulo, 19 mai. 2024. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/tecnologia/noticia/2024/05/o-que-e-slop-entenda-o-que-e-esse-novo-tipo-de-spam-que-assola-a-internet.ghtml>>. Acesso em: 30 jan. 2025.

GLÜCK, Eduardo Paré. **A heterogeneidade tecnoenunciativa no ecossistema Twitter em um conjunto de tuítes reunidos pela hashtag #divulgaçãocientífica.** Tese (doutorado) Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, 2024, 174 f. Disponível em:

<https://repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/13014/Eduardo%20GI%20c3%bcck_PROTEGIDO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 24 dez. 2024.

GONÇALVES, Alysso Pires. **Rede social na UM: um estudo de caso: análise e estratégias de utilização de portais situados na dinamização da rede social** - Flickr. 2008.99 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologias e Sistemas de Informação) - Departamento de Sistemas de Informação. Universidade do Minho, Portugal, 2008. Disponível em: Acesso em: 02 dez 2011.

GONÇALVES, Luana Santos; CECCHIN, Renan de Siqueira. Bots no *Twitter*: Análise Avaliativa de tweets não autênticos. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 11, n. 3, e2285, p. 502-525, set.- dez./2021. DOI: 10.22168/2237-6321- 32285. Disponível em: <<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/viewFile/2285/867>> . Acesso em: 18 mai. 2023.

GOVERNO FEDERAL. **Orientações do Ministério da Saúde para manuseio medicamentoso precoce de pacientes com diagnóstico da covid-19**. Brasília, 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/arquivos/orientacoes-manuseio-medicamentoso-covid19-pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2023.

GUERRA, Vânia Maria Lescano. A Análise do Discurso de Linha Francesa e a pesquisa nas Ciências Humanas. An. **Sciencult**. v.1., n.1., Parnaíba, 2009. Disponível em: <<https://anaisonline.uems.br/index.php/sciencult/article/view/3274/3247>>. Acesso em: 20 out.2024.

GUIDO, Gabriela. Bolsonaro diz que pretende ser candidato em 2026, mesmo inelegível. **Valor Econômico**, Política, 01 nov. 2024. Disponível em: <<https://valor.globo.com/politica/noticia/2024/11/01/bolsonaro-diz-a-revista-que-pretende-registrar-candidatura-em-2026-mesmo-inelegivel.ghtml>>. Acesso em: 01 nov. 2024.

GURGEL, Bia. Imunidade de rebanho e atraso nas vacinas impulsionaram mortes, diz relatório. **CNN Brasil**, Brasília, 19 out. 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/imunidade-de-rebanho-e-atraso-de-vacinas-impulsionaram-mortes-diz-relatorio/>>. Acesso em: 20 mai. 2023.

GUTIÉRREZ, Julio César Bonilla. Acesso à informação, jornalismo e *fake news*. **Revista da CGU**, 2022. Disponível em: <https://revista.cgu.gov.br/Cadernos_CGU/article/download/469/293/2507>. Acesso em: 30 out. 2023.

HAFIZ, Mariana Bochichi. **A Revolta da Vachina: ciência e política na desinformação sobre a vacina durante a Covid-19 no Brasil**. Dissertação – Universidade Estadual de Campinas, SP [s.n.], 2023.

HARDING, Susan.; STEWART, Kathleen. Tradutor: Bruno Reinhardt. Revisora: Vânia Z. Cardoso. **Ansiedades de Influência: Teoria de Conspiração e Cultura Terapêutica na América do Milênio**. Ilha, Florianópolis, v.23, n.3, p.214-239, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/80899>> Acesso em: 20 out. 2024.

HASHIGUTI, Simone.; FAGUNDES, Isabella Zaiden Zara. **O algoritmo como materialidade discursiva em um contexto de educação linguística**. Letras & Letras, Uberlândia, v.38, e3827, 2022. Disponível em: <DOI: 10.14393/LL63-v38-2022-27>. Acesso em: 23 out. 2024.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores**: Como as cores afetam a emoção e a razão. Olhares, 1ª ed. São Paulo, 2021.

HILGERT, José Gaston. Os problemas de compreensão na fala na perspectiva da construção interativa da compreensão. In: **Enunciação e Discurso**. Organizadoras: Maria da Glória di Fanti e Leci Borges Barbisan. São Paulo: Contexto, 2012.

IAMARINO, Átila. **O fim das realidades na rede**. YouTube, 17m06s; 31 jan. 2025. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=la5W4Y8JZ4E&list=LL&index=3>>. Acesso em: 31 jan. 2025.

IBRAHIM ISKANDAR, Jamil; RUTE LEAL, Maria **SOBRE POSITIVISMO E EDUCAÇÃO Revista Diálogo Educacional**, vol. 3, núm. 7, septiembre-diciembre, 2002, pp. 1-6 Pontifícia Universidade Católica do Paraná Paraná, Brasil. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1891/189118078007.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2023.

INSTITUTO GONÇALO MONIZ. **É #fake que mistura de vinagre de maçã e alho cure a Covid-19**. FioCruz Bahia, 28 ago. 2020. Disponível em: <https://www.bahia.fiocruz.br/e-fake-que-mistura-de-vinagre-de-maca-e-alho-cure-a-covid-19/>. Acesso em: 29 set. 2023).

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. **YouTube conduz usuários a vídeos radicais e de extrema direita, diz estudo**. 05 fev. 2020. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/596084-youtube-conduz-usuarios-a-videos-radicaais-e-de-extrema-direita-diz-estudo>>. Acesso em 23 out. 2024.

IPEA. **Atlas da Violência**, 2023. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/quem/3/sobre#:~:text=O%20Atlas%20da%20Viol%C3%Aancia%20%C3%A9,sobre%20viol%C3%Aancia%20e%20seguran%C3%A7a%20p%C3%ABlica.>>. Acesso em: 01 mar. 2023.

JUCÁ, Beatriz. Como o Conselho de Medicina silenciou diante do negacionismo de Bolsonaro e abraçou a cloroquina. **El País**, 15 out. 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-10-15/como-o-conselho-de-medicina-silenciou-diante-do-negacionismo-de-bolsonaro-e-abracou-a-cloroquina.html>>. Acesso em: 4 nov. 2023.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. Tradução: Paulo Quintela. Lisboa. Edições 70, 1997.

KEMP, Simon. **DIGITAL 2021: GLOBAL OVERVIEW REPORT**. 27 jan. 2021. Disponível em: <<http://datareportal.com/reports/digital-2021-global-overview-report>>. Acesso em: 20 ago. 2024.

KLEINA, Nilton. *Twitter* agora usa algoritmo para mostrar postagens; saiba como desativar. **Tecmundo**, 18 Mar. 2016. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/twitter/102538-twitter-usa-algoritmo-mostrar-postagens-saiba-desativar.htm>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

KRAMER, Jillian. **Por que as pessoas acreditam em teorias da conspiração?** Ciência explica. National Geographic, Brasil, 13 jan. 2021. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/ciencia/2021/01/por-que-as-pessoas-acreditam-em-teorias-da-conspiracao-a-ciencia-explica#:~:text=Sua%20pesquisa%20descobriu%20que%20pessoas,oferecem%20e>>

xplica%C3%A7%C3%B5es%20%C3%A0%20pr%C3%B3pria%20pandemia.>. Acesso em: 1 nov. 2023.

LACERDA FILHO, Walter Barbosa. Breve panorama da Análise do Discurso como Disciplina Científica. **Faculdades Cearenses**. Revista 2, v. 3, n. 1, artigo 4, 2012.

LACERDA, Nara. **Meta anuncia fim de ferramentas de checagem de fatos e se alia a ideias de extrema direita**. Brasil de Fato, São Paulo, 7 jan. 2025. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2025/01/07/meta-anuncia-fim-de-ferramentas-de-checagem-de-fatos-e-se-alia-a-ideais-de-extrema-direita>>. Acesso em: 10 jan. 2025.

LEWANDOWSKY, S. COOK, J. (2020). **O Manual das Teorias da Conspiração**. Disponível em: <https://www.climatechangecommunication.org/wp-content/uploads/2020/05/ConspiracyTheoryHandbook_Portuguese.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2023.

LOBO, Flávio. **Estamos vivendo uma epidemia de teorias da conspiração?** Veja o que dizem os estudos sobre o tema. ESTADÃO, Estadão Verifica, 22 jun. 2024. Disponível em: <[LOURENÇO, Ana. Retrospectiva 2015: Confirma os cinco fatos mais importantes do ano no Brasil. **Guia do Estudante**, Brasil. Publicado em: 24 dez. 2015. Atualizado em: 24 fev. 2017. Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/coluna/atualidades-vestibular/retrospectiva-2015-confirma-os-cinco-fatos-mais-importantes-do-ano-no-brasil>>. Acesso em: 28 ago 2024.](https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/teorias-da-conspiracao-aumentaram-estudos/#:~:text=A%20palavra%20qualifica%20a%20dissemina%C3%A7%C3%A3o,um%20avan%C3%A7o%20consistente%20do%20conspiracionismo.>>. Acesso em: 20 out. 2024.</p>
</div>
<div data-bbox=)

LÖWY, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. **Serv. Soc. Soc.**, n.124, p. 652-664, out/dez. 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sssoc/a/MFzdwxBBcNqHyKkckfW6Qn/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 18 mai. 2023.

LYNCH, Cristian.; CASSIMIRO, Paulo Henrique. **O populismo reacionário: ascensão e legado do bolsonarismo**. São Paulo, SP: Editora Contracorrente, 2022.

MACHADO, Uirá. Direita domina redes sociais e deixa esquerda para trás na batalha digital. São Paulo, SP (FolhaPress). In: **Jornal de Brasília**, 2023. Disponível em: <<https://jornaldebrasil.com.br/noticias/politica-e-poder/direita-domina-redes-sociais-e-deixa-esquerda-para-tras-na-batalha-digital/>>. Acesso em: 24 out. 2024.

MAGLIA, Cristiana. **Novos partidos de direita no Brasil (1990-2018): Ideologia, Estrutura Institucional e Mercado Eleitoral**. Tese, 227 f., Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, 2020. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/222944/001126877.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 10 out. 2024.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. Org. Sírio Possenti, Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. – São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. Trad. Sírio Possenti. 1 ed. São Paulo, Parábola Editorial, 2015.

MALERBA, João Paulo; FERNANDES, Rosangela. **Conspiracionismo e negacionismo político-midiático**: complementariedades discursivas entre Bolsonaro e Sikêra Júnior sobre a pandemia de Covid-10. *Revista Mídia e Cotidiano* – ISSN: 2178-602X, Artigo Seção Livre, Volume 15, Número 3, set./dez. de 2020. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/50961/30085>>. Acesso em: 28 ago. 2023.

MARCHESAN, Ricardo. Pandemia é o plano chinês para recuperar economia? País está sofrendo impacto. **UOL**, 19 mar. 2020. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/19/impactos-economicos-coronavirus-china.htm>>. Acesso em: 20 mai. 2023.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O que todo cidadão precisa saber sobre ideologia**. São Paulo/; Global, 1985.

MARIZ, Fabiana. Covid-19: como o vírus saltou de morcegos para humanos. **Jornal da USP**, Ciências, 19 set. 2020, São Paulo. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/covid-19-como-o-virus-saltou-de-morcegos-para-humanos/>>. Acesso em: 24 mai. 2023.

MARQUES, Júlia.; VARELLA, Thiago. ‘Quem não vota em Bolsonaro não é bem-vindo’: evangélicos abandonam igrejas. **UOL**, Cotidiano, 24 out. 2022. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/10/24/nao-consigo-ir-a-uma-igreja-evangelica-que-nao-demonize-a-esquerda.htm>>. Acesso em: 31 out. 2024.

MARQUES, Luiz. A ciência versus Bolsonaro. **Instituto Humanitas**, 26 abr. 2019. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/588619-a-ciencia-versus-bolsonaro>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

MASSARANI, Luisa.; LEAL, Tatiane.; WALZ, Igor. **O debate sobre vacinas em redes sociais**: uma análise exploratória dos *links* com maior engajamento. *Cad. Saúde Pública* 2020, 36 Sup 2:e00148319. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csp/a/wg8Tn5R77L5v7YKJGPNcRYk/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 10 set. 2024.

MASSUCHIN, Michelle Goulart; ORSO, Maíra; FRANK DE MOURA, Julia & MUHLBEIER SALEH, Dayane. (2022). “TRASH!”, “LEFTIST!”, “SCUMBAG!”, “#FAKENEWS”, BUT NOT SO MUCH: attacks and criticism towards media institutions and strategic use of journalism by online far-right activism in **Brazil** **Brazilian Journalism Research**, 18(3), 492–523. <https://doi.org/10.25200/BJR.v18n3.2022.1533>

MATIAS, Alexandre.; CUNHA, Vladimir. **Código de Barras é coisa de Satã?** *Superinteressante*, 31 out. 2016. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/tecnologia/codigo-de-barras-e-coisa-de-sata>>> Acesso em: 04 nov. 2024.

MATSUKI, Edgard. **Máscaras da China estão vindo com o número 666 (marca da besta) para o Brasil #boato**. *Boatos.org*, 28 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.boatos.org/religiao/mascaras-china-numero-666-marca-besta-brasil.html>>. Acesso em: 03 nov.2020.

MAZIÈRE, Francine. **A análise do discurso**: história e práticas. Tradução de Marcos Marcionilo. – São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MEDEIROS, Caciane Souza de. **Formação Ideológica**: o conceito basilar e o avanço da teoria. IV SEAD – Seminário de Estudos em Análise do Discurso. 1969-2009: Memória e história na/da Análise de Discurso. Porto Alegre, de 10 a 13 de novembro de 2009. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/4SEAD/SIMPOSIOS/CacianeSouzaDeMedeiros.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2024.

MEDEIROS, Josué.; LOIOLA, Paulo.; ANTUNES, Luísa. **As eleições presidenciais de 2022, as fake news e a crise da democracia**: um breve panorama sobre o embate entre o bolsonarismo e o janonismo cultural. Cadernos Adenauer XXIII (2022) nº 4. Disponível em: <<https://www.kas.de/documents/265553/19294631/Cad2022.4+web++cap%C3%ADtulo+4.pdf/af7f67eb-d420-c5fd-7e91-16e5779ca8a9?t=1670518395512>>. Acesso em: 03 nov. 2024.

MEIO E MENSAGEM. **Cresce o percentual de brasileiros que não confia em notícias**. MM, 16 jun. 2023. Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/midia/cresce-o-percentual-de-brasileiros-que-nao-confia-em-noticias>>. Acesso: 5 set. 2024.

MELLO, Bernardo. PORTINARI, Natália. Salto evangélico: **21 igrejas são abertas por dia no Brasil; segmento é alvo de Lula e Bolsonaro**. O GLOBO, 18 set. 2022. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/09/salto-evangelico-21-igrejas-sao-abertas-por-dia-no-brasil-segmento-e-alvo-de-lula-e-bolsonaro.ghtml>>. Acesso em: 01 nov. 2024.

MELLO, Patrícia Campos. **A máquina do ódio**: notas de uma repórter sobre *fake news* e violência digital. 1. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2020.

MELO, Lafayette Batista. Aforização em redes sociais: o discurso na interação humano-computador-humano. **Anais do 6º Workshop sobre Aspectos da Interação Humano-Computador para a Web Social (WAIHCWS'15)**. Unidade Acadêmica de Informática – IFPB: João Pessoa, PB – 2015.

MIGLIOLI, Sarah.; SOUZA, Rosali Fernandes de. Aspectos sociais da ciência da informação e o uso da informação por sujeitos surdos na *web*. In: **Sujeitos em ambientes virtuais**: Festschriften para Stella Maris Bortoni-Ricardo. Organização: Maria Cecília de Magalhães Mollica, Cynthia Aparecida Pereira Patusco Gomes da Silva; Hadinei Ribeiro Batista. 1. ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p.49-65.

MIGUEL, Luis Felipe. **O ódio como política**: a reinvenção da direita no Brasil. Organização: Esther Solano Gallego. 1. ed. São Paulo, Boitempo, 2018.

MIRANDA, Mariany Silva.; PENTEADO, Claudio Luis de Camargo. **Descrédito no sistema eleitoral brasileiro**: as narrativas em disputas no *Twitter* e os influenciadores digitais nas eleições de 2022. Ver. Bras. De Iniciação Científica (RBIC), IFSP Itapetininga, v.11, e024030, p.1-28, 2024. Disponível em: <<https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/rbic/article/view/1419/623>>. Acesso em: 24 out. 2024.

MONARI, A. C. P., ARAÚJO, K. M. de, SOUZA, M. R. de, & Sacramento, I. (2021). **Disputas narrativas e legitimação**: análise dos argumentos de Bolsonaro sobre vacinação contra covid-19 no *Twitter*. *Liinc Em Revista*, 17(1), e5707. Disponível em: <<https://doi.org/10.18617/liinc.v17i1.5707>>. Acesso em: 18 jan. 2023.

MONARI, Ana Carolina Pontalti.; SACRAMENTO, Igor. A “vacina chinesa de João Doria”: a influência da disputa política-ideológica na desinformação sobre a vacinação

contra a Covid-19. **Revista Mídia e Cotidiano**. ISSN: 2178-602X. Artigo Seção Temática. Volume 15, Número 3, set/dez de 2021. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Ana-Monari/publication/354960127_A_vacina_chinesa_de_Joao_Doria_a_influencia_da_disputa_politico-ideologica_na_desinformacao_sobre_a_vacinacao_contra_a_Covid-19/links/6155baee61a8f466708f40c1/A-vacina-chinesa-de-Joao-Doria-a-influencia-da-disputa-politico-ideologica-na-desinformacao-sobre-a-vacinacao-contra-a-Covid-19.pdf>. Acesso em: 04 set. 2024.

MONNERAT, Alessandra. Montagem de Doria pichando símbolo do comunismo viraliza no *Facebook*. **Estadão**, São Paulo, Brasil, 12 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/montagem-de-doria-pichando-simbolo-do-comunismo-viraliza-no-facebook/>>. Acesso em: 02 set. 2024.

MORAIS, Argus Romero Abreu de.; OLIVEIRA, Emerson A.; MORAIS, Pablo Abreu de. **Análise Quantitativa de Substantivos, Verbos e Adjetivos do discurso político da nova direita brasileira a partir de textos coletados no *Twitter***. Alfa, São Paulo, v. 65, 12593, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/alfa/a/JDccY8tWCYg9WsVmf748hM/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 23 set. 2024.

MOTTA, Anaís. Quem são e o que fazem os empresários bolsonaristas que defenderam o golpe. **UOL**, São Paulo, 18 ago. 2022; atualizado em 23 ago. 2022. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2022/08/18/quem-sao-os-empresarios-bolsonaristas-que-defenderam-golpe-segundo-site.htm>>. Acesso em: 22 out. 2024.

NARCISO, Luiz Fernando Santos. **“CURTIR”**: reflexões sobre um festo enunciativo no *Facebook*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Uberlândia. 2015.

NARZETTI, Claudiana Nair Pothin. Ferdinand de Saussure e a produção do objeto da Análise de Discurso. **Gragoatá**, Niterói, v.22, n.44, p.1087-1102, set-dez. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33550/19537>>. Acesso em: 12 jan. 2025.

NASCIMENTO, André. **Realismo fake**: Baudrillard, Covid-19, memes e o assombro comunista. REGIT, Fatec-Itaquaquecetuba, SP, v. 16, n. 2, p. 21-31, jul/dez 2021

NASSIF, Luis. Nassif: Olavo de Carvalho ajudou a trazer ao Brasil o jornalismo de ódio. **Brasil 247**, 25 jan. 2022. Disponível em: <<https://www.brasil247.com/midia/nassif-olavo-de-carvalho-ajudou-a-trazer-ao-brasil-o-jornalismo-de-odio>>. Acesso em: 5 set. 2022.

NEVES, Flávia. Postagem ou post. **Dúvidas de Português**, 2019. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/postagem-ou-post/>>. Acesso em: 15 set. 2019.

NOGUEIRA, Alexandre. Algoritmo do *Google*: quais são e por que você deve conhecê-los. **HostGator blog**, 13 abr. 2022. Disponível em: <<https://www.hostgator.com.br/blog/algoritmo-google-quais-sao/>>. Acesso em: 24 mai. 2023.

NOGUEIRA, André. Nelson Rodrigues também não acreditava em tortura na ditadura, até que aconteceu com quem ele amava... Aventuras na História, Matérias/Ditadura, 08 jul. 2019. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/nelson-rodrigues-tambem->

nao-acreditava-em-tortura-na-ditadura-ate-que-aconteceu-com-quem-ele-amava.phtml>. Acesso em: 01 nov. 2024.

NOVAES, Roberto Leonan Morim. **Morcegos são culpados pela pandemia de COVID-19?** Sociedade Brasileiro de Mastozoologia – SBMZ, 10 ago. 2020. Disponível em: <<https://sbmz.org/morcegos-sao-culpados-pela-pandemia-de-covid-19/>>. Acesso em: 24 mai. 2023.

OHIO STATE UNIVERSITY. Both liberals and conservatives have anti-science biases, study finds. **Psypost**, fev. 10, 2015. Disponível em: <<https://www.psypost.org/2015/02/liberals-conservatives-anti-science-biases-study-finds-31626>>. Acesso em: 13 set. 2020.

OLIVEIRA, A.S.T de.; NASCIMENTO, D. F. do.; SCHYRA, G. A. do C. Da melancolia à ironia: o discurso dissimulado da contemporaneidade em Black Mirror. **Texto Digital**, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, v. 10, n. 2, p. 25-40, jul./dez. 2014. ISSN: 1897-9288. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2014v10n2p25>>. Acesso em: 24 mai. 2023.

OLIVEIRA, Joana. Bolsonaro é “líder e porta-voz” das ‘fake news’ no país, diz relatório final da CPI da Pandemia. **El País**, 20 out. 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-10-20/bolsonaro-e-lider-e-porta-voz-das-fake-news-no-pais-diz-relatorio-final-da-cpi-da-pandemia.html>>. Acesso em: 04 nov. 2024.

OLIVEIRA, S. C., and QUEIROZ, L. F. N. **O Reino Unido diante da Covid-19: hesitação política e capacidade de resposta de um sistema de saúde universal**. In: MACHADO, C. V., PEREIRA, A. M. M., and FREITAS, C. M., eds. **Políticas e sistemas de saúde em tempos de pandemia: nove países, muitas lições** [online]. Rio de Janeiro, RJ: Observatório Covid-19 Fiocruz; Editora Fiocruz, 2022, pp. 177-204. Informação para ação na Covid-19 series. ISBN: 978-65- 5708-129-7. Disponível em: <<https://books.scielo.org/id/t67zr/pdf/machado-9786557081594-07.pdf>>. Acesso em: 3 mai. 2023.

OLIVEIRA, Thaianne.; QUINAN, Rodrigo.; TOTH, Janderson. Antivacina, fosfoetanolamina e Mineral Miracle Solution (MMS): mapeamento de *fake sciences* ligadas à saúde no *Facebook*. **RECIIS**, v. 14, n. 1, p. 90-111, 2020. Disponível em: <<http://doi.org/10.29397/reciis.v14i1.1988>>. Acesso em: 20 ju. 2024.

OPAS. Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a Covid-19. **Organização Pan-Americana da Saúde**. 2020. Disponível em: <https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf>. Acesso em: 1 out. 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Covid-19: novos casos fora da China são nove vezes maiores que na nação asiática, doença afeta 61 países. **ONU**, 17 mar. 2020. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2020/03/1705851>>. Acesso em: 30 abr. 2023.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 11. ed. Campinas, SP: Pontes, 2013.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 8ª ed. São Paulo, Editora Pontes; 2009.

ORLANDI, Eni P. **Ciência da Linguagem e Política: anotações ao pé das letras**.

Campinas – SP, Pontes Editores, 2014.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Terra à vista** – Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo. 2. ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

ORLANDI, P. Eni. **A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil**. Universidade de São Paulo - Ciências da Linguagem, ECA, USP, 2024. Disponível em: <https://cienciaslinguagem.eca.usp.br/Orlandi_AnaliseDeDiscurso.pdf>. Acesso em: 1 set. 2024.

ORLANDI, P. Eni. **Cidade dos Sentidos**. Campinas, SP: Pontoes, 2004.

ORLANDI, P. Eni. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. 4ª Edição, Pontes Editores, Campinas, SP, 2012.

PANKIEWICZ, Igor. **Chip Mondex e a Marca da Besta: realidade ou ficção das mais fantasiosa?** Tecmundo, 08 set. 2014. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/cartao-de-credito/61719-chip-mondex-marca-besta-realidade-ficcao-fantasiosas.htm>>. Acesso em: 04 nov. 2024.

PASINATTO, Rubimara. **Fake News em tempos de pandemia: o funcionamento discursivo das notícias falsas e o modo como contribuem para desacreditar a ciência**. In: **Discurso e Sociedade: a linguagem em diferentes perspectivas**. Org.: Antonio Escandiel de Souza, Carla Rosane da Silva Tavares Alves, Fábio César Junges. Cruz Alta: Ilustração, 2020.

PATRIOTA VOLTOU. **Twitter**. Holanda, Países Baixos, 2023. Disponível em: <<https://x.com/PATRIOTA>>. Acesso em: 20 out. 2024.

PÊCHEUX, Michael. **Análise de Discurso**. Textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi. Pontes, 2022.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. – 5ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

PERCASSI, Jade. Entenda o que é algoritmo, e como ele te influencia no mundo digital. Por Ana Lúcia Caldas in: **Rádio Agência Nacional**, 28 mar. 2023. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/geral/audio/2023-03/entenda-o-que-e-o-algoritmo-e-como-ele-te-influencia-no-mundo-digital>>. Acesso em: 24 mai. 2023.

PEREIRA, Lucilene Silva Almeida. **A imagem como linguagem: linguagem visual e seus elementos básicos**. Trabalho de Conclusão de Curso (Artes Visuais) – Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Brasília, p. 47, 2013. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/6534/1/2013_LucileneSilvaAlmeidaPereira.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2022.

PEREZ OLIVEIRA, Rodrigo. **O negacionismo científico olavista: a radicalização de um certo regime epistemológico**. In: KLEM, B.; PEREIRA, M.; ARAÚJO, V. (org.). *Do fake ao fato: (des)atualizando Bolsonaro*. Vitória: Milfontes, 2020.

PRADELLA, Lyncon. Trump é mais popular que Jesus no *Twitter*. **Olhar Digital**, 12 nov. 2022. Disponível em: <<https://olhardigital.com.br/2022/11/12/internet-e-redes-sociais/trump-e-mais-popular-que-jesus-no-twitter/>>. Acesso em: 20 dez. 2022.

PRADO, Michele. **Tempestade ideológica: Bolsonaroismo, a alt-right e o populismo**

iliberal no Brasil. São Paulo, SP. Ed: Lux, 2021.

QUENTAL, Abel João Ribeiro Pacheco. **Doomer: Memes, redes sociais, desinformação e o crescimento da extrema-direita.** Dissertação. Universidade de Lisboa. 2022. 132p.

QUESTÕES INTELIGENTES OAB. “Bandido bom é bandido morto”, dizem 60% dos brasileiros. **JusBrasil**, 2017. Disponível em: <<https://examedaoab.jusbrasil.com.br/noticias/401711699/bandido-bom-e-bandido-morto-dizem-60-dos-brasileiros>>. Acesso em: 28 fev. 2023.

QUINAN, Rodrigo et al. A culpa é da China! O discurso sino-conspiratório no governo Bolsonaro em tempos de Covid-19. Dossiê Guerras Culturais. **Revista Eco Pós**. ISSN 2175-8689 – v.24, n.2, 2021.

REBELLO, Aiuri. ‘QAnon brasileiro’ segue firme nas redes e se mostra alinhado a movimentos de teorias conspiratórias dos EUA. **El País**, 13 fev. 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-02-13/qanon-brasileiro-segue-firme-nas-redes-e-se-mostra-alinhado-a-movimento-de-teorias-conspiratorias-dos-eua.html>>. Acesso em: 23 fev. 2023.

RECUERO, Raquel; SOARES, Felipe Bonow. **O Discurso Desinformativo sobre a cura da Covid-19 no Twitter.** Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - ISSN 1808-2599, v. 24, jan–dez, publicação contínua, 2021, p. 1–29. doi.org/10.30962/ec.2127ID 2127 - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Disponível em: <<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2127/2008>>. Acesso em: 20 out. 2023.

REDAÇÃO. Os fatos do ano que marcaram o Brasil em 30 fotos. **REVISTA EXAME**, Brasil, publicado em: 22 dez. 2014; atualizado em: 13 set. 2016. Disponível em: <<https://exame.com/brasil/os-fatos-do-ano-que-marcaram-o-brasil-em-30-fotos/>>. Acesso em: 28 ago. 2024.

REDE BRASIL ATUAL. Depois de milhares de mortos, Ministério da Saúde reconhece ineficácia do Kit Covid. **Brasil de Fato**, 14 jul. 2021. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/07/14/depois-de-milhares-de-mortos-ministerio-da-saude-reconhece-ineficacia-do-kit-covid>>. Acesso em: 12 nov. 2023.

RIBEIRO, Helena Gabrielle Souza.; SILVA, Isadora Rodrigues Moreira da. **O Twitter como plataforma da produção simbólica do campo conservador.** XVIII Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura – ENECULT 18; 09 a 12 ago., Salvador – BA. Disponível em: <<http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-607/139371.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2023.

RIBEIRO, Jéssica. MBL: entenda o que é e como surgiu o Movimento Brasil Livre. **Metrópoles**, São Paulo, Brasil. Postado e atualizado em: 01 mar. 2022. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/historia-em-fotos/mbl-entenda-o-que-e-e-como-surgiu-o-movimento-brasil-livre>>. Acesso em: 03 set. 2024.

RIBOLI, E.; ARTHUR, JP.; MANTOVANI, M de F. No epicentro da epidemia: um olhar sobre a Covid-19 na Itália. **Cogitare enferm.** [Internet], 2020. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/72955/pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2023.

ROBERTO NETTO, Paulo. STF autoriza ex-deputado Daniel Silveira a cumprir pena em regime semiaberto. Notícias STF, Brasília, 07 out. 2024. Disponível em>:

<<https://noticias.stf.jus.br/postsnoticias/stf-autoriza-ex-deputado-daniel-silveira-a-cumprir-pena-em-regime-semiaberto/>>. Acesso em: 30 out. 2024.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Bolsonarismo: da guerra cultural ao terrorismo doméstico. Retórica do ódio e dissonância cognitiva coletiva.** 1. ed.; 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra Cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político.** Goiânia: Caminhos, 2021.

ROSSETTO, Graça.; CARREIRO, Rodrigo.; ALMADA, Maria Paula. *Twitter e comunicação política: limites e possibilidades.* **Revista Compolítica**, n.3, vol.2, ed. Jul-dez, ano 2013. Disponível em: <<https://revista.compolitica.org/index.php/revista/article/view/49/51>>. Acesso em: 22 out. 2024.

ROTHER, Larry. A pandemia tem um culpado: a China! **O Globo**, Época, 20 mar. 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/epoca/larry-rother/a-pandemia-tem-um-culpado-china-1-24315628>>. Acesso em: 20 mar. 2023.

SAKAMOTO, Leonardo. No Brasil, 9% não querem tomar vacina contra covid; 7% creem na Terra plana. **UOL**, 16 ago. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/08/16/no-brasil-9-nao-quer-tomar-vacina-contr-a-covid-e-7-cre-na-terra-plana.htm>>. Acesso em: 7 set. 2020.

SALAS, Javier. Você não pode convencer um terraplanistas e isso deveria te preocupar. **El País**, 3 mar. 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/27/ciencia/1551266455_220666.html>. Acesso em: 09 set. 2020.

SALDANHA, Patrícia Gonçalves; SOUZA, Daniel Reis Romero de. Movimento *QAnon* e a religiosidade hackeada: big data, algoritmos e a captura da razão. **VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Cotidiano.** Disponível em: <http://designnleitura.net.br/8sipmc/files/gt1_006_18188.pdf#1>. Acesso em: 18 mai. 2023.

SANTAELLA, Lucia.; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do *Twitter*.** São Paulo: Paulus, 2010. – Coleção Comunicação.

SANTOS JUNIOR, Marcelo Alves.; NICHOLS, Bruno Washington. **Modelos de financiamento da desinformação: uma análise de monetização de *websites* hiperpartidários de direita.** E-Compós, Brasília, 20 mai. 2024. Disponível em: <<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/3021/2160>>. Acesso em: 19 out. 2024.

SANTOS, Boaventura Sousa. **Um discurso sobre as ciências.** 7. ed. – São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Kátia Alexandra dos. Análise do Discurso e Psicanálise. **Interfaces**, Guarapuava, vol. 3, n. 1 (jul 2012), p. 39-47. ISSN 2179-0027.

SASAKI, Fábio. Resumo Atualidades: a era da pós-verdade. **Guia do Estudante**, 13 Set. 2019. Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/coluna/atualidades-vestibular/resumo-atualidades-a-era-da-pos-verdade>>. Acesso em: 15 set. 2019.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral.** 26.ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

SCARDOELLI, Anderson. China prende mais de 17 mil pessoas em aeroporto de Xangai. **Revista Oeste**, Brasil, 23 nov. 2020. Disponível em: <<https://revistaoeste.com/mundo/china-prende-17-mil-pessoas-em-aeroporto-de-xangai/>>. Acesso em: 30 ago. 2024.

SCHNEIDER, Jens. Discursos simbólicos e símbolos discursivos: considerações sobre a etnografia da identidade nacional. *MANA* 10 (1): 97-129. 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/mana/a/NhCVkJDhQd3YHvPFJsGrLyh/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 25 set. 2024.

SCHOSSLER, Alexandre. **Reino Unido errou ao não impor logo lockdown, diz relatório**. DW, política, 12 out. 2021. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/reino-unido-errou-ao-n%C3%A3o-impor-logo-lockdown-diz-relat%C3%B3rio-do-parlamento/a-59482454>>. Acesso em: 05 jan. 2025.

SECRETARIA DE SAÚDE DE CAMPINAS. **Raiva**. Vigilância em Saúde; Vigilância Epidemiológica. Campinas, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://saude.campinas.sp.gov.br/doencas/raiva/raiva_inf_gerais.htm#:~:text=A%20principal%20doen%C3%A7a%20que%20os,%2C%20portanto%2C%20NUNCA%20O%20MANIPULE.>>. Acesso em: 24 mai. 2023.

SECRETARIA DE SAÚDE DO PARANÁ. **O que é a Raiva?** Curitiba, 2023. Disponível em: <<https://www.saude.pr.gov.br/Pagina/Raiva#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20Raiva%3F,g%C3%AAnero%20Lyssavirus%2C%20da%20fam%C3%ADlia%20Rabhdoviridae.>>>. Acesso em: 24 mai. 2023.

SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias. **Obscurantismo e anticientificismo no Brasil bolsonarista**: anotações sobre a investida protofacista contra a inteligência e a ciência no Brasil. Cadernos GPOSSHE On-line. Fortaleza, v.2, n. Especial, 2019. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/235714592.pdf>>. Acesso em: 4 set. 2024.

SENSO INCOMUM. “Felizmente nada parecido acontecerá no Brasil, porque o Dória vai vacinar todo mundo de livre vontade- e a mídia chamará quem se recusar de ‘anticientífico’”. **Twitter**, 23 nov. 2020. Disponível em: <[https://x.com/search?lang=pt&q=D%C3%B3ria%20vai%20vacinar%20todo%20mundo%20de%20livre%20vontade%20\(from%3Asensoinc\)%20until%3A2020-11-30%20since%3A2020-11-01&src=typed_query](https://x.com/search?lang=pt&q=D%C3%B3ria%20vai%20vacinar%20todo%20mundo%20de%20livre%20vontade%20(from%3Asensoinc)%20until%3A2020-11-30%20since%3A2020-11-01&src=typed_query)>. Acesso em: 20 jul. 2024.

SFEZ, Lucien. **Técnica e ideologia**: uma questão de poder. Trad. Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

SILVA, Daniel Neves. Ronald Reagan; **Brasil. Escola**. Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/biografia/ronald-wilson-reagan.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

SILVA, Ellen Fernanda Gomes da. & SANTOS, Ms. Suely Emilia de Barros. **O impacto e a influência da mídia sobre a produção da subjetividade**. Associação Brasileira de Psicologia. XV ENABRAPSO, 2009. Disponível em: <https://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/447.%20o%20impacto%20e%20a%20influ%C4Ancia%20da%20m%C3%ADdia.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2024.

SILVA, Luiz Gustavo Ferreira da.; ABRÃO, Rafael Almeida Ferreira.; RODRIGUES, Vanessa Cristina Pitondo.; SILVA, Vítor Gabriel da. Comércio Brasil-China e seus três

pilares: soja, petróleo e minério de ferro. **Observatório de Política Externa e da Inserção Internacional do Brasil** (OPEB), 21 abr. 2021. Disponível em: <<https://opeb.org/2021/04/24/comercio-brasil-china-e-seus-tres-pilares-soja-petroleo-e-minerio-de-ferro/>>. Acesso em: 15 mai. 2023.

SILVA, Pedro. O que está por trás do uso excessivo do termo comunista para ofender opositores do Bolsonaro? **Brasil de Fato**, Ceará, Brasil, 06 out. 2021. Disponível em: <<https://www.brasildefatoce.com.br/2021/10/06/o-que-esta-por-tras-do-uso-excessivo-do-termo-comunista-para-ofender-opositores-de-bolsonaro>>. Acesso em: 3 set. 2024.

SILVA, Segislane Moésia Pereira; MACIEL, Valnise Verás; FRANÇA, Marlene Helena de Oliveira. **Conservadorismo como instrumento capitalista em tempos de barbárie**. Espaço temático: Direitos Humanos, Democracia e Neoconservadorismo. *Katálysis* 23 (02); mai-ago, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rk/a/85M8JfffpDjxny99VGGJrLc/?lang=pt>>. Acesso em: 23 jan. 2023.

SILVEIRA, Juliana da. **Rumor(es) e humor(es) na circulação de hashtags do discurso político ordinário no Twitter**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Letras. Maringá, 2015. 210 f.

SOARES, Ingrid. Bolsonaro volta a falar sobre fechamento do comércio: ‘vai quebrar tudo’. **Estado de Minas**, 03 abril. 2020. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/04/03/interna_politica,1135313/bolsonaro-sobre-fechamento-do-comercio-vai-quebrar-tudo.shtml>. Acesso em: 04 nov. 2023.

SOUZA, Pedro. De como se perder na tradução. In: **Sobre discurso e tradução**. / Andréia Guerini, Walter Cardoso Costa (org.) - - Tubarão: Ed. Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2014, p.13-26.

SUDRÉ, Lu. Covid: entenda como Inglaterra derrubou taxa de contágio após terceiro *lockdown*. **Brasil de Fato**, Internacional, São Paulo, 8 mar. 2021. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/03/08/com-taxa-de-contagio-em-queda-inglesa-inicia-reabertura-apos-terceiro-lockdown>>. Acesso em: 22 mai. 2023.

SUDWORT, John.; MAYBIN, Simon. Origem da covid: ex-cientista-chefe chinês não descarta escape do vírus de laboratório. *BBC*, 30 mai. 2023. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c97n591j401o>>. Acesso em: 05 nov. 2024.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. Esclarecimento sobre decisões do STF a respeito do papel da União, dos estados e dos municípios na pandemia. **Portal STF**, Brasília, 19 jan. 2021. Disponível em: <<https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=458810&ori=1>>. Acesso em: 26 jun. 2023.

TEIXEIRA, João Carlos. 1974: o início do fim da ditadura. **Senado Federal**, Brasília, 25 out. 2024. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2024/10/1974-o-inicio-do-fim-da-ditadura>>. Acesso em: 18 out. 2024.

TEIXEIRA, Marcelle Medeiros; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. Deu ruim na *hashtag*! Bots e pandemia de *fake news* em tempos de covid-19: o caso *#fechadocombo(l)sonaro*. **Revista Internacional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, V.

6, N. Especial III = p. 328-347 (jun-out 2020): “Educação e Democracia em Tempos de Pandemia”. DOI: 10.12957/riac.2020.51544. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riac/article/view/51544/35777>>. Acesso em: 19 mai. 2023.

TERRA. “Bolsonaro pegou o bônus da identidade evangélica, mas não o ônus de presidente crente”. 18 abr. 2024. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/bolsonaro-pegou-o-bonus-da-identidade-evangelica-mas-nao-o-onus-de-presidente-crente,d1c88c0b8b6d6c4b364579ee0c0d9b8fx12vqeto.html>>. Acesso em: 31 out. 2024.

TILLEY, James. Por que as pessoas acreditam em teorias da conspiração. **BBC News**, 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-47209429>>. Acesso em: 10 set. 2019.

TRADUTOR DE DIREITA. “Cê curte uma dose de comunismo e sofisticação ao estilo chinês?” **Twitter**, Brasil, 18 abr. 2020. Disponível em: <<https://twitter.com/TradutordoBR/status/1251595730961068032>>. Acesso em: 20 mar. 2023.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **Por maioria de votos, TSE Declara Bolsonaro inelegível por 8 anos**. Brasília, 30 jun. 2023. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Junho/por-maioria-de-votos-tse-declara-bolsonaro-inelegivel-por-8-anos>>. Acesso em: 24 out. 2024.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Por que o ano 2000 pode afetar os computadores**. Espaço Aberto, Arquivo, dez. 1999. Disponível em: <<https://www.usp.br/espacoaberto/arquivo/1999/dezembro99/noticias.html>>. Acesso em: 20 out. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL SANTA MARIA. Novo Coronavírus foi criado em laboratório por chineses? **Revista Arco** – Jornalismo Científico e Cultural. Publicado em 23 mar. 2020; atualizado em 04 fev. 2021. Disponível em: <<https://www.ufsm.br/midias/arco/mitometro-coronavirus-foi-criado-em-laboratorio-por-chineses>>. Acesso em: 24 abr. 2024.

UOL. Ministério da Saúde avalia distribuir ‘kit covid’ de graça na Farmácia Popular. **UOL Notícias**, 16 set. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/09/16/ministerio-da-saude-avalia-distribuir-kit-covid-de-graca-no-farmacia-popular.htm>>. Acesso em: 13 out. 2023.

UOL. **O que é QAnon**, movimento a favor de Trump que é visto pelo FBI como ameaça, 26 ago. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2020/08/26/o-que-e-qanon-o-movimento-conspiracionista-a-favor-de-trump-que-e-visto-pelo-fbi-como-ameaca.htm>>. Acesso em: 13 set. 2020.

UOL. Quem é Tucker Carlson, jornalista conservador que entrevistou Bolsonaro. **UOL**, Internacional, São Paulo, 30 jun. 2022. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2022/06/30/quem-e-tucker-carlson-jornalista-conservador-que-entrevistou-bolsonaro.htm>>. Acesso 20 mai. 2023.

VALENTE, Mariana Reis Mendes.; SILVA, Maurílio Luiz Hoffmann da. **A utilização do Twitter na campanha política e sua aplicação no Tocantins**: estudo de caso do perfil do candidato a Governador eleito Siqueira Campos. Artigo apresentado no GT 8 – Audiências, interatividade e rede Social, no Congresso Pan-americano de

Comunicação 2010, realizado em Brasília, nos dias 30 de novembro a 3 de dezembro de 2010. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/panam/pdf/GT3_Art3_Val.pdf>. Acesso em: 1 set. 2019.

VELASCO, Clara.; ROCHA, Gessyca. **Fato ou fake:** Por que as pessoas acreditam em *fake news*? G1, Rio de Janeiro, 07 mar. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2022/03/07/fato-ou-fake-por-que-as-pessoas-acreditam-em-fake-news.ghtml>>. Acesso em: 15 out. 2024.

VENTURA, Deisy. **O sentido e o impacto da retirada dos Estados Unidos da OMS.** Jornal da USP, São Paulo, 21 jan. 2025. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/articulistas/deisy-ventura/o-sentido-e-o-impacto-da-retirada-dos-estados-unidos-da-oms/>>. Acesso em: 25 jan. 2025.

VIAGEM NA ITÁLIA. Vivendo uma mudança na história da humanidade: cronologia do coronavírus na Itália. **Viagem na Itália**, O mundo em que vivemos, 01 abr. 2022. Disponível em: <<https://viagemitalia.com/cronologia-coronavirus-na-italia/#janeiro-2020>>. Acesso em: 30 abr. 2023.

VIEIRA, Anderson. Decisão do STF sobre isolamento de estados e municípios repercute no Senado. **Senado Notícias**, Brasília, 16 abr. 2020. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/04/16/decisao-do-stf-sobre-isolamento-de-estados-e-municipios-repercute-no-senado>>. Acesso em: 15 set. 2023.

VIEIRA, Júlia. Veja como fica a nova formação do Senado Federal. **CNN Brasil**, 03 out. 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/como-fica-a-nova-formacao-do-senado-federal-veja-estimativa/>>. Acesso em: 19 out. 2024.

VIEIRA, Liszt. O Brasil e o avanço da extrema direita. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 2 abr. 2024. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/o-brasil-e-o-avanco-da-extrema-direita/>>. Acesso em: 18 out. 2024.

VIEIRA, Oscar Vieira et al. **Supremacia e Infralegalismo Autoritário:** o comportamento do Supremo Tribunal Federal durante o governo Bolsonaro. NOVOS ESTUD. II CEBRAP II SÃO PAULO II V41n03 II 591-605 II SET.–DEZ. 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/nec/a/MhZGQpCF7MTNfVF5BFsvrnv/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 24 set. 2023.

WALLACE, Arturo. *QAnon*: como e por que grupos ligados a teoria da conspiração estão se multiplicando na América Latina. **BBC Brasil**, 1 set. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53980307>>. Acesso em: 13 set. 2020.

WENDLING, Mike.; FITZGERALD, James. **Trump teria sido condenado por interferência eleitoral, diz Departamento de Justiça dos EUA.** BBC News Brasil, São Paulo, 14 jan. 2025. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cpvmz73w3gzo>>. Acesso em: 15 jan. 2025.

WILKER, Nikelen A. **Curandeirismo:** um outro olhar sobre as práticas de cura no Brasil do século XIX. *Vydia*, v.19, n. 34, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/VIDYA/article/view/523>>. Acesso em: 9 set. 2023.

XINHUA Português. Xi diz que China está pronta para se unir ao Irã e à comunidade internacional pela vitória final sobre Covid-19. **XINHUANET**, 28 abr 2020.

Disponível em: <http://portuguese.xinhuanet.com/2020-04/28/c_139014459.htm>. Acesso em: 20 mai. 2023.

ZANETTE, Nathália. **Algoritmo de recomendação do Twitter é revelado**: o que podemos aprender com ele? Prime Soft, *Blog* de Marketing Digital, 19 abr. 2023. Disponível em: <<https://www.primesoft.com.br/blog/algoritmo-de-recomendacao-do-twitter-e-revelado-o-que-podemos-aprender-com-ele/>>. Acesso em: 22 out. 2024.